

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Ministério da Educação - Departamento de Gestão de Recursos Educativos, a Licença Sabática concedida para a realização desta Dissertação. Sem ela, este trabalho não teria sido viável, incluindo a viagem ao Arquivo Nacional de Literatura, em Marchbach, na República Federal da Alemanha, para concluir a investigação necessária.

O meu sentido agradecimento à minha mãe, à tia Luisete e à memória de meu pai, pela enorme força e incentivo dados, encorajando-me a prosseguir a realização deste estudo, nos momentos de maior desânimo.

À minha irmã, cunhado e sobrinhos, o Pedro e o Renato, manifesto também o meu vivo reconhecimento pelo apoio moral sempre prestado. A viver em terras do oriente, a distância não impediu o seu envolvimento instigador neste projecto. Igualmente para eles, „a Bettina“ – entre nós afectuosamente assim designada - passou a fazer parte do núcleo familiar.

A minha gratidão estende-se ainda a todos os colegas, amigos e parentes que, de diversas formas, contribuíram para que a concretização desta investigação fosse possível. A sua palavra de estímulo, o material facultado, as informações concedidas, foram uma preciosa ajuda.

Finalmente, uma referência especial à Senhora Professora Doutora Fernanda Gil Costa. Ela foi um elemento imprescindível em todo o processo, por isso, gostaria de lhe exprimir uma palavra de profunda e sincera gratidão pela confiança que desde início em mim depositou, pelo constante e entusiástico apoio, pela paciência e disponibilidade que sempre demonstrou, não apenas ouvindo os meus desalentos, as minhas dúvidas, hesitações, e dificuldades mas também com as sugestões e críticas construtivas – advindas do seu vasto conhecimento e larga experiência - que enriqueceram esta minha reflexão, traduzindo-se naquilo que se pode verdadeiramente entender por orientação de uma tese de Mestrado.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	6
1.1. O tema e a sua importância	8
1.2. Os objectivos	9
II. BETTINA VON ARNIM E A SUA ÉPOCA	
2.1. Notas prévias sobre Bettina e a sua obra	10
2.2. Bettina e o Romantismo	22
2.3. Bettina e a <i>Jovem Alemanha</i>	28
III. <i>GOETHE'S BRIEFWECHSEL MIT EINEM KINDE</i>: UMA SÍNTESE DE GÊNEROS NARRATIVOS	
3.1. Romance epistolar	35
3.2. Autobiografia	46
3.3. Diário	52
IV. <i>GOETHE'S BRIEFWECHSEL MIT EINEM KINDE</i>: FICÇÃO E REALIDADE	
4.1. Aspectos Autobiográficos	56
4.2. A imagem de Goethe	64
4.2.1. A sua contribuição para a mitificação da figura de Goethe	69
4.2.2. O mote para a reconstrução do Eu	72
4.3. Procedimentos poéticos.	77
CONCLUSÃO	97
BIBLIOGRAFIA	102

Phantasie ist die freie Kunst der Wahrheit.

[A fantasia é a arte livre da verdade.]

Ich fühlte eine Bewegung zum Handeln.

[Eu sentia um impulso para a acção.]

***Ich selber zu bleiben, das sei meines Lebens Gewinn,
und sonst gar nichts will ich von allen irdischen Glückgütern.***

[Ser igual a mim própria, será o meu ganho da vida.
E dos bens terrenos não quero mais nada.]

Bettina von Arnim

A FICCIONALIDADE EM *GOETHES BRIEFWECHSEL MIT EINEM KINDE* DE BETTINE VON ARNIM

I. INTRODUÇÃO

Pretende-se com este trabalho analisar a problemática realidade-ficção, tendo por base o livro *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* de Bettina von Arnim e a troca de correspondência autêntica efectuada entre a escritora, Goethe¹ e a mãe deste.²

Obviamente que ao longo do percurso que marcou a elaboração desta tese muitas dúvidas surgiram e houve que solucioná-las. Por estranho que possa parecer, uma delas foi concretamente a grafia do nome da autora do romance epistolar em questão. Entre Bettina e Bettine qual das duas formas utilizar? Em quase todas as consultas biográficas e bibliográficas efectuadas aparecem indiferentemente os dois registos, porém, ao longo desta exposição escrita optou-se, tal como fazem Konstanze Bäumer e Hartwig Schultz³, pelo uso de *Bettina* para designar a pessoa real, a escritora, e *Bettine* para referenciar a figura literária que aparece nas suas obras autobiográficas, evitando assim um paralelismo precipitado e dúbio entre os factos biográficos e a sua representação ficcionalizada na obra. Outro aspecto a referir é o facto de a realização desta investigação ter implicado um estudo em três grandes

¹ Grande parte da correspondência original entre Bettina e Goethe encontra-se na Pierpoint Morgan Library em Nova Iorque. (Kulturberichte 2/99: *Der Nachlass des Dichterspaars Achim und Bettina von Arnim*, http://www.aski.org/kb2_99/kb299arnim.htm), p. 3.

² Relativamente às cartas verdadeiras, foram apenas tomadas em consideração as que constam no apêndice da versão da obra utilizada (Bettine von Arnim, *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, herausgegeben und eingeleitet von Waldemar Oehlke mit Zeitgenössischen Abbildungen. Insel Taschenbuch 767, Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1984). As citações desta obra serão, a partir de agora, apenas identificadas pelo número da página. Nas notas de rodapé serão identificadas com a sigla: BW, seguido da página.

Refira-se, como esclarecimento, que a edição mais recomendável é: *Werke und Briefe*. Hrsg. von Walter Schmitz und Sibylle von Steindorff, 4 Bde., Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1986. Contudo, por ser mais acessível, ao longo deste trabalho, optou-se por citar a obra referida em primeiro lugar, cujo texto segue o da edição de Walter Schmitz e Sibylle von Steindorff, à excepção do vol. 3, devido ao reduzido número de citações.

³ Vd. Konstanze Bäumer und Hartwig Schultz, *Bettina von Arnim*, Stuttgart: Verlag J. B. Metzler, 1995, p. VIII.

áreas : Literatura, Filosofia e História, factor que constituiu um aliciante e conjuntamente um desafio.

Dividiu-se em 4 partes o estudo a realizar. Assim, no primeiro capítulo fundamenta-se a escolha do tema e descrevem-se os objectivos que se pretenderam atingir com esta investigação.

No capítulo II faz-se uma contextualização da autora e da obra, relacionando-as com os ideais da filosofia romântica e os da *Jovem Alemanha*. Além disso, descreve-se a estrutura de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* e focam-se outros aspectos gerais relacionados com este romance.

No capítulo III procede-se a uma abordagem do romance epistolar, do diário e da autobiografia enquanto géneros literários que, pelas suas características, e paralelamente às profundas modificações – sociais, ideológicas e artísticas – verificadas no séc. XVIII, se tornaram, entre os meados desse século e o início do seguinte, géneros literários de grande relevo e aceitação.

O capítulo IV é dedicado à análise dos procedimentos poéticos utilizados neste livro, numa perspectiva da dualidade realidade-ficção. Nele descreve-se a imagem de Goethe que é apresentada ao leitor e faz-se uma reflexão sobre essa representação e o seu contributo para que, a nível literário, a figura do escritor se tornasse imortal⁴. Para além dos aspectos já frisados, também se analisa o modo como essa imagem serve a reconstrução da subjectividade da autora explícita na obra e se abordam alguns aspectos biográficos relevantes inclusos no romance.

Por último, apresentam-se conclusões e, com o intuito de incentivar outros trabalhos nesta área, apontam-se propostas para o desenvolvimento de futuros estudos.

⁴ Vd. Milan Kundera, *A Imortalidade*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1999, p. 47-90. Nesta obra, na segunda parte, intitulada „A imortalidade“ o autor aborda o relacionamento entre Goethe e Bettina, dizendo que aquilo que está em causa não era o amor da escritora pelo poeta mas sim a imortalidade, concluindo que todas as cartas são um canto de amor por ele e que *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* é uma homenagem a Goethe.

1.1. O tema e a sua importância

São múltiplas as razões que motivaram a escolha do tema desta dissertação. A primeira prende-se com o facto de Bettina von Arnim constituir uma referência na literatura do *Vormärz* - ela ultrapassou as barreiras impostas ao mundo feminino, participando activamente no processo literário - e também com o facto de não existir, sobre esta autora ou sobre a sua obra, qualquer estudo feito em Portugal. O segundo factor é inerente à própria obra: não só marca o início da actividade literária da sua autora, tendo a sua publicação (1835) sido um êxito, mas tem também como origem e matéria-prima a troca de correspondência entre esta e um grande vulto da literatura. Foi ainda tido em consideração que em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* - um tratamento literário, logo ficcional, das cartas verdadeiras - não só é tematizado o conceito de fantasia, como se verifica que fantasia e realidade são indissociáveis, coexistindo estas duas esferas, quer paralelamente quer amalgamadas.

Elemento determinante na opção feita foi ainda o notório endeusamento de Goethe - imagem dissonante da das élites literárias do *Vormärz* - que ressalta da leitura da obra, e que foi influente na formação do mito mais tarde gerado em torno da figura do poeta.

Considerando o que acaba de ser mencionado, parece oportuno realizar a presente dissertação dentro desta temática, iniciando-se, deste modo, uma investigação em Portugal sobre Bettina von Arnim a quem muitos dos seus contemporâneos chamaram: “ ‘Die Sibylle der romantischen Literaturperiode’ “. ⁵ Acrescente-se que, como testemunho da relevância desta escritora e de Achim von Arnim na literatura alemã, foi erigida em 25 de Outubro de 1997 uma estátua ⁶em homenagem ao casal, em Arnimplatz, na cidade de Berlim.

⁵ Vd. Christa Wolf, „Nun ja ! Das nächste Leben geht aber heute an. Ein Brief über Bettine“, in *Christa Wolf: Die Dimension des Autors. Essays und Aufsätze, Reden und Gespräche*. Berlin: Luchterhand, 1987, p. 582.

⁶ Este monumento ao casal Arnim é uma obra da autoria do escultor Michael Klein.

1.2.Objectivos

Em face do que anteriormente foi exposto, o objectivo principal deste estudo consiste em analisar um romance de uma autora que se integra no grupo de escritores da *Jovem Alemanha*, tendo em conta a ideia reinante de que só uma alteração profunda do pensamento e da escrita tornaria possível uma transformação social. Este objectivo global pode ser repartido em cinco objectivos específicos que são: demonstrar o posicionamento de Bettina face ao Romantismo e à *Jovem Alemanha*; analisar o romance epistolar de cariz autobiográfico e diarístico enquanto género literário potenciador da narração de experiências individuais e expressão de uma nova concepção do eu, descoberta pelo romantismo; dissecar os processos poéticos que Bettina von Arnim utiliza em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* em função da concepção romântica de realidade e do eu; descrever a imagem de Goethe veiculada na referida obra e considerar a sua influência na conversão do poeta em mito; demonstrar que através da elevação do ídolo - Goethe – a personagem, Bettine visa a reconstrução da sua própria subjectividade enquanto instância de uma enunciação.

Num âmbito mais geral, espera-se que o presente estudo possa servir de motivação para futuros projectos sobre a obra daquela que é na Alemanha uma das figuras femininas mais representativas do meio literário do seu tempo.

II . BETTINA VON ARNIM E A SUA ÉPOCA

2.1. Notas prévias sobre Bettina von Arnim e a sua obra

Ao iniciar este capítulo e para uma melhor compreensão do que vai ser explicitado em seguida, impõe-se clarificar que a obra de Bettina von Arnim se enquadra numa época em que, devido às profundas alterações sociais, políticas, ideológicas e artísticas verificadas, surge uma nova concepção do mundo e também um período em que a imaginação criadora tem uma função cada vez mais importante no processo de criação artística, e existindo a convicção de que beleza e verdade nascem da aglutinação de elementos díspares e contraditórios.

Ao longo da sua vida ocorreram vários acontecimentos importantes dos quais se salientam a Revolução Francesa que, com o lema *liberdade, igualdade e fraternidade*, iria no século XIX trazer a todo o mundo uma nova cultura e uma nova civilização; na primeira metade do século nasce, aumenta e acentua-se, entre as guerras napoleónicas e as revoluções de 1848 e 1849, uma ideia e um sentimento de unidade nacional que tem a ver com os ideais liberais e revolucionários; a ocupação dos vários estados alemães por tropas de Napoleão; o Congresso de Viena,⁷ assinado em 9 de Junho de 1815, procurando estabelecer um novo equilíbrio europeu e assegurar a paz entre as grandes potências; o fim das guerras napoleónicas é assinalado pela expansão do Romantismo⁸, movimento intelectual que exalta o indivíduo, os sentimentos, a história de cada nação e proclama a liberdade no mundo; a

⁷ Com este congresso, que tinha como objectivo proceder à reorganização do território alemão, cada estado tornou-se quase independente, ainda que se tenha constituído uma confederação germânica, cuja assembleia política tinha a sede em Frankfurt e da qual o imperador da Áustria era o presidente.

⁸ Em 1796, tem início em Jena o primeiro Romantismo que atinge o auge três anos depois, seguido de outras fases mais tardias que se prolongam de 1806 a 1830.

insurreição em Paris no mês de Fevereiro de 1848, que desencadeou movimentos revolucionários na maior parte dos estados alemães e na Áustria.

Catharina Elisabetha Ludovica Magdalena Brentano nasceu a 4 de Abril de 1785 em Frankfurt am Main e faleceu em Berlim a 20 de Janeiro de 1859. Filha do segundo casamento do comerciante italiano Pietro Antoni Brentano com Maximiliane La Roche, cresceu numa atmosfera dividida entre o comércio e a cultura, e por força das circunstâncias adquiriu muito cedo um pensamento autónomo, que lhe permitiu viver de acordo com as suas próprias inclinações e escolhas. Após o casamento com o poeta Achim von Arnim, amigo do irmão, ele próprio um poeta célebre, em 11 de Março de 1811, adoptou o sobrenome do marido e passou a chamar-se Bettina von Arnim.

Se é verdade que na qualidade de mulher de uma figura pertencente ao círculo de conhecidos intelectuais daquele tempo, ela se adapta às obrigações femininas impostas pela sociedade burguesa, na sua forma de vida, continua, porém, invulgarmente fiel às suas ideias e à sua vontade. Mulher independente e determinada, mantém o contacto com diversas personalidades da sua época e torna-se receptiva às teorias inovadoras preconizadas por dois dos principais teorizadores da escola romântica pertencentes ao círculo de Jena - Friedrich Schlegel e Friedrich von Hardenberg (Novalis), mas também aos ideais do *Vormärz* que defendiam uma função prática e política da literatura.

Depois de ter vivido durante a primeira metade da sua vida em diferentes locais: Frankfurt, Fritzlar, Offenbach, novamente Frankfurt, München (1808-1809), Landshut (1809) Berlim e Wiepersdorf, em 1817, a autora optou por fixar-se definitivamente em Berlim, não apenas por causa da educação dos filhos mas também porque esta cidade lhe possibilitava um contacto mais fácil e mais estreito com outras pessoas que lhe interessavam e permitiriam desenvolver e aprofundar o seu percurso intelectual. Todavia, apesar desta decisão provocar alguns conflitos entre o casal (Achim von Arnim persistiu em continuar em

Wiepersdorf, indo esporadicamente a Berlim), Bettina contou sempre com a compreensão e apoio do marido. Após o falecimento do cônjuge em 1831, e de Goethe, a autora começa a dedicar-se mais activamente a questões de carácter social e político⁹ e à escrita.

Bettina von Arnim, cuja produção literária de ideias inovadoras veio abrir novos horizontes, é considerada umas das mulheres intelectuais mais corajosas do séc. XIX e, apesar de nunca ter estado abertamente ligada ao emergente movimento feminista, pode dizer-se que contribuiu de uma maneira indirecta para a história da emancipação da mulher. Desrespeitando as regras impostas, ela agiu corajosamente em consonância com as suas ideias, mostrando que a mulher, para além das actividades que lhe estavam convencionalmente destinadas (mãe e dona de casa), podia e necessitava desempenhar outras¹⁰. Embora desde a sua juventude planeasse escrever uma espécie de biografia de Goethe,¹¹ só aos 50 anos consegue concretizar esse sonho, publicando *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*.

Goethes Briefwechsel mit einem Kinde, editado em Fevereiro de 1835 (apenas as duas primeiras partes; a terceira surgiu pouco depois e a edição integral só em 1837), ocupa um lugar especial no conjunto da produção literária da autora. Escrito segundo a tradição da literatura romântica, este romance no qual trabalhou cerca de dez anos, marcou o início da

⁹ Já na adolescência ela tinha defendido os Judeus, os Tirolezes oprimidos e inclusivamente escondido (violando a lei) um soldado francês. A sua atenção não se centrava apenas nos subjugados, alargava-se aos mais desfavorecidos e necessitados. Quando em 1831 eclodiu um surto de cólera em Berlim, Bettina em vez de se refugiar em Wiepersdorf, percorreu corajosamente os bairros pobres, auxiliando os necessitados e pedindo ajuda, em especial no bairro proletário de Vogtland.

¹⁰ Numa carta ao irmão Clemens, Bettina escreveu „Ich bedarf, daß ich meine Freiheit behalte. Zu was?- dazu, daß ich das ausrichte und vollende, was eine innere Stimme mir aufgibt zu tun.“ (vd. Bettina von Arnim, *Clemens Brentanos Frühlingsskranz*, Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1985, p. 230) e noutra dirigida a Max von Freyberg, escrita em Fevereiro de 1811, afirma o seguinte: „Jeder Mensch soll unantastbar sich selbst besitzen und frei über sich verfügen. Der Mensch soll sich dem andern nicht hingeben, er soll aber mit ihm zusammen wirken. Jeder soll neugierig sein auf sich selber und soll sich zu Tage fördern wie aus der Tiefe ein Stück Erz oder ein Quell.“. (Cf. brochura de Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 10-1998, p. 6).

¹¹ Vd. Konstanze Bäumer, *Bettine, Psyche, Mignon-Bettine von Arnim und Goethe*, Stuttgart: Hans Dieter Heinz Akademische Verlag, 1986.

sua actividade literária e permitiu-lhe ter contactos e reunir, particularmente com jovens que a visitavam, querendo conhecer a escritora famosa para com ela trocarem opiniões sobre assuntos de índole literária.

A primeira edição¹², da responsabilidade de Ferdinand Dümmler e com uma tiragem aproximada de 5000 exemplares, esgotou-se no espaço de um ano, denotando assim uma enorme aceitação por parte do público. A propósito desta adesão, não deixa de ser curioso referir que Bettina – sempre atenta às recensões da obra, valorizando mais as opiniões favoráveis dos leigos interessados por literatura do que as dos especialistas ligados ao campo literário - além de muitos poemas recebeu também cartas entusiásticas e calorosas, manifestando-lhe a sua simpatia e admiração.

Relativamente à reacção da crítica literária face ao livro, pode dizer-se que as apreciações foram divergentes: Ludwig Börne e Heinrich Laube, por exemplo, viram nele uma literatura feminina nova, consciente e emancipadora; Joseph Görres, os Irmãos Grimm¹³ e Karl Hartwig von Meusebach¹⁴ reconheceram e acentuaram a complexa e consciente ficcionalidade poética do romance; outros críticos elogiaram a qualidade poética

¹² Esta edição de Fevereiro de 1835, publicada em Berlim, não mencionava o nome de Bettina.

Para Ingrid Leitner e Sibylle von Steindorff o surpreendente êxito de venda da obra reside na expectativa, por parte dos leitores, de conhecer pormenores sobre o relacionamento de Goethe e da jovem escritora: „Der spektakuläre Verkaufserfolg des Buches bei seinem ersten Erscheinen – der erste Auflage von vermutlich 5000 Stück war binnen eines Jahres restlos abgesetzt – basierte doch wohl zu einem großen Teil zunächst auf dem eher voyeuristischen Interesse an den hier erwarteten Details über Goethes Beziehungen zu der jungen Bettine.“ (Vd. Ingrid Leitner/Sibylle von Steindorff, „Die vollkommenste Grammatik der Liebe, die jemals komponiert wurde“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 6/7-1994/95, p. 144).

¹³ Wilhelm Grimm elogiou ainda a beleza da linguagem. “Wilhelm Grimm lobte seine sprachliche Schönheit. ‚Freilich‘- so heißt es weiter -, ‚viel Staub darf einer nicht auf dem Herzen sitzen haben, der sie lesen will, vieles wird nicht verstanden werden, vieles unrecht ausgelegt, doch die widerwilligsten werden etwas ausgezeichnetes darin anerkennen (...) auf das anmutigste und geistreichste erzählt, denn die Sprache hat sie auf eine ungemaine Weise in ihrer Gewalt‘.“ (Vd. Ingrid Leitner/Sibylle von Steindorff, „Die vollkommenste Grammatik der Liebe, die jemals komponiert wurde“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 6/7-1994/95, p. 144).

¹⁴ Este crítico afirmou que toda a extraordinária verdade poética do livro é também de facto uma verdade real. „(...) alle diese ungemain poetische Wahrheit doch auch noch eine in der Tat Wirkliche ist.“ (Vd. Ingrid Leitner/Sibylle von Steindorff, „Die vollkommenste Grammatik der Liebe, die jemals komponiert wurde“, in Uwe Lemm, (ed.) *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 6/7-1994/95, p. 144).

da obra e interessaram-se pelos processos literários da autora; outros ainda, como Ludwig Tieck,¹⁵ optaram por uma perspectiva mais moralista para condenarem o livro.

Mas, o impacto suscitado por *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* atingiu ainda outras dimensões: foi lido e discutido por diversas gerações, em diversos círculos sociais e Rainer Maria Rilke em *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* faz-lhe referência, bem como à sua autora¹⁶. Este escritor deixou-se encantar pelas cartas de Bettine existentes nesta obra, a ponto de em 1913 pedir à atriz Lia Rosen que lhe lesse e à princesa Marie von Thurm e Taxis partes do romance, recomendando-o também a Anita Trost (filha de um alto funcionário administrativo)¹⁷. Sobre o impacto internacional de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* é de referir que o escritor Honoré de Balzac se inspirou no tema do livro para escrever o romance *Modeste Mignon* e que, nos Estados Unidos da América, esta obra de Bettina teve um bom acolhimento, principalmente por parte do grupo de transcendentalistas

¹⁵ Este autor qualificou o livro de manifesta mentira, insensato e imoral. “Und noch ein anderer, alt gewordener Romantiker schloß sich der moralischen Verurteilung an: Ludwig Tieck erregte sich über, ‚das ganz törichte und unsittliche Buch [...] das eine einzige grobe Lüge‘ sei.“. (Vd. Ingrid Leitner/Sibylle von Steindorff, „Die vollkommenste Grammatik der Liebe, die jemals komponiert wurde“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 6/7-1994/95, p. 144).

¹⁶ Leia-se o seguinte passo: „Ich wünschte unter diesen Umständen nichts als zuzusehen, aber, da es wahrscheinlich war, daß man mirs verwies, ergriff ich, auch um mich unbefangen zu geben, das Buch, setze mich an die andere Seite des Tisches und ließ mich, ohne lang zu blättern, irgendwo damit ein. (...) , und da es, meiner Meinung nach, ernstlich Zeit war, sich auszugleichen, las ich sofort laut, immerzu bis zu einem Abschnitt und weiter, die nächste Überschrift: An Bettine. (...) Das Versprechen erfüllt sich noch immer, irgendwann ist dasselbe Buch unter meine Bücher geraten, unter die paar Bücher, von denen ich mich nicht trenne.(...) Nein, Bettine ist wirklicher in mir geworden, Abelone, die ich gekannt habe, war wie eine Vorbereitung auf sie, und nun ist sie mir in Bettine aufgegangen wie in ihrem eigenen, unwillkürlichen Wesen. Denn diese wunderliche Bettine hat mit allen ihren Briefen Raum gegeben, geräumigste Gestalt. Sie hat von Anfang an sich im Ganzen so ausgebreitet, als wär sie nach ihrem Tod. Überall hat sie sich ganz weit ins Sein hineingelegt, zugehörig dazu, und was ihr geschah das war ewig in der Natur; dort erkannte sie sich und löste sich beinah schmerzhaft heraus; erriet sich mühsam zurück wie aus Überlieferungen, beschwor sich wie einen Geist und hielt sich aus.“. (Vd. Rainer Maria Rilke, *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*, Leipzig: Insel Verlag, 1940, p. 238-240).

¹⁷Cf. Dr Waltraud Maierhofer, „Einfühlen, Einvernahme und Mißverstehen. Rilke und Bettine von Arnim“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 4-1990, 125-150.

em redor de Ralph Waldo Emerson, ou ainda que o escocês Thomas Carlyle¹⁸ lhe dedicou um artigo publicado em “Foreign Quarterly Revue” em 1837.

A ressonância a nível da imprensa alemã foi igualmente de grande significado e, entre os vários jornais e revistas, que sobre ele publicaram recensões, podem referir-se “Literarische Zeitung”, “Berlin”, “Allgemeine Literaturzeitung”, “Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik”, “Deutsche Revue“, ”Literatur-Blatt”, e ”Magazin für die Literatur des Auslands”.

De entre as várias recensões deste romance que comprovam o interesse suscitado pela autora, merecem ser realçadas duas cartas¹⁹. A primeira, datada de Bonn, 15 de Junho de 1835, escrita por uma admiradora de Bettina, informando do impacto geral que o livro causou nesse estado. Esta admiradora de Bettina, além de dividir os leitores da obra em três grupos distintos: os fascinados, os críticos, e um número diminuto que a compreende (no qual ela se inclui), pede-lhe ainda que a esclareça se foi ou não com a intenção de escrever uma perfeita obra poética que acrescentou dados fictícios aos factos reais. A segunda carta, que não se pode considerar uma carta no sentido tradicional, mas antes um poema de homenagem a Bettina enquanto autora de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, tem como data Cölln, 29 de Agosto de 1835. Nesta, Mathieux compara o livro a uma coroa de flores que Bettina simbolicamente fez para colocar no busto de Goethe esculpido em mármore, prestando assim um tributo ao escritor e simultaneamente deixando transparecer uma imagem mais favorável deste. Ambas as cartas testemunham a função de Bettina como medianeira entre Goethe e a geração mais nova, pois os jovens leitores viam na escritora um elo de ligação ao poeta.

¹⁸ Historiador e filósofo que redigiu a biografia de Schiller, publicada em *London Magazine* (1823-1824) e traduziu *Wilhelm Meisters Lehrjahre* de Goethe (pub. 1824 e 1827).

¹⁹ Estas duas cartas, que não estão assinadas nem têm o endereço do remetente, possuem apenas como elemento indetificativo da pessoas que as escreveu as iniciais A.S.L. (Ann Willison Lemke), com base na caligrafia idêntica e na semelhança de pormenores estilísticos e de conteúdo, atribui ambas à compositora e escritora Johanna Mathieux.

Também não devem deixar de ser destacadas as traduções, em particular a primeira, em Inglês, inicialmente realizada por Sarah Austin e posteriormente continuada pela própria Bettina – com a ajuda do dicionário e de outras obras de consulta, uma vez que não tinha conhecimentos de língua inglesa. A versão traduzida, contrariamente ao que sucedera com o original, foi um fracasso²⁰, o que impediu a concretização do objectivo da autora: erigir um monumento a Goethe com ajuda da receita proveniente da venda dos exemplares em língua estrangeira. A esta primeira tradução da obra (1837/1838) outras se seguiram, não apenas em Inglês (1841,1859) mas também em russo - alguns fragmentos traduzidos por Michail Bakunin surgidos na revista *Synotežestva* em St. Petesburg, 1838 -, em Francês (*Goethe et Bettine. Correspondence inédite de Goethe e de Mme Bettine D'Arnim*, Traduit de l'allemand par Albin²¹. Tome I. II. Paris, au Comptoir des Imprimeurs Unis, 1843), em Italiano (*Cartagio de Goethe com una bimba*. Traduzione e introduzione di Giovanni Necco, Milano 1932) e em Português, muito recentemente,- alguns excertos incluídos em *Música e Literatura no Romantismo Alemão* publicado em 1986 pela editora Apáginastantas, p.132-137.

Goethes Briefwechsel mit einem Kinde procura, por um lado, informar sobre a sociedade e a vida num período marcado por revoluções, e por outro lado é expressão de amor e admiração. Por seu turno, as cartas que o compõem são um motivo para reflexão e autoreflexão. Considerado por Strobl *um livro de vivência* e não *um livro de escrita literária*²², este romance está estruturalmente dividido em três partes. A primeira, *Seinem Denkmal*. *Erster Teil*, é constituída por 20 cartas de Bettina a Frau Goethe e 9 desta a Bettine, por 17

²⁰ Apontam-se várias razões para o insucesso de „Goethe's Correspondence with a child“, entre elas os germanismos existentes na tradução e a rejeição de que Goethe era alvo naquele momento, em Inglaterra. Na opinião de Bettina o facto deveu-se a uma intriga diplomática de Bunsen, o embaixor da Prússia em Inglaterra.

²¹ Sebastien Albin foi o pseudónimo utilizado por Hortense Cornu na tradução desta obra.

²² „Goethes Briefwechsel mit einem Kinde“ ist kein geschriebenes, sondern ein erlebtes Buch.“. (Vd. Karl Hans Strobl und Karl Wilhelm Fritsch, *Geschichten der Bettine von Arnim*, Berlin: F. Fontana & Co., 1908, p. XVIII.

cartas de Goethe a Bettine e 52 desta a Goethe e por 1 de Bettine a Frau Goethe. A segunda parte, com o subtítulo *Seinem Denkmal. Zweiter Teil*, contém 70 cartas de Bettine a Goethe e 18 deste a Bettine, 1 de Christiane Goethe a Bettine e 1 de Bettine a Frau Goethe. A terceira parte, como o título *Seinem Denkmal. Dritter Teil. Tagebuch* deixa antever, assume a forma de diário com a particularidade de alguns dos registos apresentarem destinatários específicos – *An Goethe* e *Dem Freund*. Este *amigo*, apesar de Bettina não o referir explicitamente, só pode ser Hermann Pückler von Muskau – que a escritora conheceu em 1832, com quem manteve troca de correspondência desde esse ano até 1834²³, que a acompanhou na elaboração deste romance²⁴ e a quem o dedicou²⁵. Além disso, chegou a pedir a Pückler que publicasse as cartas trocadas entre ela própria e Goethe²⁶. As duas

²³ Ingeborg Drewitz escreve o seguinte: „Bettine hatte sich in einem Briefwechsel mit dem Fürststen Hermann von Pückler Muskau eingesponnen. (...) Der Henrici-Katalog nennt 65 eigene Briefe und Briefentwürfe Bettines und 24 Briefe Herman von Pückler-Muskau.“, (Ingeborg Drewitz, „...daraus muß man nichts als leben‘ Bettine von Arnim“, München: Econ & List Taschenbuch Verlag, p. 180).

Enid Margarete Gajek, num artigo intitulado „, Das gefährliche Spiel meiner Sinne‘. Gedanken zu Bettine und Pückler“, afirma: „Im Januar 1832 lernte Bettine Pückler näher kennen. (...) Jetzt freudeten sie sich schnell an. Pückler war von ihr fasziniert er schenkte ihr ein Schreibzeug, damit sie ihm schreiben könne, und der Briefwechsel fing an. (...) Und so hatten die Gedanken und Gefühle freie Fahrt. Pückler ermunterte Bettine in seinen kurzen Briefen, offen zu sein, ihm ehrlich ihre Meinung über ihn zu sagen und sich über sich auszusprechen, als spräche sie zu sich selber.“. (Vd. Enid Gajek, „, Das gefährliche Spiel meiner Sinne‘“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 3-1989, p. 249).

²⁴ Sobre este assunto leia-se o seguinte: „Mit dem befreundeten Fürst Pückler diskutierte Bettine ihren Goethe-Briefwechsel. Sie dachte zunächst daran, daß er die Veröffentlichung vornehmen könnte.“. (Vd. *Herzhaft in die Dornen der Zeit greifen ... Bettine von Arnim*, Katalog zur Ausstellung. Freies Deutsches Hochstift – Frankfurter Goethe-Museum, Frankfurt a. M. 1985, hrsg. von Christoph Perels, p. 49).

„daß sie (Bettina) sich vor der Auslieferung des Buches noch einmal in das intime Gespräch mit Pückler zurückzog, war nicht ungewöhnlich.“ (Vd. Ingeborg Drewitz, „...daraus muß man nichts als leben‘ Bettine von Arnim“, München: Econ & List Taschenbuch Verlag, p. 190).

²⁵ Hermann Fürst von Pückler-Muskau autorizou Bettina a dedicar-lhe *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* (V.d Enid Margarete Gajek, „Die Bedeutung des Fürsten Hermann Pückler von Muskau“, in *Herzhaft in die Dornen der Zeit greifen ... Bettine von Arnim*, Katalog zur Ausstellung. Freies Deutsches Hochstift – Frankfurter Goethe-Museum, Frankfurt a. M. 1985, hrsg. von Christoph Perels, p. 259).

²⁶ Vd. Helmut Hirsch, *Bettine von Arnim*, Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, Mai, 1987, p. 51.

„Bettines Vorhaben, ihren Briefwechsel mit Goethe, den Pückler unter dem Titel ‚Ich und mein Dämon hatte herausgeben sollen, aber nicht herausgeben wollen, wurde von Bettine vorangetrieben, damit er das Buch als Talisman noch von seiner großen Reise in Händen haben sollte.“. (Vd. Enid Gajek, „, Das gefährliche Spiel

passagens abaixo transcritas, em que a autora se dirige à única pessoa merecedora da sua total confiança a ponto de lhe legar o livro, demonstram que esse amigo tão especial e o Príncipe Pückler são o mesmo indivíduo.

“ Wem sollte ich nun wohl dies verwaiste Blatt vererben als dem Freund, der mit so innigem Anteil mich von ihm sprechen hörte und wenn es ihm auch nur wär’, was ein falbes Blatt ist, das der Wind vor seinen Füßen hinwirbelt, er wird doch erkennen, daß es am edlen Stamm gewachsen ist.” (600)

“ Ich danke Dir, Freund, daß ich Dir alles sagen darf, unter allen Menschen weiß ich keinen zweiten, dem ich diese Blätter hätte vertrauen mögen, ich will nicht zweifeln, daß Du ihren Wert erkennst, sie enthalten das Heiligtum von Goethes Pietät, aus der sein unendlicher Genius hervorgegangen war, der den Feuergeist des Lieblings sanft zu lenken verstand, daß er sich stets glücklich und in vollkommner Harmonie mit ihm. Mein Freund!- Dir ist’s geschenkt²⁷, daß zutage komme, was sonst nie, nicht einmal in meinen einsamen Träumen sich wiederholt haben dürfte. “ (609)

A parte intitulada *Tagebuch* tem no conjunto do romance um peso especial. Além de incluir reflexões poéticas sobre toda a obra, o acto de escrever torna-se tema. Bettina, indiciando a importância conferida a este *diário*, (auto)elogia-o - através das palavras de Goethe na carta de 1 de Março de 1810 (366) e também ao afirmar „Daß Du mein Tagebuch zum Tempel einer indischen Gottheit erhebst, ist Prädestination“ (367) – e fornece nas partes iniciais, elementos específicos relativos a este. Veja-se o modo como na seguinte

meiner Sinne“ , in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 3-1989, p. 250).

²⁷ A propósito deste seu primeiro romance, escreve Bettina, numa das cartas dirigidas a Hermann Fürst von Pückler-Muskau: „*Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*; so ist der Titel meines Buchs. Ach, es ist so zierlich, so unschuldig, so feurig, so bescheiden, so kühn, so naive, so inspiriert, wie sollte das nicht erfreuen! Und ich meine auch, jeder müsse in meiner Enthusiasmus einstimmen, und die alles schenke ich Ihnen, das freut mich doppelt.“. (Vd. Enid Margarete Gajek, „Die Bedeutung des Fürsten Hermann Pückler von Muskau“, in *Herzhaft in die Dornen der Zeit greifen ... Bettine von Arnim*, Katalog zur Ausstellung. Freies Deutsches Hochstift – Frankfurter Goethe-Museum, Frankfurt a. M. 1985, hrsg. von Christoph Perels, p. 260).

passagem, extraída da segunda parte do livro, o leitor toma conhecimento de alguns dados respeitantes ao conteúdo, objectivo, local de redacção e significado do *Tagebuch*. Este segmento final do romance significa, como a própria autora salienta, a expressão plena de todo o seu sentimento por Goethe.

“(...) verzeihe mir auch, daß ich Dir mein Tagebuch zuschicke; am Rhein habe ich’s geschrieben, ich habe darin das Leben meiner Kinderjahre vor Dir ausgebreitet und Dir gezeigt, wie unser beider Wahlverwandtschaft mich trieb, wie ein Bächlein eilend dahinzurauschen über Klippen und Felsen zwischen Dornen und Moosen bis *dahin*, wo Du gewaltiger Strom mich verschlingst. Ja, ich wollte dies Buch behalten, bis ich endlich wieder bei Dir sein würde, da wollte ich morgens in Deinen Augen sehen, was Du abends darin gelesen hattest; nun aber quält mich’s, daß Du mein Tagebuch an die Stelle von Otilien ihrem legest, und die Lebende liebst, die bei Dir bleibt, mehr wie jene, die von Dir gegangen ist.” (352/353)

Neste excerto fica claro para o leitor que a escritora pretende com a última parte do romance expor mais abertamente os seus sentimentos por Goethe, expressar a sua importância e o que ele representa na sua vida e deixar o testemunho de que nunca poderá esquecer o grande amor que sente e sentiu por ele.

Um outro elemento comprovativo de que Bettina quis atribuir um lugar de relevo ao *Tagebuch* é o facto de ter incluído nele a frase que, no plano interpretativo, se pode considerar a súplica de *Goethes Briefwechsel mit einem Kind*: ” Du liebst in dem Geliebten nur den eignen Genius.” (536), demonstrando com isto o objectivo de sobrevalorizar e engrandecer as qualidades e capacidades de Goethe, mas também como afinidades com as suas próprias aptidões e inclinações.

Neste romance, onde a autora conjuga ficção e não ficção, encontramos o gosto pela originalidade de características românticas sem que o processo mimético deixe de apresentar características do gosto neo-clássico. Se por um lado é original pelos elementos narrativos fantásticos/fantásticos e utópicos que se encontram especialmente na primeira e na segunda

parte e pela composição das fontes autobiográficas, por outro lado contém um passo que faz lembrar o poema *Prometheus* de Goethe²⁸, faz menções explícitas a outras obras deste escritor²⁹ como *Die Leiden des jungen Werthers*, *Die Wahlverwandtschaften* e *Wilhelm Meisters Lehrjahre*, e também inclui estrofes dos poemas *Wandrer's Nachtlied* e *Die schöne Nacht*, como exemplo dos muitos “Lieder” de Goethe que impressionaram, enterneceram e sensibilizaram Bettine³⁰ e que ela cantava durante os passeios ao ar livre.

Outro aspecto a salientar é o facto de Bettine, quando na 3ª parte do romance descreve o seu amor por Goethe, mencionar *Mignon*, uma personagem da obra *Wilhelm Meisters Lehrjahre*. Esta figura romântica (uma adolescente de características andróginas que executa a dança dos ovos, canta e escreve poemas) aparece duas vezes em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*: como pretexto para falar de Beethoven e este enaltecer as qualidades poéticas de Goethe³¹ e como personagem que se identifica com a própria Bettine³².

²⁸ Comparem-se os dois textos:

„Ein Menchenkind, einsam auf einem Fels, von Stürmen umbraust, seiner selbst ungewiß hin- und herschwankend, wie Dornen und Disteln um es her – so bin ich; so war ich, da ich meinem Herrn noch nicht erkannt hatte. Nun wend' ich mich wie die Sonnenblume nach meinem Gott und kann ihm mit dem von seinen Strahlen glühenden Angesicht beweisen, daß er mich durchdringt. Oh gott! Darf ich auch! – Und bin ich nicht allzu kühn?“. (BW, 106)

„ Da ich ein Kind war,/Nicht wußte, wo aus, wo ein,/Kehrte mein verirrt's Aug'/Zur Sonne, als wenn drüber wär'/Ein Ohr, zu hören meine Klage,/Ein Herz wie meins,/Sich des Bedrängten zu erbarmen.“. (Vd. J. W. Goethe, *Werke*, hrsg. von den Nationalen Forschung und Gedenken Stätten der Klassischen Deutschen Literatur in Weimar, Berlin: Aufbau Verlag Berlin und Weimar, 3. Auf. 1974, vol. 1, p. 59-60)

²⁹ „ Mein erstes Lesen Deine Bücher! Ich verstand sie nicht, aber der Klang, der Rythmus, die Wahl der Worte, denen Du Deinen Geist vertrautest, die rissen mich hin (...) auf Deine Bücher, die ich immer lesen wollte, legte ich den Kopf und schloß mit meinen Armen einen Kreis um sie, und so schlief ich einen süßen Schlaf, während die Geschwister in schönen Kleidern die Bälle besuchten.“. (BW, 570)

³⁰ „Deine Lieder waren die ersten die ich kennen lernte, o wie reichlich hast Du mich beschenkt für diese Neigung zu Dir, wie war ich erstaunt und ergriffen von der Schönheit, des Klangs, und der Inhalt, denn ich damals nicht fassen konnte, wie ich allmählich verstehen lernte, was hat dies alles in mir angeregt, was hab' ich erfahren und genossen und welche Geschicke hab' ich erlebt,(...). “. (BW, 569)

³¹ Beethoven senta-se ao piano e toca para Bettine uma música que ele compôs para este poema. (BW, 383, 384)

³² Bettine expressa os seus queixumes por tudo o que Goethe a fez sofrer e acrescenta: „Ich fühl' mich jetzt so hilflos, so unverstanden wie damals die Mignon.“.(BW, 284)

Na obra de Bettina von Arnim este compositor fala explicitamente da canção de Mignon “ Kennst Du das Land”³³ dizendo que é maravilhosa. Esta canção é importante para a compreensão de Bettine e dos seus sentimentos por Goethe, pois a autora serve-se dela para expressar aquilo que ela própria sente. Acha-se tão incompreendida quanto Mignon³⁴ e à semelhança do que acontece com esta última, o seu amor é puro e verdadeiro. Estabelecendo um paralelo entre si e Mignon, Bettine pergunta a Goethe: *Kennst Du mich?*³⁵ *Verstehst Du mich?* e tal como Wilhelm no caso de Mignon, Goethe deve representar para ela simultaneamente o amado, o protector, o pai. Também ao longo das cartas Bettine encarna a figura de Mignon assumindo como ela qualidades inerentes a uma criança: simplicidade, espontaneidade e ingenuidade. Isto sucede, por exemplo, quando no seu primeiro encontro com Goethe, o escritor alude à morte da duquesa Amalie, ocorrida poucos dias antes, e referida no jornal. Bettine instintivamente e com a maior naturalidade responde: “Ach! ich lese die Zeitung nicht.”³⁶. O mesmo se verifica quando ela numa aparente inocência afirma: “ gut ist’s, daß ich nicht viel von dem weiß, was in der Welt vorgeht, von Künsten und Wissenschaften nicht versteh’,(...)“³⁷ ou ainda quando relata um sonho frequente no qual se vê a dançar em redor de Goethe³⁸, evocando cenas de Mignon exibindo-se perante Wilhelm.

³³ Esta canção surge no romance *Wilhelm Meisters Lehrjahre* no Livro Terceiro, logo no início do capítulo primeiro.

³⁴ Mignon sente um amor enorme pela sua pátria da qual está afastada. Por isso canta expressando a sua saudade, a sua paixão e o seu sofrimento. Ela quer partilhar com ele o afecto que tem por esse país, pois Wilhelm só a compreenderá se o visitar e entender a saudade que ela sente. No final do capítulo 11º do LIVRO IV de *Wilhelm Meisters Lehrjahre*, Mignon e o harpista cantam o seguinte: „nur wer die Sehnsucht kennt, weiß, was ich leide!“

³⁵ BW, 605.

³⁶ BW, 38.

³⁷ BW, 184.

Bettine estava muito bem informada sobre os acontecimentos importantes que se viviam, nomeadamente a insurreição do Tirolezes ou a questão judaica. Ela tinha também conhecimentos de música, evidentes na carta em que fala de Beethoven.

³⁸ BW, 119.

2.2. Bettina e o romantismo

Ao fazer-se uma análise do percurso de Bettina von Arnim verifica-se que se situa sempre entre dois elementos muitas vezes aparentemente inconciliáveis, entre dois espaços geográficos – os países renanos e a Prússia, o campo e a cidade, entre duas classes sociais – a burguesia e a aristocracia prussiana -, a mulher e a escritora, o rei e o pobre, entre o individual e o colectivo e, finalmente, entre o passado e o futuro, não esquecendo a sua faceta artística ligada às artes plásticas e à música ³⁹.

A vida desta autora abarca, como já foi mencionado, um período que se estende da Revolução Francesa – acontecimento histórico que revolucionou a Europa e cujas ideias foram de grande significado para os românticos - até à vigência de Friedrich Wilhelm IV e de Napoleão III. Embora as repercussões políticas da Revolução Francesa fossem, de forma directa, de pouca relevância na Alemanha (então constituída por pequenos estados) ela veio contribuir para trazer uma outra visão do mundo que rapidamente se expandiu por toda a Europa,- estritamente ligada a novas ideias filosóficas e religiosas e que se caracterizava também por um idealismo individualista ligado à ascensão da burguesia, – numa época em que também a literatura passara a ser a expressão de sentimentos, de ideias, da fantasia individual e do indivíduo.

Influenciada nas suas opiniões por Fichte⁴⁰ e Hegel, representantes do idealismo transcendental, e com uma filosofia de vida idealista, fiel ao mundo dos seus pensamentos e

³⁹ Vd. . Helmut Hirsch, *Bettina von Arnim*, Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1998, capítulo „Künstlerin unter Künstler“, p. 105-119.
· Konstanze Bäumer e Hartwig Schultz, *Bettina von Arnim*, Weimar: Verlag J. B. Metzler, 1985, „Bettina als Komponistin und bildende Künstlerin“ , capítulo VII, p. 137-143.
· Ana Willison Bloomington,“ Bettines Kompositionen: Zu einem Notenheft der Sammlung Heineman“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 3- 1989, 183-187.

⁴⁰ Este filósofo acentuou o carácter absoluto do eu transcendental criativo. Para ele, o princípio supremo só pode ser o sujeito transcendental, um processo de actividade pura. Do eu procedem forma e matéria do conhecimento. Em tudo o que o eu pensa, pensa-se a si mesmo. Segundo ele o homem une-se com o divino no amor pelo eterno, onde a apreensão do eterno se dá pelo pensamento.

planos, Bettina não se ligou a nenhuma convenção. Sendo uma mulher independente, contestatária, com ideias muito próprias e defensora da autonomia de pensamento, não surpreende que, apesar de ter nascido na atmosfera literária do romantismo, mesmo os adeptos desta corrente a olhassem como uma excêntrica. Contudo, a sua obra, mais especificamente a da fase inicial, reflecte bem a ideologia subjacente ao Romantismo, pois por influência da avó materna (Sophie von Laroche) e muito em particular do irmão Clemens, Bettina desde muito cedo se deixou envolver pelos tumultos culturais e intelectuais da época. Entre os vários elementos românticos presentes em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, *Clemens Brentanos Frühlingskranz* e *Günderode* (livro dedicado aos estudantes de Berlim, e cujos temas versam sobre história, mitologia e arte) conta-se a nova representação sensível e não apenas mimética da natureza na literatura⁴¹.

Toda a natureza é apenas símbolo do espírito e é através dela que o homem aprende a conhecer o seu próprio ser interior. Em profunda ligação com o homem na medida em que actua sobre ela, se realiza através dela e pode mesmo ser o ponto de partida para chegar ao conhecimento profundo do eu, a natureza, à qual se atribui um valor sensível e metafísico, é o lugar preferencial de refúgio para o intimismo e melancolia, onde o romântico encontra o sentido de Deus; uma natureza que tem vida própria⁴² e espírito, sendo através deste que se alcança a unidade e a harmonia de todas as coisas e do Homem.

Ao exprimir a necessidade de uma união entre a natureza e o espírito para se atingir a harmonia suprema, Bettina von Arnim vai por exemplo ao encontro da obra de Novalis. E,

⁴¹ O amor pela natureza e pela sua mística é uma das características do romantismo. A natureza para os românticos é vista como um grande eu, uma rede viva de relações.

⁴² Esta ideia de natureza como matéria animizada susceptível de transformação ou transfiguração poética, tem a ver com a filosofia organicista e dinâmica da natureza do filósofo romântico Schelling e que é aproveitada poeticamente por Novalis e Friedrich Schlegel. Schelling consagrou-se ao estudo da natureza, concebendo-a como um organismo universal; desenvolveu uma filosofia da natureza („Ideen zu einer Philosophie der Natur“, 1797), que procura unir todas as antíteses e postulou uma identidade entre o real/objectivo e o ideal/subjectivo. Para ele a natureza, tanto no homem como na fauna e na flora era a expressão visível de Deus/do espírito. O

na verdade, como refere Fernanda Gil Costa "a experiência do sublime na e pela natureza, o demoníaco e o lado nocturno da existência do próprio mundo, só podem conceber-se no caso dos românticos no contexto da sua visão predominantemente animista."⁴³

A par da natureza, o amor é igualmente objecto de tematização para a autora. Amor em cuja forma de tratamento não podemos deixar de sentir, novamente, o eco das ideias novalianas, uma vez que surge sob a forma de amor místico que se funde com a religião⁴⁴. Ele é a chave que conduz à liberdade, ou seja, que permite a passagem da vida terrena para a vida celestial/etérea.⁴⁵ O amor de Bettina confere à obra um carácter de poesia, de fantasia, pois ele é também uma espécie de revelação do ideal. O seu amor por Goethe é mais do que um amor platónico, é, podemos dizer, o culto do Génio, a quem ela canta verdadeiros hinos, como se pode constatar neste excerto.

“ Du, der die Liebe erkennt und die Feinheit der Sinne, o, wie ist alles so schön in Dir; wir rauschen die Lebensströme so kräftig durch dein erregtes Herz uns stürzen sich mit Macht in die kalten Wellen Deiner Zeit und brausen auf, daß Berg und Tal rauchen von Lebensglut, und die Wälder stehen mit glühenden Stämmen an Deinen Gestaden; und alles, was Du anblickst, wird herrlich und lebendig. ” (122)

A perfazer a triologia romântica – natureza, amor, música - o terceiro elemento não poderia deixar de estar presente. Esta forma de arte que, a par da poesia, é um dos meios de romantização do mundo, tem nas obras de Bettina von Arnim a ver com a alma, com a sensibilidade e o misticismo. O poder do som melódico, a força enfeitiçante da música - tal como outras formas de arte essencial para o equilíbrio e a unidade do homem e cuja função

espírito (a natureza na sua forma etérea, invisível) serve-se da matéria (uma espécie de inteligência/alma adormecida) com o propósito de evoluir.

⁴³ Cf. Fernanda Gil Costa, *Literatura Alemã I*, Lisboa: Universidade Aberta, 1998, p. 346.

⁴⁴ „Der Liebende geht ein durch den Geliebten ins Göttliche, in die Seligkeit. Liebe ist Überströmen in die Seligkeit.“. (BW, 175)

⁴⁵BW, 398

também é desvendar as vias conducentes à utopia, ao sagrado -, bem como a alusão à sua forte e benéfica influência surge em vários momentos da obra, sendo mais um dos aspectos que conferem a *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* um cunho romântico, na medida em que a sua inclusão tende para fazer dela uma “obra completa”.

O recurso ao sonho é outra constante nas três obras atrás referidas. Sonho que pode ser nocturno e tem um valor estético ou metafísico especial, ou então é um sonho-devaneio, um sonhar durante o estado de vigília, e nesse caso o leitor vê-se perante uma torrente de imagens que visam acordar ou suscitar emoções e sentimentos criados pela fantasia poética. Mas, em qualquer dos casos esse mundo do sonho - mundo interior e mágico com momentos de êxtase que é preciso perpetuar – é sempre apresentado em contraponto ao mundo real. Na força do diálogo interior, ganha forma não apenas o romântico mundo de sonho diurno da retirada do encontro real/efectivo, mas também nele radica a autocompreensão do próprio ser e do próprio génio.⁴⁶ Este atractivo/encanto da fantasia compete logo a seguir com a realidade, quando surge, por exemplo, relatado com laivos de estilo romântico, um facto não imaginário ocorrido no jardim do convento - Bettine passou muitas noites ao ar livre⁴⁷. O mundo estreito do dormitório pode ser permutado com a liberdade do vaguear/errar nocturno e o mundo da vivência diurna sob a luz do Sol com a vivência da noite ao luar.

“ Solcher Nächte zwei erinnere ich mich, die schwül waren, wo ich aus den beklommenen Schlafsälen zwischen den Reihen von Tiefschlafenden mich schlich und hinaus ins Freie eilte, und mich die Gewitter überraschten, und die breite blühenden Linde mich unter Dach nahm; die Blitze feuerten

⁴⁶ Leia-se o seguinte passo: „Sie ließen mich gewähren, die Parzen, Musen und Grazien, die da alle eingeklemmt waren im engen Tal, das vom Geklapper der Mühlen dreifaches Echo in den umgrenzenden Wald rief (...)“ (BW, 497).

⁴⁷Veja-se a seguinte passagem: „Manche Nächte hab’ ich da im Freien zugebracht, ich kleines Ding von acht Jahren; meinst Du das war nichts?- Mein Heldentum war’s, denn ich war kühn und wüßte nichts davon. Die ganze Gegend, soweit ich sie ermessen konnte, war mein Bett; ob ich am Ufersrand von Wellen umspült oder auf steilem Fels vom fallenden Tau durchnäßt schlief, das war mir einerlei.“ (BW. 497).

durch ihre tiefhängenden Zweige; dies urplötzliche Erleuchten des fernen Waldes und der eizelnen Felszacken erregte mir Schauer, ich fürchtete mich und umklammerte den Baum, der kein Herz hatte was dem meinen entgegenschlug.” (498)

E mesmo que Bettine tivesse inventado estes acontecimentos, as fantasias do sonho que ocorre durante o dia actuam tão fortemente e com tanta energia que evocam a realidade, acabando por recriá-la.

A infância, recordada sempre como um período feliz da sua vida e entendida como determinando uma atitude inicial do indivíduo face a um microcosmo representativo do mundo desconhecido, é mais um dos temas que Bettina frequentemente privilegia.

O eu, como centro e referência do universo, é outra máxima do Romantismo que Bettina não ignora e deixa transparecer nas suas obras. Nelas encontramos um eu de grande riqueza individual e psicológica que, buscando infinitamente o ideal inatingível na esteira da simbólica flor azul novaliana, viaja num mundo de fantasia à descoberta do seu mundo interior; um eu que tende a potenciar qualitativamente a realidade: “A fantasia é a arte livre da verdade” escreve Bettina em *Goethes Briefwechsel mit einen Kinde*. A “Sehnsucht”, enquanto aspiração permanente, não surge nas obras de Bettina von Arnim apenas na sua vertente de ânsia pelo indefinido/irreal inalcançável, que deriva da tomada de consciência do indivíduo sobre a sua imperfeição na vida terrena e o leva a buscar a perfeição no Além. Ela está muitas vezes associada à saudade de vivências passadas e à morte, como acontece no início deste primeiro romance da autora, quando Bettine recorda a amizade e a morte da sua grande amiga Gúnderode.

Também no que concerne ao aspecto formal estas obras seguem igualmente uma linha tipicamente romântica. As cartas que as compõem afastam-se dos moldes tradicionais, pois que a narrativa é intercalada com canções e poemas e, se em *Goethes Briefwechel mit einem Kinde* existe até um enigma e uma pauta musical, complementando os votos de uma boa

noite, em *Giünderode*, por exemplo, surge frequentemente um *anexo* às cartas (que pode ser uma mini peça de teatro, uma reflexão filosófica, um poema/diálogo entre duas flores, um fragmento apocalíptico ou uma história-poema) e também um *suplemento* após cada uma das duas partes dessa obra. Nesta preocupação de criar uma obra de arte total e inovadora, unindo vários elementos que se completam mutuamente, pode encontrar-se uma analogia com a necessidade da coexistência da *Symphilosophie* e da *Sympoesie*, que Schlegel defende no Fragmento 125 da revista *Athenäum*.

Depois de tudo o que foi enunciado pode, em jeito de síntese, caracterizar-se Bettina von Arnim como representante dum romantismo do futuro no sentido da Escola Romântica de Jena. Este tipo de romantismo tem em conta a experiência vivida, portanto o passado recriado no presente, como o pressentimento do futuro cuja fonte é o próprio sentimento e as emoções.

Por outro lado, situando-se em pleno romantismo tardio mas partilhando as tendências liberais dos escritores da *Jovem Alemanha*, Bettina von Arnim valoriza o indivíduo não apenas enquanto entidade isolada mas também inserido na sociedade e, por isso mesmo, se bate abertamente pela resolução dos problemas sociais⁴⁸.

⁴⁸ Cf. “ Natürlich finden wir auch bei Bettine die höchste Wertung des Individuums, aber daneben ist bei ihr der Begriff des Volkes lebendig. Das Individuum ist für sie die kleinste Einheit, die aber immer in Hinblick auf die Gesamtheit gesehen wird.” (Hilde Wyss, *Bettina von Arnims Stellung zwischen der Romantik und dem Jungen Deutschland*, p. 27) e ainda: “Mit ihr (die Humanistin Bettina) ging ein wahrhaft sozialer Mensch, die einzige Angehörige des romantischen Kreises, die sich optimistisch und tatkräftig mit sozialen Problemen ihrer eigenen und einer kommenden Zeit auseinandersetzte.”. (Gerda Berger, Lore Mallachow, Gertrud Meyer-Hepner, *Bettina. Ein Lesebuch für unsere Zeit*, Weimar: Thüringer Volksverlag, 1954, p. 31).

2. 3. Bettina e a *Jovem Alemanha*

Espectadora atenta da realidade cultural, política e social, Bettina von Arnim, numa segunda fase da sua produção literária que inclui *Königsbuch*, *Armenbuch* (livro não publicado em vida da autora) e *Ilius Pamphilius und die Ambrosia*, envereda - antecipando as orientações dos escritores da *Jovem Alemanha* que a incluíam no seu grupo e ao lado de quem ela esteve quando os escritos destes foram proibidos por resolução parlamentar de 10 de Dezembro de 1835⁴⁹ - por um caminho de denúncia social e de empenhamento político⁵⁰. De uma maneira genérica pode dizer-se que o que existe de comum entre Bettina e os escritores da *Jovem Alemanha* é uma nova perspetivação da obra literária, que além de valor artístico tem como objectivo torná-la acessível a todas as classes de leitores, estimular a acção, e apelar ao progresso social e político. A esta afinidade não é alheio o facto de Bettina ter privado de perto com alguns dos representantes mais conhecidos deste grupo de intelectuais, como Karl Gutzkow e Heinrich Heine⁵¹ - este último, tal como, ela frequentador do Salão de Rahel Varnhagen. Porém, se para os escritores da *Jovem Alemanha* o presente e

⁴⁹Cf. Ingeborg Drewitz, “ ‘...darum muß man nichts als leben’ Bettine von Arnim”, München: Econ & List, Taschenbuch Verlag, 1999, p. 197.

⁵⁰ Refira-se, a título de exemplo, a interferência de Bettina no caso „Göttinger Sieben“ em que 7 professores da Universidade de Göttingen (Friedrich Christoph Dahlman, Wilhelm Albrecht, George Gottfried Gervinius, Heinrich Ewald, Wilhelm Weber e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm) se opuseram à anulação da Constituição liberal do estado de Hannover, que o rei Ernst August II pretendia decretar. Como consequência do seu protesto, estes foram afastados das suas funções docentes em 12.de Dezembro de 1937. Ao ter conhecimento do sucedido, Bettina, amiga dos Irmãos Grimm, intercedeu pelo grupo, solicitando a Karl von Stein zum Altenstein, Ministro da Educação, que intervesse junto do rei. Mas, o envolvimento de Bettina neste processo prolongou-se e, posteriormente, veio a interceder junto do príncipe herdeiro da Prússia, Friedrich Wilhelm III e também do seu sucessor, Friedrich Wilhelm IV.

Pode ainda mencionar-se uma outra situação, a que Gertrud Meyer Hepner chamou *Magistratsprozeß*: Em 1846 Bettina foi acusada de insultos aos Serviços Municipalizados de Berlim e condenada a dois meses de prisão e a pagar as custas do processo. A pena não chegou a ser cumprida, porque foi suspensa devido à influência do cunhado Carl Friedrich von Savigny.

⁵¹ À escola chamada *A Jovem Alemanha* ou a *Nova Literatura*, além destes dois escritores perteceram também nomes como Heinrich Laube, Ludolf Wienbarg e Theodor Mundt.

o momento actual são decisivos, Bettina pratica o que poderia chamar-se uma política virada para o progresso e o futuro.

Embora Bettina no seu primeiro livro já demonstre preocupar-se com assuntos ligados a eventos sócio-políticos, ao fazer alusão à situação dos Tiroleses e à ocupação francesa, só inicia um papel politicamente mais activo a partir de 1840, com o começo do movimento político da burguesia na Alemanha e a subida ao trono prussiano de Frederico Guilherme IV. A este monarca, em quem os adeptos do liberalismo viam o soberano ideal, capaz de governar em consonância com a vontade do povo, dedicou Bettina *Das Buch gehört dem König* (o primeiro volume do *Königsbuch*, publicado em 1843).

Para melhor ajuizar da dedicação de Bettina e Achim von Arnim à causa prussiana, observe-se a curiosa relação dos nome dos filhos do casal com os acontecimentos históricos: O primeiro, nascido em 1812, ano em que a Prússia se libertou da influência francesa, recebeu o nome de **Freimund**; ao segundo filho, que veio ao mundo em 1813, ano da vitória das tropas prussianas em Leipzig e que pôs fim ao domínio napoleónico na Alemanha, foi dado o nome de **Siegmund**; dois anos mais tarde, ano do Tratado de Paris, do Congresso de Viena e da consolidação da paz, nasce **Friedmund**; em 1817 surge um outro filho que, como símbolo da esperança no futuro, foi baptizado com o nome de **Kühnemund**.

Em 1844, continuando uma linha de pensamento que se pode denominar de progressista Bettina escreve *Das Armenbuch* (cuja publicação foi interdita na altura e para cuja elaboração fez um apelo público, solicitando informações acerca da pobreza em todas as províncias, um livro em que denuncia a situação de miséria dos tecelões da Silésia e de outros proletários).

Embora não sendo uma democrata radical e opondo-se ao abuso do poder, Bettina acolheu de bom grado a revolução de Março de 1848 vendo nela a possibilidade de um progresso social. E quando em 1852 surgiu *Gespräche mit Dämonen* (a segunda parte do

Königsbuch, que foi proibido na Baviera e na Áustria por ser uma crítica teológica e sociopolítica à sociedade prussiana), esta mulher de palavras e de acções chegou mesmo a ser, na época, apelidada de comunista⁵².

Bettina e a sua obra tiveram uma grande aceitação por parte dos escritores da *Jovem Alemanha*, tendo Theodor Mundt, na revista *Literarischer Zodiacus*, de Abril de 1835, definido a escritora como ser dotado de qualidades sobrenaturais⁵³, fúria de vingança (“Rachefurie”, utilizando a expressão de Börne - que teceu grandes elogios a *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*) ou oradora audaz na opinião de Karl Gutzkow⁵⁴. A esta entusiástica receptividade está, certamente, associada a circunstância de Bettina - mostrando-se solidária com os Judeus, os pobres e todos os oprimidos, escrevendo para apoiar o grande número de prussianos subjugados, intercedendo em 1847 por Louis von Mirowski⁵⁵, visitando em 1831 o bairro pobre de Vogtland durante uma epidemia de cólera e providenciando vestuário, medicamentos e assistência médica, defendendo a reforma social e ajudando a fomentar o desenvolvimento do liberalismo e radicalismo alemão através do seu *Berliner Salon* (1836-1854)⁵⁶ - ter tomado activamente parte na

⁵² Vd. Norgard Kohlhagen, *Frauen, die die Welt veränderten*, Stuttgart: Verlag Huber Frauenfeld, 1981, p. 27.

⁵³ „ Mit ihrem ‘Goethebuch’, für das Theodor Mundt Bettine in seiner Zeitschrift *Literarischer Zodiacus* im April 1835 als, den genialen, romantischen, mystischen, prophetischen, wundersam herumirrlirenden Kobold Bettina, die Sybille der romantischen Literaturperiode, und doch das von-herzinniger Liebe gequälte Kind Goethe’s ‘ gefeiert hatte”, (Vd. Ulrike Landfester, „ Das Schweigen der Sibylle. Bettine von Arnims Briefe über die Revolution von 1848,, , in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 11/12 –1999/2000, 121-143, p.123)

⁵⁴ Cf. Ingeborg Drewitz, “ ‘...darum muß man nichts als leben’ Bettine von Arnim“, München: Econ & List Taschenbuch Verlag, p. 336.

⁵⁵ Polaco revolucionário condenado à pena de morte em 2 de Dezembro de 1847 e libertado durante a revolução de 1848.

⁵⁶ “ Bettinas Salon “ é a designação normalmente utilizada para as reuniões sociais (não organizadas nem regulares) realizadas em casa de Bettina. Contudo, este Salão que se tornou um ponto de encontro de pessoas famosas como os irmãos Grimm e Karl Marx, não se pode comparar quer historicamente quer historico-culturalmente a outros famosos salões berlinenses aristocráticos e judaicos, como os de Henriette Herz, Rahel Varnhagen, Sara Levy, Elisabeth von Stägeman e Dorothea von Kurland, onde pessoas politicamente afins se encontravam semanalmente e em dia fixo. O de Bettina, ao contrário destes, não era uma instituição social de Berlim, mas sim um local de reuniões informais não pré determinadas. As viagens frequentes que a escritora

política vigente. No *Salão Bettiniano*, cujo carácter cosmopolita segue a tradição dos anteriores Salões de Berlim, podem distinguir-se dois momentos diferentes: o primeiro quinquénio, quando esteve sediado no nº 21 da Avenida Unter den Linden e era frequentado por jovens admiradores da nova escritora revelação, que procuravam inspirar-se nela, e o segundo lustro – depois de *Günderode* ser publicado - em que já na Rua Zelten, nº 5, acolheu elementos da facção política mais liberal. Nesta segunda fase (1840-45), coincidente com o seu apogeu, o Salão de Bettina viveu um período de forte actividade política, pois ela era naquele período uma figura que irradiava grande prestígio e influência tanto no plano cultural como político.

Este *Salão* de Demagogos que Bettina entendia ser “um campo de experimentação de planos de utopias sociais e políticas que visavam fundamentalmente a realização social”⁵⁷ e que na opinião de Konstanze Bäumer e Hartwig Schultz era mais precisamente “uma casa aberta”⁵⁸, merece uma particular atenção, uma vez que foi considerado um dos salões românticos de Berlim mais famosos⁵⁹. Bettina utilizou-o como lugar de divulgação de temas que, de outra forma, naquele período de revolução e Restauração, não lhe era possível dar a conhecer publicamente. Repare-se na descrição feita por Maximiliane von Arnim, filha de Bettina e que mostra bem como em casa da mãe existiam dois salões separados: um onde a escritora se encontrava com os democratas revolucionários para debater questões relacionadas com os

efectuava, as longas estadias nas quintas de Bäewalde e Wiepersdorf e as diversas mudanças de residência (entre 1834 e 1847 mudou quatro vezes de casa), inviabilizavam a institucionalização de um local de encontro.

⁵⁷

“Anstatt den Salon lediglich als ästhetische Spielfläche geistreicher Geselligkeit zu nutzen, verstand B. ihn als Experimentierfeld sozialer und politischer Utopieentwürfe, die grundsätzlich den Anspruch auf gesellschaftliche Verwirklichung erhoben.”. (Vd. *Bettine von Arnim Werke und Briefe*, herausgegeben von Walter Schmitz und Sibylle von Steindorff, Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, Band 3-*Politische Schriften*, p. 693.

⁵⁸ Cf. Konstanze Bäumer/Hartwig Schultz, *Bettina von Arnim*, Stuttgart: J. B. Metzler Verlag, 1995, p. 68.

⁵⁹ Pessoas como como Karl August Varnhagen von Ense, Karl Hartwig Gregor von Meusebach, Karl August Heinrich Otto Rühle von Lilienstern e Alexander von Humboldt, incluem-se na extensa lista de intelectuais e escritores que frequentaram este Salão.

ideais dos escritores da *Jovem Alemanha* e outro onde, esta filha e uma outra, Armgart, recebiam os amigos aristocratas⁶⁰.

Mas também um outro grupo de jovens intelectuais do qual faziam parte Arnold Ruge, Bruno e Edgar Bauer, David Friedrich Strauss, Karl Marx e Ludwig Feuerbach - a facção esquerdista dos Jovens Hegelianos⁶¹, que de igual forma criticava o estado e as condições sociais e mantinha, tal como Bettina, uma relação livre e não dogmática com a tradição religiosa – expressou em recensões críticas favoráveis, o seu entusiasmo pelas obras de Bettina, chegando Strauss a declarar-se magnetizado por elas e Edgar Bauer a considerá-la uma “fundadora de religião”⁶².

Em conclusão, pode dizer-se que a obra de Bettina von Arnim é o retrato do mundo social e politicamente conturbado em que viveu e, atendendo a que as obras da sua fase inicial reflectem a atmosfera cultural, artística, espiritual, filosófica e sentimental do romantismo que envolveu a mudança do século, e ainda que os últimos romances desta mulher, chamada uma “política de sentimento”⁶³ são o espelho do seu comprometimento político e do ambiente do *Vormärz*, podemos considerar as suas obras um elo de ligação e uma ponte entre os escritores Românticos e os da *Jovem Alemanha*, dado que mantendo um

⁶⁰ “ Im Hause Arnim gab es zwei Salons, einen demokratischen und einen aristokratischen. Links vom Saal in unseren Räumen empfingen wir unsere Freunde, rechts in ihren Zimmern Bettina ihre >edlen< Weltverbesserer .”. (Cf. Konstanze Bäumer/Hartwig Schultz, *Bettina von Arnim*, Stuttgart: J. B. Metzler Verlag 1995, p. 68). Dos referidos “edlen Weltverbesserer” faziam parte, entre outros, os jovens hegelianos Bruno e Edgar Bauer e o jurista Heinrich Bernhard Oppenheim. Ao grupo dos aristocratas pertenciam pessoas como o príncipe Waldemar, o conde de Launay, Georg von Groeben e d’Dautremont. (Cf. Christine Becker, “Bettine von Arnim und die Revolution von 1848”, in Hartwig Schultz (Hrsg), *Die echte Politik muß Erfinderin sein*, Berlin: Saint-Albin-Verlag, 1999, 309-360, pp. 310)

⁶¹ Bettina leu escritos dos *Jovens Hegelianos* e teve contactos com eles. (Vd. Heinz Härtl, „ Bettinas Salon der , edlen Weltverbesserer““, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim Gesellschaft*“, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 8/9-1996/97, 164-176)

⁶²“Religionsstifterin”. (Vd. Bettine von Arnim, *Werke und Briefe*. Hrsg. von Walter Schmitz und Sibylle von Steindorff, 4 Bde. Frankfurt am Main, Band 3, *Politische Schriften: dies Buch gehört dem König . Armenbuch . Ilius Pamphilius und die Ambrosia* (excertos) . *Polenbroschüre . Petöfy dem Sonnengotte*. Hrsg. von Wolfgang Bunzel, Ulrike Landfester, Walter Schmitz und Sibylle von Steindorff, Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1995, p. 735)

⁶³ „*Politikerin aus Gefühl*“. (Vd. Karl Hans Strobl, Karl Wilhelm Fritsch, *Geschichten der Bettina von Arnim*, Berlin: F. Fontana, & Co., 1908, p. XX)

cunho estilístico ainda nitidamente romântico revelam igualmente novos aspectos e interesses sociais que permitem classificá-las como pertencentes aos novos tempos em que a literatura tende para uma função mais interventiva quer a nível político quer socialmente.

III. GOETHE'S BRIEFWECHSEL MIT EINEM KINDE: UMA SÍNTESE DE GÊNEROS NARRATIVOS

Considera-se neste capítulo não apenas o romance epistolar – género narrativo em que *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* se inclui - mas também o diário e a autobiografia, por existirem igualmente pontos de contacto com estes dois géneros literários. Relaciona-se o seu aparecimento com a conjuntura sócio-literária e ideológica do séc. XVIII e estabelece-se uma ligação entre eles, demonstrando que, com o seu cruzamento, não só é possível representar o real com base na egofilia, na valorização dos sentimentos e no confessionalismo, como também os limites entre a ficcionalidade e a realidade se desvanecem.

É sabido que o romance, sendo filho da epopeia, nem sempre foi entendido com uma forma de expressão literária exclusivamente em prosa e que só a partir dos meados do séc. VII a lírica passou a ser reconhecida como género literário. Assim, até ao Romantismo, a classificação tripartida dos géneros literários em épico, dramático e lírico era rígida, sendo cada um deles entendido como um universo estanque e imutável, com características bem demarcadas. Mas, embora durante o Iluminismo alguns romances já se afastassem da linha tradicional dos poemas heróicos, a verdade é que o romance, de acordo com a poética vigente, não era ainda considerado um género autónomo. Tal facto só se vem a verificar a partir dos meados do século XVIII, à semelhança do que já acontecera noutros países, como a Inglaterra e a França, quando se inicia na Alemanha uma procura de identidade quer no plano cultural quer linguístico e, com sólida fundamentação filosófica, se impõem, cada vez mais, formas literárias romanescas como a autobiografia (*Dichtung und Wahrheit*, por exemplo), o diário e o romance epistolar (o caso de *Die Leiden des jungen Werthers*).

Para que se possa ter um noção mais clara do conceito romântico de romance – entendido como uma mistura tendencial de todos os géneros e não como um género estável, devendo integrar todas as formas de poesia, misturando reflexão, narrativa, o fantástico e a música - é importante referir a contribuição de Friedrich Schlegel para cimentar essa mesma noção, ao afirmar num dos seus *Fragmentos* que a poesia da sua época é “uma poesia universal progressiva”⁶⁴. Ao estabelecer esta universalidade em que arte, vida e realidade formam um todo indissociável, Schlegel visa suprimir os dualismos realidade-ideia e vida-arte.

Tendo presente que *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* surge num período em que se faz a apologia da simbiose dos géneros literários, segue-se uma análise pormenorizada daqueles que mais directamente se relacionam com a obra central deste estudo.

3.1. O romance epistolar

A epístola tradicional, mais concretamente a carta privada, tornou-se no séc. XVIII numa das formas mais apreciadas da nova sociabilidade entre as elites intelectuais, sendo frequente a publicação de colecções de correspondência privada. Ao ser divulgado, o documento íntimo torna-se um género literário, passando o significado social da carta a residir na sua função de meio de comunicação e de canal de informação. Por seu turno, a ficcionalização da troca de correspondência liberta o eu epistolar (empírico) das suas fronteiras limitadas e banais e permite um discurso idealizado.

⁶⁴ Vd. fragmento publicado em 1880 na revista *Athenäum* „Progressive Universalpoesie, in Friedrich Schlegel, *Kritische Schriften*, hrsg. von Wolfdietrich Rasch, München: Carl Hanser Verlag, 1956, p. 337.

Tendo em consideração que assim se torna possível uma certa ficcionalidade na carta, que a faz oscilar entre a comunicação quotidiana e o literário, pode compreender-se os motivos que levaram Schlegel a considerar o romance uma forma de carta⁶⁵. Esta, por um lado, possui sempre um carácter informativo, dirige-se a uma pessoa empírica específica e aborda frequentemente temas da vida diária. Por outro lado, na carta, a autoprojecção e a projecção do outro é comparável à invenção de personagens literárias, e ao ser publicada, esta passa a ser dirigida não a uma pessoa em particular, mas a um público vasto e centra-se num tema específico.

Importante para a tradição do romance epistolar foi a publicação das obras do escritor Inglês Samuel Richardson, sendo esta nova forma literária continuada por autores alemães como Sophie von La Roche (*Geschichte des Fräulein von Sternheim*, 1771) e Goethe (*Die Leiden des Jungen Werthers*). Contudo, só a partir de 1774, ano em que Friedrich von Blanckenburg publica *Versuch über den Roman* - aquele foi, na Alemanha, o primeiro escrito teórico sobre esta matéria- o romance, que originalmente abrangia os poemas narrativos contando as aventuras dos cavaleiros andantes e também aqueles cujos temas eram de carácter amoroso, épico e satírico, passou a ser assumidamente entendido também como expressão da história interior.

É na revista *Athenäum*, no texto *Gespräch über die Poesie*, mais especificamente em *Brief über den Roman*, que Friedrich Schlegel expõe a sua poética sobre o Romantismo e concretamente sobre o romance. Aí escreve que o romance deve ser uma combinação de diversas formas de expressão escrita.

“ Ein Roman ist ein romantisches Buch. (...)

Sie behaupteten zwar, der Roman habe am meisten Verwandtschaften mit der erzählenden, ja, mit der epischen Gattung. Dagegen erinnere ich nun erstlich, daß ein Lied ebensogut romantisch sein kann als eine Geschichte.

⁶⁵Cf. „Brief über den Roman“, in Friedrich Schlegel, *Kritische Schriften*, hrsg. von Wolfdietrich Rasch, München: Carl Hanser Verlag, 1956, p. 325-327.

Ja, ich kann mir ein Roman kaum anders denken, als gemischt aus Erzählung, Gesang und andern Formen. (...)

Wenn solche Beispiele ans Licht träten, dann würde ich Mut bekommen zu einer Theorie des Romans, die im ursprünglichen Sinne des Wortes eine Theorie wäre: eine geistige Anschauung des Gegenstandes mit ruhigem, heitern ganzen Gemüt, wie es sich ziemt, das bedeutende Spiel göttlicher Bilder in festlicher Freude zu schauen. Eine solche Theorie des Romans würde selbst ein Roman sein müssen, der jeden ewigen Ton der Phantasie phantastisch wiedergäbe, und das Chaos der Ritterwelt noch einmal verwirrte.(...)

Daß ich auch die Bekenntnisse dazu rechnete, wird Ihnen nicht mehr befremdend sein, wenn Sie zugegeben haben, daß wahre Geschichte das Fundament aller romantischen Dichtung sei; und Sie werden sich, wenn Sie darüber reflektieren wollen, leicht erinnern und überzeugen, daß das beste in den besten Romanen nichts anders ist als mehr oder minder verhülltes Selbstbekenntnis des Verfassers, der Ertrag seiner Erfahrung, die Quintessenz seiner Eigentümlichkeit.“⁶⁶

Sendo o romance epistolar no séc. XVIII e séc. XIX a forma de expressão escolhida com frequência pelas mulheres escritoras, facilmente se compreende que este género literário se adaptasse a transmitir as vivências das mulheres na sua multiplicidade, uma vez que a carta tal como o diário, estavam próximos das formas quotidianas de escrita, permitindo às mulheres encontrar e desenvolver uma forma de expressão capaz de substituir a ausência de uma formação escolar. Contudo, para esta autora não se tratava apenas de uma reprodução das suas experiências, pois do ponto de vista estético também considerava a carta como uma forma na qual mais facilmente se autorealizavam e concretizavam as suas pretensões. Para ela, tal como para muitas outras mulheres criadoras de obras literárias nessa época, o género epistolar, em particular o romance, tornou-se um instrumento com a ajuda do qual podiam

⁶⁶Vd. „Brief über den Roman“, in Friedrich Schlegel, *Kritische Schriften*, hrsg. von Wolf Dietrich Rasch, München: Carl Hanser Verlag, 1956, p. 325-327.

expressar o seu não conformismo e dar-lhe uma forma adequada, próxima da realidade das suas experiências e emocionalmente rica.

Além disso, é de sublinhar que este género literário se revestiu de um interesse e aceitação particular numa época em que as mulheres começavam a procurar a sua autonomia como escritoras e a autoafirmarem-se, servindo precisamente de recurso para a autoreflexão e autodescoberta.

Bettina von Arnim, pelos contactos estreitos que manteve com os intelectuais da sua época, dos quais, além da avó materna e do irmão Clemens Brentano, se mencionam apenas alguns como Goethe, Karoline von der Günderode, os Irmãos Grimm, Rahel Varnhagen, Ludwig Tieck, Schleiermacher e Karl Marx e, também pelo seu temperamento, não podia ficar indiferente às linhas programáticas literárias e culturais que nortearam a sua época. Por isso, falar da produção literária desta escritora remete para o clima de sociabilidade que caracterizou o período em que ela viveu.

Esse espírito de vida em sociedade, que assume a sua forma essencialmente na criação de grupos de actividades literária e de *Salons*, impulsionou a autora - numa altura em que a publicação de obras era pouco acessível às mulheres - a considerar as suas missivas como forma artística e a transferi-las da esfera privada para a esfera pública. Assim, influenciada por todo um ambiente circundante que lhe era propício e numa situação privilegiada, pois desde a infância foi educada num ambiente de convivência com círculos culturais (ligação que continuou a manter através do marido e do irmão Clemens – ambos pertenceram aos grupos românticos de Heidelberg e de Berlin) ousa publicar a sua primeira obra que, sendo expressão dessa sociabilidade, está repleta de experiências da sua socialização intelectual.

Como já foi referido, Bettina, em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, parte do real - a troca de correspondência por ela efectuada com Goethe e a mãe deste, e cujas balizas cronológicas são 19 de Maio de 1807 e 8 de Março de 1832 – para elaborar a obra, datando

as cartas num período compreendido entre 1 de Março de 1807 e 11 de Janeiro de 1824. É nesta passagem da realidade para a literatura que as cartas perdem o seu cunho de autenticidade biográfica e privacidade e entram no campo da ficcionalidade.

As cartas que compõem este romance epistolar versam sobre uma multiplicidade de áreas temáticas. Algumas, que se circunscrevem a meros acontecimentos do quotidiano, podem ser registos acerca das condições atmosféricas, relatos de viagens, descrições de vestuário, de lugares ou de ocorrências, quer banais quer de âmbito nacional e internacional⁶⁷.

Repare-se na forma peculiar como Bettina, nas suas anotações, mostra ser uma mulher atenta e preocupada com a realidade social, histórica e política que a rodeia, não mantendo uma atitude passiva face a ela.

“Erst ein ganzes Haus voll Frauen, kein einziger Mann, nicht einmal ein Bedienter. Alle Läden im Haus’ sind zu, damit uns die Sonne nicht wie unreife Weinstöcke behandelt und garkocht. Das Sotckwerk in dem wir wohnen, besteht aus einem großen Saal, an das lauter kleine Kabinette stoßen, die auf den Rhein sehen, in deren jedem ein Pärchen von unserer Gesellschaft wohnt. Die liebe Marie mit den blonden Haaren ist Hausfrau und läßt für uns backen und siedend. Morgens kommen wir alle aus unseren Gemächern im Saal zusammen. Es ist ein besondres Pläsier zu sehen, wie einer nach dem andern griechisch drapiert hervorkommt. Der Tag geht vorüber in launigem Geschwätz, dazwischen kommen Bruchstücke von Gesang und Harpegge auf der Gitarre. Am Abend spazieren wir an den Ufern des Rheins entlang, da lagern wir uns auf dem Zimmerplatz; ich lese den Homer vor, die Bauern kommen alle heran und hören zu; der Mond steigt zwischen den Bergen herauf und leuchtet statt der Sonne. In der Ferne liegt das schwarze Schiff, da brennt ein Feuer, der kleine Spitzhund auf dem Verdeck schlägt von Zeit zu Zeit an. Wenn wir das Buch zumachen, so ist ein wahres politisches Verhandeln.“ (49/50)

⁶⁷ Ver a menção feita ao *acontecimento mundial* que foi o terramoto de Lisboa em 1755. (BW, 421)

Nesta passagem, referente à sua estadia em Winckel, Bettine, para além de descrições alusivas ao edifício em que está instalada, às pessoas que a acompanham e às actividades a que se dedicam nos tempos de lazer, não deixa de frisar que aproveita a oportunidade para, em ambiente romântico – as margens do rio, noite, lua, montanhas, barco ao longe - “alfabetizar” e “politizar” as pessoas que estão em seu redor, neste caso concreto os trabalhadores rurais.

À semelhança do que sucede em outras situações já anteriormente indicadas, Bettina, relativamente aos eventos do Tirol e aos seus habitantes, não se limita a referenciá-los. Indo mais longe, ela manifesta estar declaradamente do seu lado, quando confessa ter ficado orgulhosa no momento em que um Tirolês lhe pegou na mão e, manifestando uma total confiança, lhe pediu que fosse portadora de uma mensagem para Stadion.

“ ‘Wir wissen daß du den Tiroler gut bist und wollen dich um eine Gefälligkeit bitten’; es waren Papier an Stadion und mündliche Aufträge, (...) Wie die Tiroler weg waren, war ich wie betäubt, mein Herz schlug hoch vor Entzücken, daß sie mir dies Zutrauen geschenkt haben. “ (289)

Ao exemplo citado, pode juntar-se este outro, elucidativo de como em relação aos *seus amigos Tirolese*⁶⁸, Bettina não podia ser mais explícita: viveu momentos de angústia, sofreu com eles e intercedeu, por intermédio da oração, já que não tinha outros meios, em seu favor.

“ Es geht ein Tag nach dem andern hin und hin und bringt nichts, das ist mir nicht recht; ich sehne mich wieder nach der Angst, die mich aus München vertrieben hat, ich habe Durst nach den Märchen von Tirol, ich will lieber belogen sein als gar nichts hören; so halte ich doch mit ihnen aus und leide und bete für sie. “ (336)

⁶⁸ Leia-se o seguinte passo:

„ (...) und was deine Freunde, anbelangt, so sollst du mir keine Worwürfe machen (...) “. (BW, 294)

Refira-se que a atitude de apoiar e ajudar os mais desfavorecidos e em dificuldade, verifica-se em Bettina também em relação a outras minorias, como os judeus, que a consideram sua protectora e salvadora⁶⁹.

Ainda no âmbito dos acontecimentos históricos mencionados na obra, merece especial destaque, pela maneira como veicula a atmosfera que envolve e é típica em situações de guerra, um relato respeitante à ocupação francesa.

“So war das Sommerleben, das plötzlich durch die rückkehrenden Kriegsszenen unterbrochen ward. Da war an kein Flüchten zu denken, am Morgen, da wir erwachten, hieß es: ‘ Hinab in den Keller! Die Stadt wird beschossen, die Franzosen haben sich hereingeworfen, die Röttmantel und die Totenköpfe sprengen voll allen Seiten heran, um sie herauszujagen!’ Da war ein Zusammenlaufen auf den Straßen, da erzählte man sich von Rotmäntel, daß die kein Pardon gäben, alles zusammenhauen, daß sie fürchterliche Schnurrbärte haben ,(...).”(551/552)

Este trecho, para além de proporcionar uma perspectiva do clima bélico vivenciado, com toda a agitação a ele inerente, é elucidativo da forma como a autora *encena romanticamente* a realidade. Um facto histórico, que supostamente deveria ser tratado com seriedade, é visto e relatado como se fosse um conto fantástico (*Märchen*) onde, aos olhos das crianças, as bombas são fogo de artifício.

Paralelamente a estas, nas cartas são também abordadas questões mais profundas e de natureza filosófica, como a religião, a arte, o conhecimento, o pensamento ou o amor, temas que certamente teriam sido alvo de discussão nos encontros dos *Salões*, já anteriormente mencionados. Note-se como nas passagens a seguir transcritas - elucidativas de alguns dos temas mais românticos focados na obra - o divino e o místico estão sempre presentes, evocando o texto novaliano.

⁶⁹ Veja-se como o apoio prestado por Bettina aos Judeus está bem expresso neste excerto:
„(...) begehrt Du es, so send' ich's, da die Juden es mir als ihren Protektor und kleinen Nothelfer verheren.“
(BW, 161)

“ Wissen ist die Himmelsbahn; das höchste Wissen ist Allmacht, das Element der Seligkeit; solange wir nicht in ihm sind, sind wir noch ungeboren. Selig sein ist frei sein; ein freies, selbständiges Leben haben, dessen Höhe und Göttlichkeit nicht abhängt von seiner Gestaltung; das in sich göttlich ist, weil nur reiner Entfaltungstrieb in ihm ist; ewiges Blühen ans Licht und sonst nichts.

Liebe ist Entfaltungstrieb in die göttliche Freiheit. (...) Liebe ist Überströmen in die Seligkeit.” (175)

Sendo a vida terrena uma prisão⁷⁰, só evadindo-se através do pensamento e da introspecção o homem consegue atingir o conhecimento interior e obter resposta para o que é racionalmente inexplicável.

“ Denken ist Religion, fürs erste Feueranbeten, wir werden einst noch weiter schreiten , wo wir mit dem ursprünglich göttlichen Geist uns vereinen, der Mensch geworden und gelitten hat, bloß um in unser Denken einzudringen; so erkläre ich mir das Christentum als Symbol einer höheren Denkkraft, wie mir denn überhaupt alles Sinnliche Symbol des Geistigen ist. ” (325)

Há ainda outros excertos que expressam a importância da arte no processo de conhecimento e do crescimento humano. A arte liberta-nos da supremacia despótica da razão e aproxima-nos do indizível/inexplicável, podendo por isso elevar-nos até Deus.

“Die Kunst ist der Spiegel der innersten Seele, ihr Bild ist es wie sie aus Gott hervorging, was die Kunst Dir spiegelt. Alle Schönheit ist eine Erkenntnis Deiner eignen Schönheit.” (528)

⁷⁰Vd. o seguinte passo ilustrativo da ânsia e necessidade que o ser humano tem de se libertar espiritualmente através da reflexão:

„ Und da fühl' ich, daß dies Leben ein Gefängnis ist, wo ein jeder nur eine kümmerliche Aussicht hat in die Freiheit: das ist die eigene Seele.“ (BW, 162)

“Die Kunst ist Heiligung der sinnlichen Natur, hiermit sag’ ich alles, was ich von ihr weiß. Was geliebt wird, das soll der Liebe dienen, der Geist ist das geliebte Kind Gottes, Gott erwählt ihn zum Dienst der sinnlichen Natur, das ist die Kunst. Offenbarung des Geistes in den Sinnen ist die Kunst. Was Du fühlst, das wird Gedanke und was Du denkst, was Du zu erdenken strebst, das wird sinnliches Gefühl. Was die Menschen in der Kunst zusammentragen, was sie hervorbringen, wie sie sich durcharbeiten, was sie zu viel oder zu wenig tun, das möchte manchen Widerspruch erdulden, aber immer ist es ein Buchstabieren des göttlichen *Es* werde.” (445)

“Die Seele atmet durch den Geist, der Geist atmet durch die Inspiration, und *die* ist das Atmen der Gottheit.

Das Aufatmen des göttlichen Geistes ist Schöpfen, Erzeugen; das Senken des göttlichen Atems ist Gebären und Ernähren des Geistes, - so erzeugt, gebärt und ernährt sich das Göttliche im Geist; so, durch den Geist in der Seele, so durch die Seele in dem Leib. Der Leib ist die Kunst,- sie ist die sinnliche Natur, ins Leben des Geistes erzeugt.” (450)

“Der Geist hat auch Sinne; so wie wir nur manches nur hören, oder nur sehen, oder nur fühlen: so gibt’s Gedanken, die der Geist auch mit einem dieser Sinne wahrnimmt; oft seh’ ich nur, was ich denke, oft fühle ich es.” (193)

Também se encontram registros mais intimistas – expressando conflitos e tensões interiores ou sentimentos – em que Bettine, como se de um diário se tratasse, em vez de um aparente diálogo com o destinatário da carta, estabelece um monólogo consigo própria, autoconfidenciando as suas inquietações, os seus pensamentos, os seus estados de alma e os seus modos de agir, como se pode constatar na seguinte passagem:

“Lieber Goethe, ich muß Dir die tiefsten Sachen sagen; sie kommen eigentlich allen Menschen zu, aber nur Du hörst mich an und glaubst an mich und gibst mir in der Stille recht.- Ich habe oft darüber nachgedacht, daß der Geist nicht kann, was er will, daß eine geheime Sehnsucht in ihm verborgen liegt, und daß er die nicht befriedigen kann; zum Beispiel, daß

ich eine große Sehnsucht habe bei Dir zu sein, und daß ich doch nicht, wenn ich auch noch so sehr an Dich denke, Dir dies fühlbar machen kann; (...) Ich möchte Dir noch anderes sagen, aber es ist schwer, mich befällt Unruh', und ich weiß nicht wohin ich mich wenden soll; ja im ersten Augenblick ist alles reich, aber will ich's mit dem Wort anfassen, da ist alles verschwunden, so wie im Märchen, wo man einen kostbaren Schatz findet, in dem man alle Kleinode deutlich erkennt, will man ihn berühren, so versinkt er, (...)." (208/209)

Para expressar que está em sintonia com o mundo que a circunda, e quanto a fatalidade e infelicidade das pessoas a tocam profundamente, Bettine serve-se de uma comparação: a sensação que a música lhe provoca. O passo seguinte é ilustrativo da grande sensibilidade de Bettine face ao sofrimento e adversidade das pessoas que estão à sua volta.

“ Und jetzt bin ich erst gar ins Stocken geraten, alles möcht' ich gern aussprechen, aber in Wörtern zu denken, was ich im Gefühl denke, das ist schwer; ja, solltest Du's glauben? - Gedanken machen mir Schmerzen, und so zaghaft bin ich, daß ich ihnen ausweiche, und alles, was in der Welt vorgeht, das Geschick der Menschen und die tragische Auflösung macht mir einen musikalischen Eindruck. Die Ereignisse im Tirol nehmen mich in sich auf wie der volle Strom allseitiger Harmonie.” (324)

Também o papel da música, considerada por E.T.A. Hoffmann a mais romântica de todas as artes, é várias vezes abordado ao longo da obra. Apesar de serem muitas as *explosões sobre música* (274) que se encontram nas cartas de Bettine, o tratamento da temática musical, atinge o seu ponto alto em três delas: uma escrita em Rochusberg, outra em Winkel, a 7 de Agosto, e a terceira – redigida em Viena no dia 28 de Maio - onde ela descreve o seu encontro com Beethoven. Nelas acentua-se a interrelação entre música, literatura, religião e filosofia, na medida em que Bettine afirma sentir uma maior expansão da fantasia ao escutar os sons musicais e considera que a verdadeira música é sobre-humana.

Sendo esta forma de arte considerada a mediação entre a vida espiritual e a sensível, ela é entendida como o único acesso imaterial a um mundo do saber que envolve realmente o ser humano, mas que ele não consegue compreender completamente.

A forma epistolar revela-se pois, como a mais adequada para interligar referências históricas e reais de um sujeito empírico concreto com as expansões intimistas e subjectivas de um sujeito de enunciação que visa, acima de tudo, aceder ao leitor através de um efeito estético.

3.2. Autobiografia

É partindo do pressuposto de que nem sempre a afirmação da identidade do autor é um indicador garantido da autenticidade do narrado, nem sempre a subtitulação (autobiografia, diário, romance) é credível, nem sempre a narrativa autobiográfica é a reconstituição verídica de uma vida real,⁷¹ que se desenvolve esta secção do trabalho.

Não sendo *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* verdadeiramente uma autobiografia, nele são evidentes algumas características fundamentais deste género literário, como sejam o registo retrospectivo e intimista de aspectos de uma experiência vivencial e pessoal do narrador. Narrador que se identifica com o autor e que, pela distância temporal, ideológica, afectiva, psicológica e espacial, faz com que o eu-narrador seja um indivíduo diferente do eu-personagem do passado. E é porque Bettina se coloca num plano superior em relação à história da sua vida – recriando uma realidade vivida, usando simultaneamente a memória e a imaginação - que as passagens onde se reconhecem as marcas de uma narrativa autobiográfica, por mais objectiva que esta seja, contêm sempre uma certo grau de subjectividade e fantasia.

Antes de se proceder à apresentação de extractos que ilustram o cariz autobiográfico de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, não se pode deixar de salientar que o termo *Autobiographie* surge em 1789, utilizado por Fredrich Schlegel, generalizando-se nas línguas europeias a partir de 1800⁷², e que a escrita autobiográfica⁷³ – narrativa

⁷¹ Philippe Lejeune no seu livro, *Le Pacte Autobiographique*, Paris: Éditions du Seuil, collection Poétique, 1975, propõe um conceito de *pacto* para distinguir autobiografia e romance autobiográfico. Ele aponta três tipos de pacto (ou de contrato de leitura) para evitar a indeterminação da fronteira entre estes dois géneros literários: *O pacto autobiográfico*, *o pacto romanesco* e *o pacto zero*.

⁷² Vd. Clara Rocha, *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*, Coimbra: Almedina, 1992, p. 14.

⁷³ Béatrice Didier, na obra *Le journal intime*, Paris, P.U.F., 1976, p. 47, afirma que o aparecimento e a evolução da escrita autobiográfica resulta de três factores: tradição cristã, individualismo romântico e advento da sociedade capitalista.

autodiegética - implica o recurso à memória, autoanálise e a construção ficcional de uma personalidade. Ainda outro aspecto a ter em consideração é o facto de a autobiografia ser um texto referencial, que tem como ponto de partida a identidade entre sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, identidade que cria/estabelece a analogia entre a personagem e o modelo.

Finalmente, não se pode deixar de fazer alusão a duas obras, pelo papel relevante que tiveram na aceitação da autobiografia como género literário: *Confissões* de Rousseau (1782-1789) e *Dichtung und Wahrheit* (autobiografia de Goethe para cuja elaboração Bettina contribuiu, recolhendo, a pedido de Goethe, informações junto da mãe deste). Esta ajuda de Bettina na obtenção de elementos a integrar em *Dichtung und Wahrheit* é claramente mencionada em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, como comprovam as seguintes passagens, em que a segunda é a resposta de Bettine ao pedido de Goethe, feito numa carta datada de 25 de Outubro de 1810.

“ (...) Ich will Dir nämlich bekennen, daß ich im Begriff bin, meine Bekenntnisse zu schreiben, daraus mag nun ein Roman oder eine Geschichte werden, das läßt sich nicht voraussehen, aber in jedem Fall bedarf ich Deiner Beihilfe. Meine gute Mutter ist abgeschieden und so manche andre, die mir das Vergangne wieder hervorrufen könnten, das ich meistens vergessen habe. Nun hast Du eine schöne Zeit mit der teuern Mutter gelebt, hast ihre Märchen und Anekdoten wiederholt vernommen und trägst und hegst alles im frischen belebenden Gedächtnis. Setze Dich also nur gleich hin und schreibe nieder, was sich auf mich und die Meinigen bezieht, und Du wirst mich dadurch sehr erfreuen und verbinden.“ (410)

“ Hierbei schicke ich Dir Blätter mit allerlei Geschichten und Notizen aus Deinem und der Mutter Leben. Es ist die Frage, ob Du es wirst brauchen können, schreib’ mir, ob Dir mehr erforderlich ist, in diesem Fall müßte ich das Notizbuch zurückerhalten, was ich hier mitschicke, ich glaub’ aber gewiß, daß Du besser und mehr darin finden wirst, als ich noch hinzusetzen

könnte. Verzeih' alles Überflüssige, wozu denn wohl am ersten die Tintenkleckse und ausgestrichenen Worte gehören." (417)

Mas, a nível biográfico, existem outros pontos de identificação, como sejam o seu relacionamento com familiares ou personalidades da época. A evocação dos fortes laços de amizade que uniam Bettina e Karoline von Günderode, claramente explicitados na longa carta onde há menção ao suicídio desta última, é apenas um dos exemplos, entre os vários que se poderiam citar, para ilustrar aquela identificação. No mesmo sentido, recorde-se ainda uma descrição que demonstra a forte ligação entre Bettina e Christian (um dos irmãos), assim como a influência deste na sua formação.

“ Heute gingen wir auf's Feld, um die Wirkung einer Maschine zu sehen, mit der Christian bei großer Dürre die Saaten wässern will; ein sich weit verbreitender Perlenregen spielte in der Sonne und machte uns viel Vergnügen. Mit diesem Bruder geh' ich gern spazieren, er schlendert so vor mir her und findet überall was Merkwürdiges; (...) bald hab' ich beim Schmied, bald bei dem Zimmermann oder Maurer subtile Geschäfte für ihn, bei dem einen zieh' ich den Blasbalg, bei dem andern halte ich Schnur und Richtmaß. Mit der Nähnadel und Schere muß ich auch eingreifen.(...) Er lehrt mich reiten und das Pferd regieren wie ein Mann.(...)Fechten lehrt mich der Christian auch, mit der linken Hand und mit der rechten, und nach dem Ziel schießen nach einer großen Sonnenblume, das lern' ich alles mit Eifer, damit mein Leben doch nicht gar zu dumm wird, wenn's wieder Krieg gibt; heute abend waren wir auf den Jagd und haben Schmetterlinge geschossen, zwei hab' ich getroffen auf einen Schuß." (403/404)

Não tendo como objectivo estabelecer aqui um paralelo rigoroso entre a factualidade histórica e a versão que Bettine dela nos transmite, mas sim demonstrar a confluência entre realidade e ficção, que é apanágio do género autobiográfico, atente-se na descrição do primeiro encontro de Bettine com Goethe⁷⁴. Este acontecimento – para ela, tão significativo

⁷⁴ Na viagem de regresso de Berlin para Kassel, Bettine, no dia 23 de Abril de 1807, foi apresentada a Goethe.

e desejado – surge referenciado três vezes e é sempre apresentado como um momento muito ansiado e emocionante.

Repare-se como os relatos estão envoltos numa aura de irrealidade e fantasia: não é provável que Goethe, nesse primeiro contacto, tivesse abraçado Bettine – então com 22 anos, não uma criança – de encontro ao peito nem que esta, sem ter intimidade com o poeta, se lhe lançasse ao pescoço e sentasse no colo ou adormecesse nos seus braços.

“ Mit diesem Billett (que fora escrito por Wieland para Bettine entregar a Goethe) ging ich hin, das Haus liegt dem Brunnen gegenüber; (...) - und da ging die Tür auf, und da stand er feierlich ernst und sah mich unverwandten Blickes an; ich streckte die Hände nach him, glaub’ ich – bald wußt’ ich nichts mehr, Goethe fing mich rasch auf an sein Herz. ‘*Armes Kind, hab’ ich Sie erschreckt*’, das waren die ersten Worte, mit denen seine Stimme mir ins Herz drang; er führte mich in sein Zimmer und setzte mich auf das Sofa gegen sich über. Da waren wir beide stumm, endlich unterbrach er das Schweigen: ‘ Sie haben wohl in der Zeitung gelesen, daß wir einen großen Verlust vor wenig Tagen erlitten haben durch den *Tod der Herzogin Amalie*.’ (...) Ich sagte plötzlich: ‘Hier auf dem Sofa kann ich nicht bleiben’, und sprang auf. – ‘Nun!’ sagte er, ‘machen Sie sich bequem’; nun flog ich ihm an den Hals, er zog mich aufs Knie und schloß mich ans Herz. - Still, ganz still war’s, alles verging.”
(38/39)

“Wie ich zum erstenmal vor Dir stand - es war im Winter 1807 – da erblaßte ich und zitterte, aber an Deiner Brust, von Deinen Armen umschlossen, kam ich so zu seliger Ruhe, daß mir die Augenlieder zufielen und ich einschlief.” (541)

Veja-se ainda como o procedimento de Bettine para com Goethe nas duas descrições anteriores é uma atitude de relacionamento filial. Por seu turno, este terceiro excerto, para além de demonstrar que Bettine vê em Goethe o eterno mestre, marca a intenção de criar

uma imagem mitificada, mostrando como a realidade se funde constantemente com a visão e a idealização.

“Als ich Dich zum erstenmal sah, war es mir auffallend und bewegte zugleich zu inniger Verehrung, zu entschiedener Liebe, das sich in Deiner ganzen Gestalt aussprach, was David von den Menschen sagt: ein jeder mag König sein über sich selber.(...) So bist Du mir erschienen, die geistige Erscheinung der Unsterblichkeit, die der irdischen vergänglichen Meister wird.“ (311)

Em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* Bettine não esquece a infância. Ela recorda os anos passados em Fritzlár⁷⁵ – um colégio interno gerido por freiras ursulinas - para onde foi quando ficou orfã de mãe, aos oito anos. Desse período ela refere, entre outros aspectos, o seu local preferido, de onde desfruta uma paisagem bucólica propícia a uma evasão de pensamentos que lhe permite um olhar mais amplo⁷⁶. A educação/o crescimento no meio daqueles *jardins suspensos de Babilónia* que rodeiam o convento, são para a criança fonte e origem do sonho diurno, assim como as regras conventuais de observação de silêncio impostas em determinadas horas do dia.

Paralelamente às referências a diversos momentos do seu internato, Bettine relata também alguns episódios ocorridos em outras ocasiões da sua meninice, como este que confidenciou a Frau Goethe:

⁷⁵ Bettina e as irmãs (Gunde, Lulu e Meline) entraram para este orfanato depois da morte da mãe em 1793 e, quando em 1797 a cidade foi ocupada pelos Franceses, a avó acolheu-a, assim como às duas irmãs mais novas, na sua residência em Offenbach e tomou a seu cargo a educação das três crianças.

⁷⁶ Sobre o panorama envolvente do recinto do convento escreve Bettine: „ Oben im ersten und höchsten Garten stand die Klosterkirche auf einem Rasenplatz, der am felsigen boden hinab grünte und mit einem hohen gang von Trauben umgeben war, er führte zur Türe der Sakristei, vor dieser saß ich oft, wenn ich meine Geschäfte in der Kirche versehen hatte, (...) In dieser Türwölbung saß ich manchen heißen Nachmittag. (...) In die Ferne konnte ich von da sehen; die Ferne, die so wunderliche Gefühle in der Kinderseele erregt, die ewig eins und daselbe von uns liegt, bewegt in Licht und Schatten, und zuerst schauerliche Ahnungen einer verhüllten Zukunft in uns weckt; da saß ich und sah die Bienen von ihren Streifzügen heimkehren; ich sah, wie sie sich im Blumenstaub wälzten und wie sie im blauen, sonnendurchglänzten Äther verschwebten, und da gingen mir mitten in diesen Anwandlungen von Melancholie auch die Ahnung von ungemessenem Glück auf.“ (BW, 499/500)

“ (...) es war so schön Wetter, die Blüten wiebelten leise um uns herab wie Schnee; ich erzählte ihr von einem ähnlichen schönen Feiertag, wie ich erst dreizehn Jahr’ alt gewesen, da hab’ ich nachmittags allein auf einer Rasenbank gesessen, und da habe sich ein Kätzchen auf meinen Schoß in die Sonne gelegt und sei eingeschlafen, und ich bin sitzen geblieben, um sie nicht zu stören, bis die Sonne unterging, da sprang die Katze fort. Die Mutter (a mãe de Goethe) lachte und sagte: ‘Damals hast du vom Wolfgang noch nicht gewußt, da hast du mit der Katze vorlieb genomem.’ ” (397)

Note-se como esta passagem denota a cumplicidade, sempre presente ao longo do romance, da mãe do escritor na relação Bettine-Goethe e é simultaneamente exemplificativa da capacidade que a autora tem de se servir de episódios banais para lembrar ao leitor a presença constante de Goethe na vida e mente de Bettine, ou seja na sua própria.

A leitura das várias epístolas que compõem esta obra permite ainda uma percepção mais alargada do nomadismo que caracterizou a vida da autora. Nelas estão espelhadas as vivências da escritora durante as estadias nos vários lugares que fizeram parte do seu percurso biográfico, entre os quais se destacam Berlin, Bukowan, Frankfurt, Kassel, Köln, Landshut, München, Rheingau, Rochusberg, Salzburg, Schlangenbad, Teplitz, Weimar e Wien.

3.3. Diário

A clarividência com que Bettina von Arnim intitula a última parte deste seu romance de *Tagebuch. Buch der Liebe*, demonstra a intenção da autora de lhe conferir um estatuto de privacidade. Este carácter privado da escrita diarística – que se assemelha ao da escrita epistolar - assim como o seu discurso de tendência autobiográfica, faz com que o diário seja, por vezes, considerado um subgénero da autobiografia. Contudo, apesar de serem formas de escrita afins, algumas particularidades distinguem o diário da autobiografia, contando-se entre elas a descontinuidade, o fragmentarismo da narrativa que se verifica no primeiro, além de que, como refere Marcello Duarte Mathias⁷⁷ ”a autobiografia é uma retrospectiva; o diário um devir.”. Embora façam ambos parte da vulgarmente denominada literatura do sujeito - tão do agrado dos românticos - , o diário tem um cunho mais intimista, mais confidencial que a autobiografia. Tendo prosperado com o individualismo romântico o diário, sendo “um modo pessoalíssimo de tudo trazer à luz do dia e de nos apropriarmos da nossa vida, a vida sonhada, gasta, perdida e através dessa íntima terapia encontrar as amarras que nos prendam à nossa mais funda realidade.”⁷⁸ é, portanto, a confissão, o auto-retrato impossível de quem pretende autodescobrir-se.

Nesta terceira parte, que podemos intitular de *Diário do Amor*, Bettina exalta a emoção, a intuição e o sentimento como fontes válidas de conhecimento interior. Na verdade, é no *Tagebuch* que se registam, por parte do eu, as manifestações de introspecção e emoção mais profundas. Nele estão exteriorizados os pensamentos, apreensões e devaneios que o isolamento e a quietude da noite propiciam.

⁷⁷ Vd. „Autobiografias e Diários“, in *Colóquio Letras* nº 143/144 Janeiro-Junho 1997, 46.

⁷⁸Vd. Marcello Duarte Mathias, „O diário íntimo ou a procura de identidade“, in JL, Lisboa, 23/4/1991.

“ In dieses Buch möcht’ ich gern schreiben von dem geheimnisvollen Denken einsamer Stunden der Nacht, von dem Reifen des Geistes an der Liebe wie an der Mittagssonne.” (471)

“In meinen Briefen wollte ich Dir nichts sagen, aber hier im Buch, da lasse ich Dir die Hand in meine Wunde legen, und es tut weh, daß Du an mir zweifeln kannst; ich will Dir erzählen aus meinen Kindertagen, aus der Zeit eh’ ich Dich gesehen hatte. Wie mein ganzes Leben ein Vorbereiten war auf Dich; wie lange kenne ich Dich schon, wie oft hab’ich Dich gesehen mit geschlossenen Augen, und wie wunderbar war’s, wie endlich die wirkliche Welt sich in Deiner Gegenwart an die lang gehegte Erwartung anschloß.“ (496/497)

“(…) Heimlich Dich lieben, nur diesem Buch es bekennen? – Das kann ich nicht, das will ich nicht; dies Buch ist der Widerhall meiner Geheimnisse, und an Deiner Brust wird er anschlagen.” (481)

Ele é também a confissão da necessidade que Bettine tem de se autodescobrir e autocompreender através do amor.

“Freund! Sie ist nicht erfunden diese innere Welt, sie beruht auf Wissen und Geheimnis, sie beruht auf höherem Glauben; die Liebe ist der Weltgeist dieses Inneren, sie ist die Seele der Natur. Gedanken sind in der geistigen Welt, was Empfindung in der sinnlichen Welt ist; es ist Sinnenlust meines Geistes, der mich an Dich fesselt, daß ich an Dich denke.(…) Da ich Dich aber haben möchte, so denke ich an Dich, weil Denken Dich verstehen lernt. “ (475/476)

Por um lado, no *Tagebuch* – um livro dentro de um outro livro, pois que, elevando o homem à infinitude do Uno, ao estabelecer a continuidade entre este e o universo, constitui por si só, numa linha de concepção romântica, uma obra poética – Bettine pretende expressar toda a sua interioridade e, servindo-se da figura de Goethe, procura também alcançar um conhecimento de si mesma. Por outro lado, analisando a relação entre o

subtítulo *Buch der Liebe* e o seu conteúdo, facilmente se reconhece nesta terceira parte um hino ao amor - espiritual e físico. Amor que surge descrito como um fenómeno análogo à arte – ele é, tal como esta, uma repetição do acto da criação - e que possibilita a Bettina ultrapassar o distanciamento real entre si e Goethe.

Apelidado pela própria autora de “*das All*”(512), “*eine Metamorphose der Gottheit*”(558), “*Erkenntnis*”(476), “*Verstehen*”(476), “*Entfaltungstrieb in die göttliche Freiheit*” (175), “*Flug zum Himmel*”(263), “*das geistige Auge*”(493), “*ein iniges Ineinandersein*” (471) o amor é eterno,⁷⁹ e, mais do que relação física, é um meio de se alcançar a verdade a sabedoria e a liberdade, tornando-se por isso essencial para a formação e desenvolvimento do ser. Associado a este tema está o papel de criança que Bettina assume e vive. Só essa roupagem lhe permite manifestar o que de outra maneira era inviável: expressar um misto de ingenuidade e de astúcia, de autenticidade e de não veracidade e, além disso, sentir e manter um amor por Goethe, que é equiparável a uma religiosidade.

Decorrente da leitura do *Tagebuch*, mais outra ilação se pode tirar: ele é também o romance de formação (*Bildungsroman*) de uma artista, em que se destacam duas fases de evolução no registo ficcional. A primeira, o tempo da infância e juventude - tempo de preparação para Goethe – em que a natureza divina é a mentora das pessoas criadoras. A segunda, o tempo com Goethe – tempo de preparação para a própria vocação de artista - em que este escritor instiga o eu a produzir literariamente, o “autoriza“ a escrever poemas aos quais acaba por ser reconhecida a qualidade poética que lhes permitem estar ao lado dos de Goethe.

A última parte do romance, entretecida como já foi dito do confessionalismo que é apanágio do diário íntimo, pode considerar-se o cerne de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*. Diferenciando-se das outras duas por apresentar uma maior maturidade de escrita,

⁷⁹ Vd. BW, 492.

assim como um discurso impregnado de um grande lirismo, é nela que a capacidade criativa de Bettina atinge o auge, ao voar nas asas da imaginação, dos seus sentimentos e instintos. A intensidade poética do *Tagebuch* é bem visível em passagens como esta em que Bettine se serve da imagem das andorinhas e dos pardais para expressar o seu relacionamento com Goethe.

“ Was stört mich denn heute am frühen Morgen? Vielleicht, daß die Sperlinge die Schwalben hier aus dem Nest unter meinem Fenster vertrieben haben? – Die Schwalben sind geschwätzig, aber sie sind freundlich und friedlich; die Sperlinge argumentieren, sie behaupten und lassen sich ihren Witz nicht nehmen. Wenn die Schwalbe heimkehrt von den Kreisflügen um ihre Heimat, dann ergießt sich die Kehle in lauter liebkosende Mitteilung, ihr gegenseitiges Gezwitzchen ist das Element ihrer Liebeslust, wie der Äther das Element ihrer Weltanschauung ist. Der Sperling fliegt da und dorthin, er hat sein Teil Eigensucht, er lebt nicht wie die Schwalbe im Busen des Freundes.

Und nun ist die Schwalbe fort, und der Sperling hat ihren Wohnsitz, wo süße Geheimnisse und Träume ihre Rollen spielten.

Ach! - Du! Meine schlüpfrige Feder hätte schier Deinen Namen geschrieben, während ich im Zorn bin, daß die Schwalbe vom Sperling verjagt ist. - Ich bin die Schwalbe, wer der Sperling ist, das magst Du wissen, aber ich bin wahrhaftig die Schwalbe. “ (485/486)

Em suma, *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, pela sua sua miscelânea estrutural de literatura do eu, e porque Bettina von Arnim fantasiando a realidade, isto é, *romanceando* o mundo adopta as doutrinas literárias preconizadas pelos teóricos do Romantismo, pode considerar-se em grande medida um exemplo de literatura intimista e romântica.

IV. GOETHES BRIEFWECHSEL MIT EINEM KINDE : FICÇÃO E REALIDADE

Neste capítulo, centrado num estudo textual de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, analisam-se alguns aspectos autobiográficos que surgem na obra, em particular a morte de G nderode e o nascimento de Goethe. Tendo como base o relacionamento da autora com o escritor, procede-se a uma análise descritiva da imagem deste no romance e faz-se uma reflexão sobre o modo como a cria o dessa imagem contribuiu para a mitifica o da figura do poeta e serve igualmente a reconstru o da instância enunciadora que se identifica com Bettina(e). Em seguida descrevem-se os processos utilizados pela autora no tratamento da verdade histórica e da fic o poética, nomeadamente a utiliza o livre da cronologia e o recurso   fantasia como forma de transcender a facticidade e enriquecer a dimensão do possível.

4.1. Aspectos autobiográficos.

Se por um lado, em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, se reconhece uma consonância entre alguns elementos autobiográficos ali apresentados e a facticidade, também   verdade que, pela forma como a exposi o   feita, eles são susceptíveis de interpreta es menos correctas. Pode apontar-se como exemplo a única carta de Christiane von Goethe a Bettine, presente no romance, escrita em Weimar e com a data de 1 de Fevereiro de 1809 (274). Nela, contrariamente ao que se verifica na carta original, a mulher do poeta dirige-se   escritora, não como a uma pessoa do mesmo nível social mas a alguém

que ela reconhece ter um estatuto superior ao seu⁸⁰. Pelo tom amistoso da missiva e porque, na obra, não existem posteriores referências ao relacionamento entre as duas senhoras, poderá o leitor concluir que entre elas sempre houve uma amizade sincera e ininterrupta. Todavia, sabe-se que em 13 de Setembro de 1811, um desentendimento entre Christiane von Goethe e Bettina⁸¹ provocou uma ruptura na convivência social desta com o casal von Goethe que só foi retomada em Julho de 1824 (após a morte da mulher do poeta, que ocorreu em 6 de Junho de 1816), quando o escritor recebeu finalmente Bettina von Arnim em sua casa e fizeram as pazes⁸². Por outro lado, verifica-se que em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* a escritora teve a preocupação de ser fiel à verdade histórica, não fazendo constar cartas escritas pelo poeta, datadas do período correspondente ao interregno havido no seu relacionamento⁸³. Contudo, existem na parte final da segunda parte da obra quatro missivas de Bettine datadas de 1 de Agosto de 1817, 29 de Outubro de 1821, 29 de Junho de 1822 e 11 de Janeiro de 1824.

Ao registar sob a forma de escrita alguns aspectos da sua vida, Bettina von Arnim parece ter como objectivo expressar e reviver em retrospectiva o seu confronto com Goethe. De

⁸⁰ Na carta original Christiane dirige-se a Bettine chamando-lhe „*Meine Liebe Freundin*“ e lamenta não se terem encontrado em Frankfurt por ocasião da morte da mãe de Goethe, pois que, naqueles dias tão difíceis, desejaria ter a seu lado uma amiga (*eine herzliche und teilnehmende Freundin*) com quem partilhar o sentimento de tristeza. Ao refundir a carta para a incluir no romance, Bettina von Arnim opta por evidenciar uma atitude de subalternidade de Christiane para consigo que se manifesta no uso de expressões como „*Verherte Freundin*“, „*daß Sie mir Ihr Wohlwollen fortdauernd erhalten, um das ich noch nicht Gelegenheit hatte, mir verdient zu machen,*“ e „*meine schlechte Feder zu entschuldigen, mit der ich nicht nach Wunsch ausdrücken kann, wie wert mir Ihr Andenken ist, dem ich mich herzlich empfehle.*“ (BW, 274). Segundo a interpretação de Konstanze Bäumer (vd. Konstanze Bäumer, *Bettine, Psyche, Mignon - Bettine von Arnim und Goethe*, Stuttgart: Hans Dieter Heinz Akademische Verlag, 1986, p. 236), a autora coloca a mulher do poeta numa posição de subserviência para se vingar do facto de esta última a ter privado do convívio com o escritor por alguns anos.

⁸¹ Em Weimar, Bettina, enquanto visitava uma exposição na galeria de arte cujo director era grande amigo de Goethe, declarou que os quadros expostos, da autoria de Johann Heinrich Meyer, eram inconcebíveis. Christiane, perante esta atitude, atirou com os óculos da escritora ao chão, acabando estes por se partir.

⁸² Entre 1817 e 1832 Bettina escreveu 9 cartas a Goethe que não tiveram resposta. De 1821 a 1826 Bettina esteve várias vezes em casa de Goethe, mas em 1821 Goethe não lhe falou – era dia de ele receber individualidades na qualidade de ministro de Estado em Weimar e não a pode impedir de entrar.

⁸³ A última carta de Goethe a Bettine que surge no romance tem a data de 11 de Janeiro de 1811.

entre essas memórias que a autora quis preservar, fazem parte a infância. Este período inicial da sua existência é apresentado como sendo sereno, pleno de felicidade e também uma fase de preparação para o seu encontro com o escritor (496,497). Uma observação mais atenta da descrição relativa a esta época permite verificar que o jardim do Convento das Ursulinas - instituição religiosa onde a autora passou cerca de quatro anos - é comparado a um paraíso. Nesse local ela passou a noite muitas vezes, voluntariamente, ao ar livre, em profunda comunhão com a natureza, sentindo-se nada menos que um ser divino olhando de alto para a humanidade. Associado a este espaço de completo recolhimento e de união com o supremo numa tentativa de alcançar a perfeição, está também o jardim da casa da avó materna.

Ainda em relação ao papel que a infância assume na obra, o episódio em que se narra a saída de Bettine de Fritzlar, aos 13 anos, para ir viver em Offenbach e ser educada pela avó, merece um destaque particular. Nesse relato, a cena em que a jovem, recém chegada à residência de Sophie von La Roche, ladeada por duas das suas irmãs e por esta última, se vê pela primeira vez ao espelho (519), simboliza a sua entrada no mundo da realidade social. A satisfação do universo de necessidades infantis, as experiências da sua proximidade e semelhança com as irmãs, marcam a vivência anterior de Bettine. É a partir daquele preciso momento, subsequente a uma fase de preparação prévia correspondente à permanência no convento, que Bettine atinge o estágio adulto e está apta para contactar com o mundo exterior, mais particularmente com Goethe.

Esta ideia de “*preparação para Goethe*” é reforçada por outras situações em que ela se posiciona ao mesmo nível do escritor, como por exemplo, quando põe em paralelo reminiscências da sua infância com as da juventude deste ou intercala um diálogo com Goethe, que tem como objectivo acentuar esta noção de igualdade entre eles⁸⁴, ou

⁸⁴ Veja-se como, neste passo, Bettine posiciona Goethe ao nível de uma criança que com ela partilhou os tempos de infância: „Komm mit, Freund! Scheue nicht den feuchten Abendtau, ich bin ein Kind, und Du bist ein Kind, wir liegen gern unter freiem Himmel (...). Solche Minuten erleb’ ich mit Dir, nur weil ich Dich denke

considerando-o um irmão gêmeo⁸⁵ ou ainda partilhando, através da alusão directa, factos narrados numa das obras de Goethe, quando se refere a ela como “*unser beider Wahlverwandtschaft*”⁸⁶. (352)

Nesta abordagem dos aspectos autobiográficos presentes na obra, não se pode deixar de registar a referência, que não se encontra nas cartas verdadeiras, de Bettine aos seus progenitores. Numa breve menção ao pai, por quem tinha um enorme carinho, refere o seu grande amor por ela, frisando que não só era a sua filha preferida como também exercia uma enorme influência sobre ele.

A semelhança entre a relação pai-filha, narrada no romance, e a afinidade Bettina-Peter Brentano é bastante evidente, pois que a autora, nas suas reminiscências autobiográficas, não se coíbe de afirmar que fazia tudo para agradar ao pai. A figura da mãe, na opinião de alguns autores, influenciou fortemente a vida de Bettina, pois, como a perdeu muito cedo, todas as informações que obtinha sobre ela iam preenchendo o seu imaginário infantil⁸⁷. Contudo, no romance, refere-se a ela recordando-a como sendo nobre, angelical, delicada e de uma grande beleza (147) e relembra o facto de Goethe ter ficado profundamente impressionado por ela⁸⁸.

an meiner Seite in jenen Kinderjahren; da sind wir eines Sinnes, was ich erlebe spiegelt sich in Dir, und ich lerne es in Dir begreifen, und was erlebte ich, wenn ich's nicht in Dir anschaute? “. (BW, 513)

⁸⁵ A grande cumplicidade e recíproca partilha de sentimentos que Bettina gostaria de ter tido com Goethe é ficcionalizada através das seguintes palavras de Bettine: „ (...) aber ich muß fürchten, daß meine Briefe Dir zu häufig kommen, und muß mich zurück halten, was mich doch selig machen könnte, wenn es nicht so wär' und ich glauben dürfte, daß meine Liebe, die so anspruchlos ist, daß sie selbst Deinen Ruhm vergißt und zu Dir wie zu einem Zwillingenbruder spricht.“. (BW, 157).

⁸⁶ Bettine joga com o significado do título e com o conteúdo do romance *Die Wahlverwandtschaften* (publicado em 1809) : afinidades electivas entre pessoas especiais e predestinadas.

⁸⁷ Veja-se a este propósito a seguinte opinião: „das Bild der Mutter, Maximilliane Laroche (1756-1793), hat Bettinas Leben beeindruckt (...). Alles, was ihr von dieser Mutter zu Ohren kam, beschäftigte das phantasieerfüllte Kindergemüt.“. (Vd. Gerda Berger, Lore Mallachow, Gertrud Meyer Hepner, *Bettina. Ein Lesebuch für unser Zeit*, Weimar: Thüringer Volksverlag, 1954, p. 5)

⁸⁸ A referência ao *encantamento* de Goethe pela beleza de Maximiliane von La Roche, pode ser entendida como uma alusão velada a um suposto envolvimento amoroso havido entre esta e o escritor. A eventualidade de ter tido conhecimento deste possível relacionamento da mãe poderá ter contribuído para que Bettina tivesse curiosidade em ter um contacto mais próximo com Goethe.

Para além do que já foi referido, existem ainda outras passagens que não podem ser negligenciadas. A primeira, onde se inclui o episódio da morte de G nderode, na qual se misturam elementos biográficos e autobiográficos, pode considerar-se uma sinopse do posterior romance *Die G nderode*. Inserida numa das missivas a Frau Goethe, nela perpassam, entre outras, não apenas referências   primeira vez que esta grande amiga e mentora de Bettina a procurou em Offenbach, como também   sua influência na leitura do primeiro livro, aliada   compreensão ou ainda aos bons momentos que com frequência disfrutavam juntas. A estes aspectos poder-se-  acrescentar a minuciosa descri o física e psicológica de G nderode e da sua moradia⁸⁹.

As marcas autobiográficas presentes no romance passam também pela alusão   amizade havida entre Frau Goethe e Bettina, ao ponto de aquela lhe pedir que a tratasse por filha⁹⁰. A propósito deste relacionamento refira-se a importância da mãe do poeta, enquanto transmissora de informa es sobre o escritor, que permitiram a Bettina relatar episódios da vida de Goethe, como por exemplo o do seu nascimento. No passo onde este acontecimento   narrado como tendo sido difícil e causado horas amargas   mãe, menciona-se também o facto de, já no berço, Goethe ser considerado pela mãe alguém destinado a transformar-se numa oferta dos deuses aos homens. A amizade entre Frau Goethe e Bettina, iniciada ap s a

⁸⁹ Veja-se como Bettine descreve detalhadamente G nderode:

„Sie war so sanft und weich in allen Züge wie eine Blondine (...) sie ging nicht, sie wandelte; (...) ihr Kleid war ein Gewand, was sie in schmeichelnden Falten umgab, das kam von ihren weichen Bewegungen her; - ihr Wuchs war hoch, ihre Gestalt war zu fließend (...) sie war schüchtern-freundlich und viel zu willenslos(...)“. (BW, 80)

Repare-se ainda como a descri o da casa   acompanhada do relato das suas activades de leitura conjuntas:

„ Ihre kleine Wohnung war ebener Erde nach dem Garten; vor dem Fenster stand einer Silberpappel, auf die kletterte ich während dem Vorlesen; bei jedem Kapitel erstieg ich einen einen höheren Ast und las von obenherunter; sie stand am Fenster und härte zu und sprach zu mir herauf, und dann und wann sagte sie: Bettine, fall’ nicht; jetzt weiß ich erst, wie glücklich ich in der damaligen zeit war, (...). “.(BW, 80)

⁹⁰ No final da carta datada no romance de 11 de Maio de 1807 Frau Goethe dirige-se a Bettine nos seguintes termos:

„ Liebe, Liebe Tochter, (...) und Du sollst mich Mutter heißen in Zukunft f r alle T g’, die mein sp tes Alter noch z hlt.“ (BW, 34). Compare-se esta com a carta original de 13 de Junho de 1807 e veja-se a semelhança em rela o   forma como esse pedido   formulado. Agora, no início da carta, escreve Frau Goethe:“ Liebe – Liebe Tochter! Nenne mich ins K nftige mit dem mir so theuren Nahmen Mutter.“. (BW, 630)

ruptura com G nderode, teve para Bettina von Arnim o objectivo de arranjar uma medianeira entre si e Goethe. O relacionamento com Frau Goethe, que decorreu essencialmente de Julho de 1806 a 13 de Setembro de 1808, possibilitou a Bettina o contacto pessoal com Goethe e também obter dela informa es destinadas a contribuir para escrever uma biografia deste. Não surpreende, por isso, que nas epístolas trocadas entre Frau Goethe e Bettine surjam indica es reveladoras destas inten es da escritora, como sejam a expressão de uma grande ansiedade em iniciar uma permuta a nível da comunica o escrita, ou as confidências recíprocas quer sobre Goethe quer acerca da evolu o do relacionamento entre este e a jovem.

Na pessoa da mãe de Goethe, Bettine ou mais precisamente Bettina von Arnim mostra publicamente toda a sua sabedoria, enquanto ela mesma   ainda uma criança que se senta aos p s de Frau Goethe e ouve atenta e avidamente a talentosa e prendada mãe do poeta. Aliás, como se pode constatar, Bettine não esconde que os seus pontos de vista são expostos a partir das informa es e memórias de Frau Goethe⁹¹. Mas, se por um lado as cartas do romance traduzem/retratam de um modo relativamente fidedigno a liga o muito próxima havida entre estes dois seres do sexo feminino, por outro lado constata-se que a forma como nelas a mãe do poeta se dirige a Bettine varia entre o uso de uma linguagem maternalista e um discurso marcado por um enorme grau de informalidade – muito maior do que o das cartas verídicas - existindo mesmo algumas expressões vulgarmente utilizadas entre a camada juvenil como estas:

“ Ei M dchen, Du bist ja ganz toll, was bild’st Du Dir ein? – Ei, wer ist denn Dein Schatz, der an Dich denken soll bei Nacht im Mondschein? Meinst Du, der h tt’s nichts Bessers zu tun? – ja proste Mahlzeit. “ (48)

⁹¹. Bettine refere-se   m e do escritor da seguinte forma: „ Mit der Mutter konnte ich über alles sprechen, sie begriff meine Denkweise. (...) Ich habe von der Mutter viel gehört, was ich nicht vergessen werde, die Art wie sie mir ihren Tod anzeige, hab’ ich aufgeschrieben für Dich.“ (BW, 263)

„Ja, hätte ich die Mutter noch! Mit ihr brauchte man nicht Großes zu erleben, ein Sonnenstrahl, ein Schneegestöber, der Schall eines Posthorns weckte Gefühle, Erinnerung und Gedanken.“ (BW, 398)

As cartas que compõem *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* documentam as etapas da juventude da sua autora, o desenvolvimento da sua personalidade e a evolução da sua consciência.

Neste romance reconhecem-se a identidade e a autocompreensão da escritora, encontrando-se referidos, nas páginas iniciais do *Tagebuch*, os três elementos com base nos quais Bettina constrói a evolução da sua personalidade. São eles: a sua ânsia de liberdade, independência e autodeterminação, a atribuição a si própria de qualidades sobrenaturais/divinas e finalmente a solidão e o isolamento. Pode mesmo dizer-se que, na terceira parte da obra, Bettina von Arnim, tratou e refundiu poeticamente o seu tempo de juventude, do ponto de vista de formação, e com uma distância autorial como tema autobiográfico, visando com isso uma busca literária da sua identidade e também a reconstrução do eu. No centro dos registos autobiográficos ela coloca o processo da sua individuação, cuja narrativa, de acordo com a ideia de Enteléquia (perfeição adquirida) - manifestada pela sua ligação com Goethe -, cessa no ponto em que ela sente alcançar uma forma de identidade válida para a sua vida futura. (225).

Para a autora, cuja adolescência ocorreu, tal como a de todas as mulheres suas contemporâneas, essencialmente na esfera social privada, o primeiro encontro com Goethe – que ela retira do grupo de pessoas insignificantes e anónimas – marca o apogeu da construção da sua identidade e o início da fase adulta. Bettina cria “o seu Goethe” e utiliza-o como plano de projecção dos seus próprios desejos e o facto de exprimir um forte sentimento amoroso para com ele torna-se o ponto de partida para a auto-idealização e para auto-estilização.

Perante aquilo que foi referido pode afirmar-se que em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, romance epistolar que resulta da interacção entre memória, imaginação e factualidade, Bettina von Arnim, além de escrever sobre Goethe, escreve fundamentalmente

acerca de si própria, expressando através de um discurso autobiográfico os seus sentimentos, desejos, as suas angústias e necessidades, isto é, constrói sobre a imagem idealizada de Goethe a imagem idealizada de si própria.

4.2. A imagem de Goethe

Ao iniciar esta secção do trabalho é importante evidenciar um aspecto respeitante ao relacionamento efectivo entre Bettina von Arnim e Goethe. Sabe-se que o poeta (bastante mais velho que ela) mantivera uma relação de amizade com a família materna da escritora, e que esta teve a oportunidade de privar de perto com Goethe – visitou-o algumas vezes em Weimar – contacto esse, que lhe permitiu ter um conhecimento concreto e até certo ponto exacto da personalidade do escritor. Contudo, apesar de detentora de todos os pormenores necessários, para o retratar fielmente, verifica-se que em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* tal não acontece. Pelo contrário, a imagem que o romance nos confere do poeta é uma imagem claramente fantasiada, utópica, não coincidente com a real. Nesta obra, que está longe de ser uma crónica ou uma obra de História, a autora escreve o bom e o belo, num registo de espontaneidade de linguagem que tenta criar o efeito da transmissão de experiência directamente vivida.

O estudo detalhado da caracterização da figura de Goethe idealizada por Bettina von Arnim permite constatar que o poeta é visionado e apresentado como sendo um ser quase mítico, supremo e perfeito. As cartas patenteiam uma adulação constante da escritora em relação a Goethe. Escreve a autora que, ainda no berço, já lhe predestinavam que viria a amar uma estrela, uma estrela distante (531). Goethe para além de ser o seu ídolo, a pessoa a quem ela permanentemente suplica uma palavra de ternura, um pensamento, um olhar de aprovação/reconhecimento (106), é também a pessoa a quem ela vai buscar aquilo que é vital para a sua existência.⁹² Esse Goethe-mito, fruto da imaginação de Bettina, é um ser favorecido divinamente, que ela adora como um salvador.

⁹² Bettine termina uma das cartas dirigidas a Goethe da seguinte forma: „Adieu Brunnen aus dem ich trinke.“ (BW, 443)

“ (...) Wo ich mich hinlagere am grünenden Boden, von Sonne un Mond beschienen, da bist Du meine Heiligung. ” (180)

“so oft ich erwachte, rief ich Dich zu mir, ich sagte immer im Herzen: Goethe sei bei mir, damit ich nicht fürchte. “ (192)

Goethe é o seu Deus, o seu Senhor (*Lieber Herr*), para quem e por quem ela existe, através de quem ela respira e no qual encontra a sua razão de ser. Nos momentos de maior desalento e solidão é a esse ser superior que ela recorre em busca de conforto e inspiração.

“ Lieber, Lieber Goethe! – Dann löst mich eine Rückerinnerung an Dich wieder auf; Die Feuer- und Kriegszeichen gehen langsam in meinem Himmel unter, und Du bist wie der hereinströmende Mondstrahl. Du bist gross und herrlich und besser als alles, was ich bis heute erkannt und erlebt hab’. - Dein ganzes Leben ist so gut. “ (123)

As alusões a Cristo e as comparações entre Goethe e este último são surpreendentes. Em determinado momento do romance, Bettine, equipara mesmo o poeta de Weimar a Jesus naquela cena bíblica em que, no Templo, este deixa os sábios perplexos com a sua sabedoria (421).

Mas a divinização continua. Além da autora considerar o escritor um anjo (424) afirma que ela própria nasceu para ser sacerdotisa num templo: Goethe é conjuntamente esse templo e a porta de entrada para a religião dela⁹³. E mais adiante surge uma passagem esclarecedora da deificação sofrida pelo escritor, representativa de toda a obra pelo tom, estado de espírito e escolha das palavras - que pode ser interpretada como um hino religioso em louvor de um ser divino:

“Ach! - Was werde ich denn einstens denken, wenn mich dies irdische Leben so lange bewahrt, bis ich älter in ihm werde! vielleicht gehe ich,

⁹³ Bettine define religião como sendo „ das, was den Geist auf dem Lebensstufe des Augenblicks ergreift und im gedeihen weiter bildet wie die Sonne Blüten und Früchte.“ (BW, 495). Essa sua religião surge designada no romance „ Günderode“ como „Schwebende-Religion“. (Vd. Bettina von Arnim, *die Günderode*, hrsg. mit einem Essay von Christa Wolf, Leipzig: Insel Verlag, 1983, p. 182)

statt zu dem Freund, dann in die Kirche, vielleicht bete ich dann, statt zu lieben! Ach, wie werd ich's dem Lieben gleichtum im Beten? - Hab' ich je Andacht empfunden, so war's an Deiner Brust, Freund! - Tempelduft, den Deine Lippen hauchen, Geistes Gottes, den Deine Augen predigen, es strömt von Dir aus eine begeisternde Macht, Deine Gewande, Dein Antlitz, Dein Geist, alles strömt eine Heiligung aus. O Du!"- Deine Knie fest an meine Brust drückend, frag' ich nicht mehr, was das für eine Seligkeit sein möge, die im Himmel dem Frommen bereitet ist.- Gott von Angesicht zu Angesicht schauen? – Wie oft hab' ich mit geschloßnen Augen Deiner Nähe mich gefreut. Vielleicht dringt Gott durch den Geliebten in unser Herz, - ja Geliebter! – Was haben wir im Herzen als nur Gott?“ (524)

No excerto supra mencionado é notório o sentido místico do verbo *auströmen* que denota a ideia de poder, bondade e santidade emanados da divindade⁹⁴, neste caso Goethe. De igual modo, o adjectivo *begeistern* sugere concessão espiritual, logo, exaltação divina e êxtase. Refira-se ainda a preocupação da autora em demonstrar que também as outras pessoas vêem em Goethe um ser divino. Escreve ela que em determinada ocasião, quando o escritor fez a sua aparição em público, a multidão o saudou calorosamente, observou cada um dos seus movimentos e repetiu todas as suas palavras com fervorosa devoção.

Paralelamente à imagem de um Goethe divinizado, transparece uma outra não menos preponderante: a de um Goethe por quem Bettine nutre um forte amor sensual⁹⁵. O conteúdo de algumas missivas – por vezes de dimensão erótica – denota que a escritora se sentia fisicamente atraída por Goethe. Repare-se no forte grau de sensualidade/erotismo patente nestes excertos:

“ Ein Blick von Deinen Augen in die meinen, ein Kuß von Dir auf meinen Mund belehrt mich über alles.” (150)

⁹⁴ Cf. Hans-Wilhelm Kelling, „The Idolatry of Poetic Genius in *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*“, in *Papers Read Before the Society*, Publications of the English Goethe Society, New Series XXXIX, p. 25.

⁹⁵ Este sentimento da escritora para com Goethe não é recíproco. As cartas de Goethe demonstram frieza e indiferença face aos assédios da persistente Bettine. Para o escritor, Bettine é apenas „liebste Kind“, „einziges Kind“, „feines Kind“, „artig Kind“, „liebes freundliches Kind“, ou ainda „liebe kleine Freundin“.

“ Gestern hab’ ich noch viel an Goethe gedacht, nein, nicht gedacht: mit ihm verkehrt.” (614)

Pode, assim, dizer-se que Bettina ajudou a construir uma imagem de Goethe como sendo um ser ímpar, sobrenatural, quase etéreo, um misto singular de uma personagem que é simultaneamente Deus, salvador (*Hüter und Entzündler*, 454), o protector (*Schutzaltar*, 120) profeta, (*Du hast recht Prophet, Lachender Prophet*, 131), o senhor, o grande mestre/Génio (*Lieber Herr*, 156, *Siehst du, Meister*, 283; *Herrlicher*, 131), pai⁹⁶ (*Dein Kind küßt Dir die Hände*, 136), o amigo (*liebster Freund*, 389; *süßer Freund*, 482), confidente e amante/amado (*Lieber, geliebter einziger Mann*, (287); *keiner liebt Dich, wie ich Dich liebe*, 582; *Liebe mich bis zum Wiedersehen*, 410), aos pés do qual ela – a criança humilde - se prostra reconhecida. Nesta atitude subserviente de Bettine face a Goethe podemos estabelecer uma associação com o título do romance - *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, uma vez que ao longo da obra ela assume sempre a postura de uma criança inocente, espontânea, frágil e insegura dependente da protecção, apoio e maturidade de um adulto para que o seu desenvolvimento se processe. Ainda em relação ao *endeusamento* que se faz do escritor, veja-se o seguinte excerto elucidativo da forma como Bettine se refere ao seu Omnipotente Goethe:

“ Du bist ewig.- Drum ist es gut mit Dir sein. ” (122)

Atente-se ainda no relato de dois episódios ocorridos na infância de Goethe (o primeiro transcrito de uma carta verdadeira portanto, revelação da mãe de Goethe) mostrando o carácter voluntarioso, selectivo e confiante no destino do escritor.

⁹⁶Sigrid Lesser vê na descrição do primeiro encontro de Bettina com Goethe a imagem da criança ao colo do pai „ ich streckte die Hände nach ihm, (...) Goethe fing mich rasch auf an sein Herz. (...) nun flog ich ihm an den Hals, er zog mich aufs knie und schloß mich ans Herz (...) ich schliefe an seiner Brust ein.“. (Bw, 38, 39) (Vd. Sigrid Lesser, „Bettina von Arnim - Psychologisches um eine ungewöhnliche Frau“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettine-von-Arnim Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 4-1990, 99-124, p. 110)

“ Er spielte nicht gern mit kleinen Kindern, sie mußten denn sehr schön sein. In einer Gesellschaft fing er plötzlich an zu weinen und schrie: ‘Das schwarze Kind soll hinaus, das kann ich nicht leiden’, er hörte auch nicht auf mit Weinen, bis er nach Haus’ kamm, wo ihn die Mutter befragte über die Unart, er konnte sich nicht trösten über des Kindes Häßlichkeit. Damals war er drei Jahre alt.” (418, 653)

“ Oft sah er nach den Sternen, von denen man ihm sagte, daß sie bei seiner Geburt eingestanden haben (...), und so hatte er bald heraus, daß Jupiter und Venus die Regenten und Beschützer seiner Geschicke sein würden.(...); er sagte auch oft zu zur Mutter sorgenvoll: ‘Die Sterne werden mich doch nicht vergessen und werden halten, was sie bei meiner Wiege versprochen haben?’ – Da sagte die Mutter: ‘Warum willst du denn mit Gewalt den Beistand der Sterne, da wir andre doch ohne sie fertig werden müssen’, da sagte er ganz stolz: ‘ Mit dem, was andern Leuten genügt, kann ich nicht fertig werden’; damals war er sieben Jahre alt. ” (419)

Em face do retrato psicológico de Goethe traçado nesta obra, pode afirmar-se que existe uma discrepância entre a personagem imaginada e o autor real. O ser idealizado pela escritora é o protótipo da perfeição. Ele é mais interessante, amável, afectuoso, com mais prazer na comunicação escrita e mais conciliador do que o autêntico Goethe na opinião de muitos contemporâneos. Assim, e retomando a observação inicial, é lícito perguntar: O que teria movido Bettina a optar por uma representação lisonjeadora e imaginária da figura de Goethe em detrimento de outra mais aproximada da realidade? A resposta parece evidente. Por um lado, Bettina - uma romântica - não resistiu à força atractiva do poder da imaginação e da ficcionalização. Por outro, e esta parece ser a razão fundamental, ela pretendia contribuir para a imortalidade do poeta de Weimar, como se depreende da leitura da obra⁹⁷.

⁹⁷ Em determinado momento do romance Bettine escreve o seguinte: „ ich weiß es wohl, daß er die ganze Welt umfaßt; ich weiß, daß ihn die Menschen sehen wollen und sprechen, daß ganz Deutschland sagt: *unser Goethe*.“ (BW, 46)

4.2.1.A sua contribuição para a mitificação da figura de Goethe.

Bettina von Arnim, sendo uma veemente admiradora de Goethe, contribuiu sem sombra de dúvida para o fenómeno da idolatria deste escritor⁹⁸. O desenvolvimento de esforços concretos por parte da autora, necessários para que fosse erguido um monumento ao poeta, remonta a 1822. Depois de desenhar um esboço, executa ela própria, com a ajuda do arquitecto Ludwig Wichmann um modelo desse projecto. Nessa estátua-homenagem⁹⁹, que a escritora idealizou em mármore, com a inscrição “*Dieses Fleisch ist Geist geworden*” e que se encontra minuciosamente descrita nas páginas 464-465 e 621- 624, o poeta genial está sentado num grande trono, com Bettina de pé (uma pequena e angélica figura) entre as pernas do escritor e repousando a cabeça nos joelhos deste. Acrescente-se que, ao escolher a epígrafe da escultura destinada a perpetuar a memória de Goethe para título dos últimos três

⁹⁸ Hans-Wilhelm Kelling em „The Idolatry of Poetic Genius in *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*“, in *Papers Read Before the Society*, Publications of the English Goethe Society, New Series XXXIX, p. 30, escreve o seguinte:

„ Bettina’s Briefwechsel is indeed a significant document of the romantic period, providing important psychological insight into the author. At the same time it is a book that has been widely influential in forming the idolatrous Goethe-legend.“.

Ainda no mesmo artigo, Hans-Wilhelm Kelling faz a seguinte citação de Curt von Faber du Faur „ Zum Teil hat sie (Bettina) seine Legende geschaffen bis auf den heutigen Tag. Wie Goethe selbst sich durch ihre Augen zu sehen began , so sehen auch wir ihn. „ (Vd. Hans-Wilhelm Kelling, „The Idolatry of Poetic Genius in *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*“, in *Papers Read Before the Society*, Publications of the English Goethe Society, New Series XXXIX, p. 17)

Também Marie-Claire Hooock-Demarle num artigo intitulado „Bettinas Umgang mit Außenseitern“ afirma: „ Bettina Selbst ist teilweise schuld an dieser Vergötterung, die im Endeffekt eine Identifizierung Goethes mit seiner Zeit herbeiführt. Betrachtet man jedoch genau die Goethe-Figur, die Bettina uns vorzaubert, so ist die Einwurzelung Goethes in seiner Zeit nicht mehr so eindeutig klar. Bettinas Goethe ist der alternde Goethe, der Dichter, der um 1807 nicht mehr fähig und willens ist, über seine Zeit souverän zu urteilen. (...) Man könnte fast diese Rettungsaktion Bettinas um Goethe als eine erste, indirekte Form von Engagement deuten, eine gescheiterte allerdings, denn ab 1812 wird ihr für lange Zeit jeglicher Umgang mit Goethe verboten sein.“. (Vd. Marie-Claire Hooock-Dermale, „Bettinas Umgang mit Außenseitern“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 2-1988, 76-89, pp. 82/83)

⁹⁹ Em Julho de 1824 Bettina mostrou a Goethe (em Weimar) uma maquete em gesso dessa estátua que, por falta de verba nunca chegou a ser construída. Posteriormente, quando em 1847 Karl Steinhäuser produziu em Roma uma maquete (também em gesso), Bettina tentou persuadir o rei prussiano Friedrich Wilhelm IV, a autorizar que a estátua fosse executada em mármore e colocada em Berlim. O rei não consentiu , mas em 1852 Bettina tentou que ela fosse erigida como monumento nacional alemão. Assim, em Dezembro de 1853 a estátua, (ver anexo) com 2,5 m de altura e 10 toneladas de peso) veio para Weimar e, inicialmente, foi posta no parque de Tempelherrenhaus; mais tarde foi transferida para o *Weimarer Landesmuseum*. (Vd. Ursula Härtl, „Vorübergehendenthüllt: Das Bettinasche Goethedenkmal im Weimarer landesmuseum.“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 6/7-1994/95, 244-47)

parágrafos do *Tagebuch*, a autora está a referir-se a si própria, querendo dizer que conseguiu com esta obra concretizar o seu objectivo: homenagear/imortalizar Goethe.

Depois de todos os seus esforços para perpétuar a memória do poeta, Bettina von Arnim estava longe de imaginar que *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* - obra que suscitou o aparecimento de admiradores de Goethe em toda a Alemanha – viria a ser o seu desejado, verdadeiro e eterno monumento a Goethe. Ao criar esse monumento-livro ao poeta, considerado por Reinhard Buchwald a primeira mitificação de Goethe, a autora tem como finalidade despertar a Alemanha para a grandeza sobre-humana deste escritor. A publicação deste livro foi um acontecimento literário sensacional¹⁰⁰ e a maior expressão romântica do culto de Goethe. Entre as numerosas recensões da obra, a de Ludwig Börne, surgida no *Morgenblatt für gebildete Stände* assumiu uma relevância especial. Contrariamente ao que era de esperar, este, apesar de ser um opositor de Goethe, teceu críticas elogiosas ao livro. Estas e outras opiniões, como a de Viktor Hehns¹⁰¹, contribuíram para o ressurgimento da valorização do poeta e da sua obra.

¹⁰⁰ Hans-Wilhelm Kelling escreve: „Bettina’s book has become well known. Dünzer, Bode Kühn, Bielschowsky, Meyer and others who wrote biographical studies on Goethe and his associates are fond of her and admire her boundless enthusiasm for the poet. Her attitude was conveyed to the public through biographers and critics who shared her feelings about Goethe and who were anxious to perpetuate the image she had so carefully constructed.

„Der junge Goethe, wie ihn die Literaturhistoriker des neunzehnten Jahrhundert sahen, ist ihr Geschöpf und ist es lange geblieben, wiewohl wir ihn besser kennen, seitdem die Briefwechsel der Frankfurter und Leipziger Zeit bekannt sind.“

(Vd. Hans-Wilhelm Kelling, „The Idolatry of Poetic Genius in *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*“, in *Papers Read Before the Society*, Publications of the English Goethe Society, New Series XXXIX, 1969, p. 29).

¹⁰¹ Escreve Karl Robert Mandelkow sobre Viktor Hehns „Man hat es in neuerer Zeit Goethe oft zum Vorwurf gemacht, daß er so egoistisch sich abgeschlossen und nichts für sein Volk getan. Er mit seiner mächtigen Rede hätte die schlummernde Nation zur Freiheit wecken, zu Taten begeistern und zur politischen Größe führen sollen. Aber statt dem unterdrückten Recht seine hilfreiche Stimme zu leihen, suchte er Selbstgenuß in der schönen Kunst.“ (Vd. Karl Robert Mandelkow, *Goethe in Deutschland - Rezeptions Geschichte eines Klassikers*, München: Beck, vol. I, p. 110).

Ainda acerca da influência de Viktor Hehn diz Mandelkow: „Mit Viktor Hehns Vorlesungen, ‚Über Goethes Gedichte‘, ist die Rezeptionsgeschichte des Dichters bereits in den Bereich des programatischen Frührealismus eingetreten. Der von der politischen Lyrik des Vormärz relativierte und stritig gemachte Alleinvertretungsanspruch der Goetheschen Lyrik wird von Hehn unter Berufung auf die Klassische Ästhetik erneut wieder eingeklagt.“ (Vd. Karl Robert Mandelkow, *Goethe in Deutschland - Rezeptions Geschichte eines Klassikers*, München: Beck, vol. I, p. 120.)

Para Hans Wilhelm Kelling¹⁰² também a imagem da mãe Goethe retratada pela autora é fundamental para a mitificação deste. Em sua opinião, como os admiradores do poeta tinham uma enorme admiração por “Frau Rat”, tal como Bettina von Arnim, o facto de a escritora manifestar publicamente uma enorme afeição e respeito pela mãe do poeta, contribuiu para influenciar favoravelmente a opinião dos críticos sobre o romance.

¹⁰² Cf. Hans-Wilhelm Kelling, „The Idolatry of Poetic Genius in *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*“, in *Papers Read Before the Society*, Publications of the English Goethe Society, New Series XXXIX, p. 28.

4.2.2. O mote para a reconstrução do eu

À medida que a narrativa de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* avança, Bettina von Arnim torna-se uma personagem do romance que procura encontrar-se e busca a sua identidade. O momento dessa autodescoberta e do autoconhecimento, e que marca uma viragem significativa na sua vida, está simbolicamente representado na passagem que refere a saída do orfanato e a ida para Offenbach. Exactamente na altura em que ela se olha ao espelho pela primeira vez, o “ver-se”, o reconhecer-se e o relacionar-se consigo mesma, transforma-se num indício importante de uma tomada de consciência para a sua própria forma de vida.

„ So wollen wir dann das Kloster verlassen, in dem kein Spiegel war, und in dem ich also während vier Jahren vergeblich die Bekanntschaft meiner Gesichtszüge, meiner Gestalt gesucht haben würde, doch ist es mir in dieser ganzen Zeit nie eingefallen daran zu denken, wie ich wohl aussähe; es war mir eine große Überraschung, wie ich im dreizehnten Jahre zum erstenmal mit zwei Schwestern, umarmt von der Großmutter, die ganze Gruppe im Spiegel erblickte. Ich erkannte alle, aber die eine nicht, mit feurigen Augen, glühenden Wangen, mit schwarzem, fein gekräuseltem Haar; ich kenne sie nicht, aber mein Herz schlägt ihr entgegen, ein solches Gesicht hab' ich schon im Traum geliebt, in diesem Blick liegt etwas, was mich zu Tränen bewegt, diesem Wesen muß ich nachgehen, ich muß ihr Treue und Glaube zusagen; wenn sie weint, will ich still trauern, wenn sie freudig ist, will ich ihr still dienen, ich winke ihr, - siehe, sie erhebt sich und kommt mir entgegen, wir lächeln uns an, und ich kann's nicht länger bezweifeln, daß ich mein Bild im Spiegel erblicke. ” (518/519)

A referida personagem, que diviniza o outro para criar e mitificar a sua própria existência, vai ao longo do romance sofrendo gradualmente uma evolução que culmina com o refazer do seu próprio sujeito. Este trajecto do Eu, que desde o início se caracteriza por

uma centralização no amor e na figura de Goethe¹⁰³, passa por três etapas significativas: um primeiro momento marcado por uma vontade muito forte de conhecer o poeta, seguido de outro em que se verifica uma aprendizagem e procura de identificação com ele¹⁰⁴, terminando numa fusão total e idealizada dos dois seres. Elucidativo deste último aspecto é a afirmação de Bettine *Durch Dich werd' ich ins unsterbliche Leben eingehen* (175) e também a história relativa à infância do escritor - incorporada na história da própria vida de Bettine – e em cuja descrição as fronteiras do eu se tornam indefinidas, a história alheia torna-se a sua própria, o eu afunda-se no tu e ressurgue num plano mais elevado. No *Tagebuch* está o texto da infância (sua e de Goethe) e Bettina, para o redigir, teve primeiro que aprender a escrever, assumindo o papel de criança ao dizer a Frau Goethe: “Wenn Sie die Mutter nicht wär’, die Sie ist, so würde ich nicht bei Ihr schreiben lernen“ (64). Só depois de escrever a história de Goethe, Bettina consegue criar/fantasiar a sua, ou seja, reconstruí-la.

Retomando a ideia anteriormente expressa de que se vão evidenciando mutações em Bettine, pode ainda afirmar-se que as primeiras cartas a retratam como sendo uma adolescente ávida de saber e com um acentuado espírito pueril. Veja-se, a título de exemplo, a carta de 12 de Junho de 1808, na qual se queixa e mostra a sua insatisfação pelo facto de não poder aumentar os seus conhecimentos nem tornar-se mais inteligente, com o modo de vida que tem (52); e ainda a de 16 de Maio de 1807 (34) ou a de 5 de Maio de 1807 (33), onde a jovem expressa os seus sentimentos amorosos relativamente a Goethe. De acordo com o conteúdo das missivas que troca com Frau Goethe, a relação entre ambas pode ser

¹⁰³ Veja-se como Bettine menciona a importância do seu relacionamento com o escritor: „Was ich durch diese Liebe nicht lerne, das werde ich nie begreifen. Ich wollt’, ich säß’ an seiner Tür, ein armes Bettelkind, und nähm’ ein Stückchen Brot von ihm, und er erkannte dann an meinem Blick, wes Geistes Kind ich bin, da zög’ er mich an sich und hüllte mich in seinen Mantel, damit ich warm würde. (...) und in seinem Antlitz spiegelte sich mir die ganze Welt, ich brauchte nichts andres mehr zu lernen. Warum tu’ ich’s denn nicht? – Es kommt ja nur darauf an, daß ich Mut fasse, (...).“. (BW 51)

¹⁰⁴ A este propósito leia-se a seguinte passagem: „Mein Leben: was war’s anders als ein tiefer Spiegel des Deinigen, es war liebende Ahnung, die alles mit sich fortzieht, die mir von Dir Kunde gab; so war ich Dir nachgekommen ans Licht, und so werd’ ich Dir nachziehen ins Dunkel.“. (BW, 423)

definida como a de uma criança/jovem insegura, aventureira e ingénua, que desabafa e sente necessidade de partilhar com um adulto as suas emoções e sentimentos, as suas loucuras, a sua grande paixão, as suas aventuras e também as simples actividades do quotidiano.

Saliente-se que há um aumento gradual na proximidade que se vai estabelecendo entre elas e que se traduz na utilização de expressões como “meine liebe gute Frau Mutter” e na referência a envio de presentes. É esta amizade com a mãe de Goethe que permite a Bettine evoluir, como ela própria confessa e reconhece: à medida que, através daquela medianeira, se aproxima do escritor e o contacto entre ambos aumenta, é notório o desenvolvimento progressivo que se vai operando nela. O processo da sua individualização é colocado num relato biográfico onde a jovem alude ao momento, aos intervenientes e à forma como alcançou uma outra forma de identidade.

„ So ging die Zeit zwischen sechzehn und achzehn Jahren hin, dann kam ich zu Deiner Mutter, mit der ich von Dir sprach, als ob Du mitten uns seist, dann kam ich zu Dir und seitdem weißt Du ja daß, ich nie aufgehört habe, mit Dir innerhalb dieses Kreises zu wohnen, den ein mächtiger Zauber um uns zieht.“ (571)

Só através da união com Goethe, o ser *supremo e eterno*, é possível o crescimento e o aperfeiçoamento do eu-Bettine, sujeito que se vai redefinindo ao projectar-se no campo do outro:

„ Ich glaub’, daß es eine Art und Weise gibt, jemand zu besitzen, die niemand streitig machen kann; diese üb’ ich an Wolfgang, keiner hat es vor mir gekonnt, das weiß ich, trotz allen seinen Liebschaften, von denen sie mir erzählt. – Vor ihm tu’ ich zwar sehr demütig, aber hinter seinem Rücken halte ich ihn fest, und da müßte er stark zappeln, wenn er los will.“ (45/46)

„ Ja, Liebster, das macht mich glücklich, daß sich allmählich mein Leben durch Dich entwickelt, (...). “ (208)

„Durch Dich werd’ ich ins unsterbliche Leben eingehen.“ (175)

Deste modo, encontramos-nos na dimensão do diálogo constitutivo de uma identidade, uma vez que o *eu* é impossível sem o *tu*. Através da correspondência, Bettine activa um sujeito que se enuncia numa atitude de constante representação face a Goethe e pelo qual é obsessivamente influenciado a ponto de a deslumbrar e ofuscar¹⁰⁵, chegando esta a afirmar que toda a sua vida foi *uma preparação para ele* (496).

A “criança preguiçosa” e solitária que, apesar de ser considerada heroína pelos Franceses, tem receio até dos seus próprios pensamentos e busca apoio no grande mestre, sem o qual não pode viver, vai-se enriquecendo com o contacto e os ensinamentos deste.

„ - Guter Meister!- Hör’ in diesem Lispeln, wie sehr Du meine Einsamkeit, beglückst; der Du alles weißt und alles fühlst und weißt, wie wenig die Worte dem innern Sinn gehorchen. (...) - Daß ich mich nur ein klein wenig an Dich anlehnen möge und ausruhen, ich faules Kind.“ (393)

A relevância que a ligação com o escritor assume na *aprendizagem/evolução* de Bettine está bem explicitada numa passagem do romance onde esta se compara a uma semente que germina, quando está com ele, e através do qual floresce¹⁰⁶. O período de convivência com o mestre, é de tal forma importante para a sua formação integral, que Bettine deseja fazer aí uma paragem no tempo; para si o ciclo da vida que antecedeu essa fase preciosa e fundamental – o clímax do seu aperfeiçoamento/desenvolvimento - e o tudo o que lhe é

¹⁰⁵ Atente-se neste excerto: „Deine Mutter erzählte mir, daß, wie ich neugeboren war, so habest Du mich zuerst ans Licht getragen und gesagt, das Kind hat braune Augen, und da habe meine Mutter Sorge getragen, Du würdest mich blenden, und nun geht ein großer glanz von Dir aus über mich.“. (BW, 336)

¹⁰⁶ Veja-se como Bettine alude à influência que o seu o relacionamento e proximidade com Goethe exercem sobre si: „Wenn Du mir bleibst, so werd’ ich viel lernen; wenn Du mir nicht bleibst, so werde ich wie der Same unter der Erde ruhen, bis die Zeit kommt, daß ich in Dir wieder blühe.“. (BW, 234)

posterior são irrelevantes¹⁰⁷. Bettine jamais se quer separar de Goethe (veja-se a carta de 18 de Outubro, 409) e dos *raios de luz* que dele emanam e sobre ela exercem uma influência tão benéfica. É ainda interessante salientar que o leitor se apercebe da evolução e modificações que se vão operando em Bettine, não unicamente porque esta expressa claramente esse facto - em determinado momento do texto ela refere concretamente que já atingiu a fase de 'florescimento de sensibilidade' *Blütenalter der Empfindung* (228) - mas também porque o próprio mentor vai enaltecendo os progressos da sua pupila ao dizer-lhe que as suas cartas são cada vez mais interessantes e a incentiva a continuar a escrever. Ela, para quem Goethe é a luz do sol (225) e a fonte que a sacia, deixa de ser a criança, a "folha em branco", para passar a ser a mulher que é capaz de fazer o esboço de um monumento que será erigido em honra do poeta como se pode constatar na carta de 1 de Janeiro (463). Nesta atitude de Bettine, tal como em diversas outras a que já anteriormente foram feitas referências, podemos constatar uma identificação total desta personagem com a autora do livro. A paridade entre os dois indivíduos é de tal forma absoluta que Bettina von Arnim, à semelhança da figura feminina por ela criada para com ela ser identificada, ousa escrever os seus próprios poemas e colocá-los lado a lado com os do *grandioso* Goethe, chegando mesmo a apresentar um deles como sendo alegadamente da autoria do poeta¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Leia-se o seguinte passo: „Ach Goethe! Ich mag nicht hinter mich sehen und auch nicht vor mich.“. (BW, 402)

¹⁰⁸ Vd. BW, soneto da p. 105 e o poema da p. 128/129.

4.3 Procedimentos poéticos

A dualidade entre realidade histórica e ficção é uma constante nas obras de Bettina von Arnim. Por isso, dentro desta temática é pertinente fazer-se uma análise dos procedimentos poéticos na obra reconhecida como o maior sucesso literário da escritora.

Goethes Briefwechsel mit einem Kinde, surgido numa época considerada por Heine o fim do período da arte, é, como já foi referido, uma criação de carácter acentuadamente romântico em que se formula e defende a autonomia da obra de arte e a autonomia do artista. Pelo seu carácter ficcional, esta obra e também os outros romances epistolares desta escritora não podem ser entendidos como testemunhos autênticos de acontecimentos reais.

Numa primeira abordagem constata-se que para a composição deste romance, que quase se pode chamar um *poema épico*¹⁰⁹, a autora recorreu essencialmente a dois artifícios: a paráfrase engenhosa e a invenção pura. Se por um lado Bettina von Arnim modificou, interpolou e alterou a sequência das missivas originais, por outro lado acrescentou outras, totalmente fictícias, em que forjou datas, eventos, temas e discurso. Saliente-se que a autora, numa tentativa de aliciar o leitor para a descoberta da verdade e para o interesse na leitura, utiliza a mentira transparente, cria um enigma que Bettine deve resolver¹¹⁰, e uma aparente desordem de efeito agradável. Assim, o primeiro aspecto a salientar é que faz com que não haja nenhuma garantia de autenticidade relativamente às datas existentes na obra, diz respeito à negligência cronológica face à factualidade histórica. De facto, verifica-se que

¹⁰⁹ Werner Vortriede chamou ao *Tagebuch* „großes, symphonisch variierendes Gedicht“. (Vd. Ingrid Leitner/Sibylle von Steindorff, „Die vollkommenste Grammatik der Liebe, die jemals komponiert wurde“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 6/7-1994/95, 143-157, p. 145)

¹¹⁰ Esta charada/adivinha, que Goethe (pretensamente) propõe a Bettine, na p. 244, tem, segundo a opinião de Waldmar Oehlke, como solução a palavra *Herzlieb* e não *Abendlicht*, como a autora dá a entender na p. 252.

existe um número considerável de cartas - as inventadas por Bettina – por datar, ou cujas datas são vagas e imprecisas. Por seu turno, as cartas de Goethe encontram-se meticulosamente datadas. Ainda em relação a esta gestão livre, no que concerne à datação é interessante referir que a autora complementa esta atribuição de papéis: Goethe – representante da ordem cronológica - caracteriza-se pelo rigor e um certo pedantismo enquanto que ela se diferencia pelo descuido e uso não convencional da cronologia. Como zelador pelo cumprimento da sequência temporal o poeta censura o seu desrespeito e, na carta de 15 de Julho de 1808, não só alude às vantagens de a especificar como solicita expressamente, à sua correspondente, que preste mais atenção e seja precisa nas datas.

“ (...) und wenn du wieder schreibst, so könntest Du mir nebenher einen Gefallen tun, wenn Du mir immer am Schluß ein offnes, unverhohltes Bekenntnis des Datums machen möchtest. ” (189)

Como consequência da utilização consciente e arbitrária das datas reconhecem-se “incorecções” demasiado evidentes. Um exemplo ilustrativo é a última missiva de Frau Goethe a Bettine, datada de 7 de Outubro de 1808 (76), quando é sabido que aquela faleceu a 13 de Setembro desse ano.

Mas poder-se-iam enumerar outras situações similares como a carta de 5 de Setembro de 1807 (137) em que Goethe agradece a Bettine um presente seu. Comparando esta carta com a original (a primeira que o escritor escreveu à autora a 9 de Janeiro de 1808), verifica-se que nesta última se trata de uma prenda de Natal. Contudo, apesar da alteração da data no romance – o que levaria a supor tratar-se de uma lembrança de aniversário – o conteúdo mantém-se e, estranhamente, em Setembro faz-se um agradecimento de um presente de Natal. Colocando de lado a hipótese de lapso, visto que na transposição quase integral da carta original se verifica a mudança do tratamento formal de “Sie” para “Du”, uma possível explicação para esta incoerência poderá ser a de criar a ilusão de que o relacionamento entre os dois escritores se iniciou mais cedo. Outro exemplo típico desta arbitrariedade

cronológica é uma série de 9 cartas que estão habilmente datadas em sentido inverso - 24/23/22/21/19//18/17/16/15 de Outubro de 1809 - e para cujo facto Bettine, na última (onde se tematiza a questão da cronologia e a relação entre passado e futuro) chama a atenção e fundamenta o seu procedimento¹¹¹:

“ Merkst Du denn nicht, daß mein Datum immer zurück, statt vorwärts geht? - Ich habe mir nämlich eine List ausgesonnen; da die Zeit mich immer weiter trägt und nie zu Dir, so will ich zurückgehen bis auf den Tag wo ich bei Dir war, und dort will ich stehen bleiben und will von dem : In *Zukunft* und: *Mit der Zeit* und: *Bald* gar nichts mehr wissen, sondern dem allen den Rücken kehren, ich will der Zukunft ein Schloß vor die Tür legen und somit Dir auch den Weg versperren, daß Du nirgends als zu mir kannst. ” (341-342)

“ Frag’ nur nicht nach dem Datum, ich habe keinen Kalender, und ich muß Dir gestehen, es ist, als ob sich’s nicht schicke für meine Liebe, daß ich mich um die Zeit bekümmere. Ach Goethe! Ich mag nicht hinter mich sehen und auch nicht vor mich. Dem himmlischen Augenblick ist die Zeit ein Scharfrichter, das scharfe Schwert, das sie über ihm schwingt, seh’ ich mit scheuer Ahnung blitzen; nein, ich will nicht fragen nach der Zeit, wo ich fühle, daß die Ewigkeit mir den Genuß nicht über die Grenze des Augenblicks ausdehnen würde. ” (402)

Um outro exemplo a apontar é uma carta escrita por Bettine durante a sua estadia na casa de campo de Goethe e que está referenciada no tempo com a indicação *anno 18*. Com este procedimento, parece ser intenção da autora que os dias passados naquele local tão bonito e paradisíaco - onde lhe ocorriam inúmeros pensamentos¹¹² - nunca findassem e permanecessem eternamente na sua memória.

¹¹¹ Através deste jogo com Goethe está simbolizada a fantasia de „anular“ o período de tempo em que não houve contacto entre Bettina e o escritor.

¹¹² Bettine refere-se ao Jardim da casa de Goethe dizendo: „In Deinem Garten ist’s so schön!. Alle meine Gedanken sind Bienen, sie kommen aus Deinem duftenden Garten zum Fenster hereingeflogen, das ich mir

Pode pois afirmar-se que as datas em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* são um meio de que a autora se serve para poder influenciar e gerir os acontecimentos e estruturar artisticamente a obra a seu contento. Por isso, visto que o tempo epistolar está sujeito aos critérios de estruturação do romance e não obedece à cronologia histórica, seria errado tomar como real o tempo que nele é apresentado. Por outro lado a infidelidade ao tempo real permite a anulação da fronteira fixa entre facticidade e invenção: fantasia e verdade ocupam um lugar paralelo e difícil de distinguir.

Muitas vezes estas duas categorias (realidade e ficção) fundem-se completamente, mas sem deixar no leitor margem para equívocos. É isso que sucede numa descrição pormenorizada de aspectos observados durante um viagem intitulada “Kostbare Pracht- und Kunstwerke in Köln und auf der Reise dahin gesehen und für meine liebste Fr. Rat beschrieben”(68), que num primeiro momento tudo leva a crer que é verídica, mas cuja autenticidade é imediatamente posta em causa através de uma carta-resposta da mãe do escritor. Nela, esta afirma claramente duvidar do relato feito e apresenta a respectiva explicação: a imaginação prodigiosa e incontrolável da sua autora:

“ Die Beschreibung von Deinen Prachtstücken und Kostbarkeiten hat mir recht viel Pläsier gemacht; wenn’s nur auch wahr ist, daß Du sie gesehen hast, denn in solchen Stücken kann man Dir nicht wenig genug trauen. Du hast mir ja schon manchmal hier auf Deinem Schemel die Unmöglichkeiten vorerzählt, denn wenn Du, mit Ehren zu melden, ins Erfinden gerätst, dann hält Dich kein Gebiß und kein Zaum! - Ei, mich wundert’s, daß Du noch ein End’ finden kannst und nicht in einem Stück fortschwätzt, bloß um selbst zu erfahren, was alles noch in Deinem Kopf steckt. Manchmal mein’ ich aber doch, es müßt’ wahr sein, weil Du alles so natürlich vorbringen kannst. Wo solltest Du auch alles herwissen? – (...) Nun, Du hast das alles allein gesehen, solche Sachen, die man im Kopf

geöffnet habe, und setzen da ihrem Hönig ab, den sie in Deinem blütenreichen Garten gesammelt haben.“ (BW, 582)

sieht, die sind auch da und gehören ins himmlische Reich, wo nichts einen Körper hat, sondern nur alles im Geist da ist. ” (76)

Ao questionar, dentro do próprio romance, através do diálogo entre os enunciadores das epístolas, a autenticidade do que é narrado, como acontece na situação anteriormente apresentada, Bettina von Arnim pretende advertir o leitor de que não deve acreditar em tudo o que lhe é contado e/ou que não é esse tipo de verdade que interessa. Mas em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* os indícios de mentira e invenção assumem, a par da já referida, as mais diversas formas. Uma delas consiste em relatar o mesmo acontecimento em versões distintas, que variam consoante o destinatário, o contexto e o objectivo pretendido. Um exemplo típico e simultaneamente fascinante do uso desta técnica verifica-se em duas cartas escritas a pessoas diferentes – Frau Goethe e Karoline von Günderode – mas abordando o mesmo tema: um Inverno passado na residência dos Savigny, em Marburg. Na primeira missiva (93) o episódio é descrito numa linguagem simples, objectiva e sem artifícios:

“ (...) ich wohnte einen ganzen Winter am Berg dicht unter dem alten Schloß, der Garten war mit der Festungsmauer umgeben, aus den Fenstern hatt’ ich eine weite Aussicht über die Stadt und das reich bebaute Hessenland; (...) aus meinen Schlafzimmer ging ich den Berggarten, ich kletterte über die Festungsmauer und stieg durch die verödeten Gärten;- wo sich die Pfortchen nicht aufzwingen ließen, da brach ich durch die Hecken,- da saß ich auf der Steintreppe, die Sonne schmolz den Schnee zu meinen Füßen, ich suchte die Moose und trug sie mitsamt der angefrorenen Erde nach Haus;- so hatt ich an dreißig bis vierzig Moosarten gesammelt, die alle in meiner kalten Schlafkammer in irdnen Schüsselchen auf Eis gelegt mein Bett umblühten. ” (93)

Na segunda carta – sublinhe-se que é endereçada a uma escritora - constata-se que existe uma versão poetizada dos factos: a narrativa em prosa (no 1º caso) deu lugar à poesia, como demonstra o seguinte excerto:

“ (...) ich schrieb in Versen: mein Bett steht mitten im kalten Land, umgeben von vielen Hainen, die blühen in allen Farben, und da sind silberne Haine uralter Stämme, wie der Hain, auf der Insel Cypros; die Bäume stehen dicht gereiht und verflechten ihre gewaltigen Äste; der Rasen, aus dem sie hervorwachsen, ist rosenrot und blaßgrün; ich trug den ganze Hain heut’ auf meiner erstarrten Hand in mein kaltes Eisbeetland.” (93)

Com o posicionamento em paralelo destas duas versões (uma em prosa e outra em poesia), nas quais dificilmente se reconhece a alusão ao mesmo evento, a autora torna claro que não há uma forma unívoca de retratar o mesmo acontecimento nem nenhum critério definitivo para definir o que é verdade e o que é ficção.

Porém, esta atitude de Bettina von Arnim, de colocar no mesmo plano realidade e ficção, verifica-se em outros momentos do romance como se pode ver numa carta na qual se relata uma viagem pelo bosque, durante a qual ocorre um acidente, em consequência do qual, duas malas contendo artigos de higiene pessoal feminina vão parar ao rio. Este incidente, que poderia muito bem ter acontecido, é inicialmente contado de uma maneira realista e com grande vivacidade a Frau Goethe :

“ (...) zwei Schachteln mit Blonden und Bändern flogen etwas weiter und schwammen ganz anständig den Main hinab; ich lief nach, immer im Wasser, das jetzt bei den großen Hitze sehr flach ist, alles rief mir nach, ob ich toll sei, - ich hörte nicht, und ich glaub’, ich wär’ in Frankfurt wieder mitsamt den Schachteln, angeschwommen, wenn nicht ein Nachen hervorgeragt hätte, an dem sie haltmachten . Ich packte sie unter beide Arme und spazierte in den klaren Wellen wieder zurück.” (40)

Curiosamente, ainda nessa mesma carta, Bettine pede à mãe do escritor que transmita o episódio ao filho sucintamente, mas com algumas modificações. A nova versão diverge da primeira não apenas pelo facto de naquela o acontecimento ter lugar num cenário romântico, não visivelmente identificado, e por haver um enaltecimento da heroicidade da sua protagonista, como também porque numa das caixas está um ramo de violetas que Goethe lhe oferecera. Comparando as duas descrições repare-se como aquela que é destinada a Goethe constitui uma variante bastante exacerbada e fantasiada da primitiva. Contudo, apesar de as colocar em situação idêntica quanto à sua autenticidade, a autora deixa transparecer para o leitor que a versão fantasiada é realmente ficção.

Pode, pois, afirmar-se que ela trabalha em campos duplos: por um lado procura fazer crer que o acontecimento real é também fruto da imaginação poética e, ao mesmo tempo, mostra que o episódio fantasiado é uma hipérbole, destinada ao efeito estético.

“ Ich bitte Sie, klatsch’ Sie ihrem Herrn Sohn im nächsten Brief, den Sie gleich morgen schreiben kann und nicht erst eine Gelegenheit abzuwarten braucht, daß ich dem Veilchenstrauß in der Schachtel in kühler Mondnacht nachgeschwommen bin, wohl eine Viertelstunde lang, so lang war es aber nicht, und daß die Wellen mich wie eine Wassergöttin dahingetragen haben, - es waren aber keine Wellen, es war nur seichtes Wasser, das kaum die leichten Schachteln hob; und daß mein Gewand aufgebauscht war um mich her wie ein Ballon. Was sind denn die Reifröcke seiner Jugendliebschaften alle gegen mein dahinschwimmendes Gewand! ” (41)

Ao confrontar-se com estes dois relatos, o leitor não tem, portanto, qualquer dificuldade em destringer que este último transforma um episódio em pretexto de divagação fantasista. Esta estratégia de colocar metodicamente, lado a lado, verdade e ficção visa o leitor, mas nunca com o intuito de o iludir; pelo contrário, o objectivo é chamar a sua atenção para o acto de narrar e para a criação do efeito estético.

Uma função idêntica tem, aliás, um outro artifício frequentemente utilizado que consiste em montar passagens que anulam afirmações anteriores ou relativizam antecipadamente o que é dito depois. Com este procedimento de fantasiar um acontecimento seguido da sua desmontagem, a escritora acentua o carácter projectivo daquilo que é contado e ao mesmo tempo evita que o evento descrito seja interpretado como inalterado. Dito por outras palavras: Bettina von Arnim representa a realidade através da máscara da ficção e, complementarmente, quebra e expande as fronteiras rígidas do real na ficcionalidade. Assim, a força da imaginação é para esta escritora, como se depreende do que foi exposto, um meio preferencial do conhecimento de que ela se serve para transcender a factualidade e aumentar e enriquecer a dimensão do possível. Sendo a fantasia entendida desta forma, não admira que os procedimentos poéticos desta autora incluam a descrição do existente não apenas como susceptível de mudança, mas como alguma coisa que é mesmo necessário alterar. Para esse efeito, serve-se frequentemente de meios linguísticos que salientam a forma da hipótese, um dos quais, a pergunta retórica ou fingida, como ilustra a situação que a seguir se descreve. Numa carta escrita a 20 de Março de 1807 Bettine informa Frau Goethe de uma viagem que efectuará com a irmã Lulu e o cunhado Jordis a Weimar, para se encontrar com Goethe. Nesse percurso em que irão atravessar Hessen (sob ocupação francesa) as duas senhoras terão de se disfarçar, vestindo roupas masculinas, para não serem molestadas pelos elementos das tropas estrangeiras. A destinatária da carta é então questionada no sentido de adivinhar de entre os diversos trajés enumerados qual foi o escolhido para a simulação.

“ Jetzt rat’ Sie einmal, was der Schneider für mich macht. Ein Andrieng? – Nein!- Eine Kontusche?- Nein! Einen Joppel?- Nein! Eine Mantille? Nein! Ein paar Boschen? – Nein! Einen Reifrock? – Nein! Einen Schlepprock? – Nein! Ein Paar Hosen? – Ja ! – Vivat- jetzt kommen andre Zeiten angerückt- und auch eine Weste und ein Überrock dazu. ” (31/32)

Neste excerto - cujo intuito é criar interesse e curiosidade no leitor - o recurso a tão numerosas perguntas retóricas alerta para o facto de a opção feita, relativamente ao vestuário a usar, ser apenas uma de entre as muitas alternativas possíveis.

Relacionado com esta intenção de salientar o campo das hipóteses possíveis, há ainda a registar um outro procedimento adoptado por Bettina que consiste em não concluir o que está a ser narrado e utilizar habilmente o modo conjuntivo para abrir as portas às probabilidades concebíveis e realizáveis. Assim, constata-se em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* a presença do discurso conjuntivo nas suas variantes. Um estratagema a que a escritora amiudadamente recorre é à confirmação no indicativo, *a posteriori*, de um conjuntivo anteriormente lançado como possibilidade. Note-se como na carta de 26 de Julho de 1808, na qual Bettine procura tornar claro a si própria, o amor que tem a Goethe e mostra o seu papel no enaltecimento do escritor, a ideia primeiro cuidadosamente concebida e tenuemente expressa de que ela poderá ter uma função de sacerdotisa para com o génio Goethe, sofre um crescendo, acabando finalmente por se transformar em certeza. O conjuntivo expressa o possível/desejável e, separado por um travessão, surge (através do modo indicativo) a realidade.

“ (...) wenn's wahr wäre, wenn ich geboren wär', in Leidenschaft zu verflammen, wenn ich die hohe Zeder wär' auf dem die Welt überragenden Libanon, angezündet zum Opfer Deinem Genius, und verduften könnte in Wohlgerüchen, daß jeder Deinen Geist einsöge durch mich; wenn's so wär', mein Freund, daß Leidenschaft den Geist des Geliebten entbindet, wie das Feuer den Duft? – und so ist es auch! Dein Geist wohnt in mir und entzündet mich, und ich verzehre mich in Flammen und verdufte, und was die aussprühenden Funken erreichen, das verbrennt mit. ” (202)

A ratificação no indicativo do futuro perfil da possibilidade tem o seu equivalente na concretização/realização posterior do possível transacto. Atente-se na forma como Bettine

descreve o seu regresso de um passeio nocturno pelo Reno e repare-se que o acontecimento é relatado como verídico, embora ela deixe transparecer que é fantasiado.

“ Es war Mitternacht, - der Mond stieg trüb auf; das Schiff, dessen Schatten in dem erleuchteten Rhein wie ein Ungeheuer mitsegelte, warf ein grelles Feuer auf die waldige Ingelheimer Aue, (...) - Nun ging auch ich nach Haus zum Schlafen, und wenn Du's erlaubst, so legte ich mich zu Deinen Füßen nieder, und es belohnte mich der Traum mit Liebkosungen von Dir, wenn's nicht Falschheit war. ” (252/253)

Como se pode constatar, a protagonista solicita uma espécie de autorização póstuma para um acto passado que não aconteceu e é, portanto, fruto da imaginação. Esta atitude, à primeira vista paradoxal, marcada pelo uso do imperfeito, expressando irrealidade, só se compreende porque o mais importante para a autora é a potenciação do passado, isto é: aquilo que poderia ter acontecido independentemente de ter ocorrido ou não.

O passado não é concebido como completamente acabado – por isso não foi usado o *Perfekt* - mas sim como potência narrativa. Podemos, por conseguinte, afirmar que o modo conjuntivo concretiza o prolongamento prático num futuro em aberto, assim como o desvendar progressivo (através do retrocesso) das suas possibilidades ocultas. Deste modo, com a clarificação das hipóteses anteriormente possíveis, o presente surge como campo de realização das possibilidades em aberto, que caminham para uma materialização/concretização.

O modo como Bettina von Arnim urde as hipóteses possíveis neste romance merece também uma referência especial. A experiência onírica, que pelo seu carácter ilimitado e intemporal permite ao sujeito aceder a uma realidade extraordinária, tem, em qualquer das suas vertentes, um papel fundamental. O sonho nocturno liberta o sonhador do seu eu e transporta-o ao passado; por sua vez, o sonho diurno permite ao sonhador evadir-se para a esfera do possível (fantasiando) e antecipar o futuro. A autora, com este processo em que recorre mais uma vez à fantasia, salvaguarda o direito de ficcionalizar o que é inexecutável na

vida real. Ilustrativo do que acaba de ser referido é um momento do romance em que Bettine descreve à mãe de Goethe o seu primeiro encontro com o escritor em Weimar. O evento em questão, em vez de ser relatado com a máxima objectividade (como esta última pretende), é transformado numa verdadeira história de encantar.

A ideia de que numa obra literária a fantasia - através do sonho diurno ou devaneio - pode viabilizar o inviável na vida real, está também patente numa passagem em que Bettine descreve os projectos de viagens com G nderode: enquanto Clemens e Achim faziam a recolha de canoes populares, as duas amigas ficavam em casa imaginando digressoes cheias de aventuras.

“ Wir lasen vom Jupiter Olymp des Phidias, daß die Griechen von dem sagten, der Sterbliche sei um das Herrlichste betrogen, der die Erde verlasse, ohne ihn gesehen zu haben. Die G nderode sagte, wir müssen ihn sehen, wir wollen nicht den Unseligen gehören, die so die Erde verlassen. Wir machten ein Reiseprojekt, wir erdachten unsre Wege und Abenteuer, wir schrieben alles auf, wir malten alles aus, unsre Einbildung war so geschäftig, daß wir’s in der Wirklichkeit nicht besser hätten erleben können; oft lasen wir in dem erfundenen Reisejournal und freuten uns der allerliebsten Abenteuer, die wir drin erlebt hatten, und die Erfindung wurde gleichsam zur Erinnerung, deren Beziehungen sich noch in der Gegenwart fortsetzten. “ (81)

A propósito da importância que o sonho nocturno assume neste romance,   ainda de referir que, em duas alusoes feitas ao anel com que Goethe presenteou Bettine no primeiro encontro entre os dois, há a presena da actividade onírica. No primeiro caso, o anel perde-se nas profundezas do rio, simbolizado a inviabilidade do relacionamento amoroso entre aqueles dois seres (192). No segundo caso (337), como não   possível abraar o amado, Bettine aperta o anel de encontro ao peito. Estamos pois perante duas versoes do mesmo tema exprimindo uma única verdade interior: o receio de perder Goethe e o desejo de estar sempre junto dele.

Sonho, fantasia e êxtase tornam-se, assim, os veículos de conhecimento favoritos de Bettina von Arnim. Mas, se por um lado a realidade se dilui no seio do mundo onírico da escritora, por outro lado os acontecimentos sonhados também se tornam realidade. Numa carta de Bettine a Goethe, datada de 20 de Abril de 1809, dando-lhe conhecimento de que escrevera ao príncipe herdeiro apelando à sua intercessão em favor dos Tiroleses, amotinados contra Napoleão, pode constatar-se que sonho e realidade se misturam, de tal modo que uma ocorrência visionada durante o sono adquire a forma de real. Perante a incerteza do efeito da carta, a redactora sonha que Fritz Stadion, um amigo comum (seu e do futuro Ludwig I) consegue persuadir este último de que as reivindicações dos revoltosos são justas. Neste caso, a função do sonho é profetizar/antever um acontecimento.

“ (...) acht Tage hatte ich meinen Stadion nicht gesehen, am 10. April, wo ich die gewisse Nachricht erhielt, er sei in der Nacht abgereist, da war ich doch sehr betrübt, daß ich ihn sollte zum letztenmal gesehen haben, (...) Ich fand keine Lage für mein ringendes Herz, müde geworden vom Weinen, schlief ich ein, (...) So schluchzend im Traum hör’ ich meinen Namen rufen; es war dunkel, bei dem schwachen Dämmerchein der Laternen von der Straße erkenne ich einen Mann neben mir in fremder Soldatenkleidung, Säbel, Patrontasche, schwarzes Haar, sonst würde ich glauben, den schwarzen Fritz zu erkennen. – ‘Nein, du irrst nicht, es ist der schwarze Fritz, der Abschied von dir nimmt, mein Wagen steht an der Tür, ich gehe eben als Soldat zur österreichischen Armee (...) es geht gewiß alles gut, eben war ich beim Kronprinzen, der hat mir die Gesundheit der Tiroler getrunken und dem Napoleon ein Preat gebracht, er hat mich bei der Hand gefaßt und gesagt: ‘Erinnern Sie sich dran, daß im Jahr Neune im April, während der Tiroler Revolution, der Kronprinz von Bayern dem Napoleon widersagt hat’, und so hat er sein Glas mit mir angestoßen, daß der Fuß zerschellte’ (...) Kaum war er fort, klopfte es schon wieder, der alte Bopp kommt herein, es war finster im Zimmer, an seiner Stimme erkenne ich, daß er freudig ist, er reicht mir feierlich ein zerbrochnes Glas und sagt: ‘das schickt Ihnen der Kronprinz und läßt Ihnen sagen, daß er die Gesundheit derjenigen daraus getrunken hat, die Sie protegieren, und hier schickt er Ihnen seine Kokarde als Ehrenpfand, daß er Ihnen sein Wort

lösen werde, jeder Ungerechtigkeit, jeder Grausamkeit zu steuern.“ ”
(293/294)

Conjuntamente com o discurso vivo e ágil, Bettina emprega uma outra técnica que Ingrid Leitner e Sibylle von Steindorff denominam de *discurso mágico* (*Magisches Sprechen*¹¹³) e que consiste na refundição ou modificação suave, de um modo artiloso e hábil, dando através de novas palavras e “imagens”, não a informação absoluta mas apenas uma noção do que se quer dizer. Não há uma relação directa/congruência entre escrever e aquilo que é (des)escrito. Aqui está patente uma visão reflectida do conhecimento que revela a certeza de que a escrita não deixa simplesmente transparecer o real, modificando-o no processo de descrição.

A análise que acaba de ser efectuada de alguns dos procedimentos poéticos utilizados por Bettina von Arnim, centrou-se unicamente na obra *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*. Todavia, procurando complementar a investigação feita, proceder-se-á em seguida a um estudo comparativo do tratamento dado pela autora a algumas das cartas originais que constituíram a fonte do livro. De uma maneira global, pode afirmar-se que não existem diferenças significativas entre os processos literários empregues nas cartas privadas e nas cartas que formam o romance. Apenas se verifica que nestas últimas as características das primeiras se apresentam mais intensificadas e que, em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, a não separação entre vida e obra é mais evidente. Naturalmente que as cartas originais de Goethe fornecem à autora sugestões de técnicas narrativas para a sua produção literária. Repare-se como a escritora plagia uma carta de Goethe, introduzindo alterações no pós-escrito.

¹¹³ Vd. Uwe Lemm, (ed.), „ Die vollkommenste Grammatik der Liebe, die jemals komponierte wurde“, in *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 6/7-1994/95, 143-157, pp. 153-154

“ Verzeihe mir, liebe Bettine, daß ich Dir durch eine fremde Hand schreibe, sonst komme ich gar nicht dazu. Deine Briefe machen mir viel Freude, fahre fort an mich zu denken und mir etwas von Deinem wunderlichen Leben zu sagen.

Besonders aber suche dem Albrecht Dürer auf die Spur zu kommen. Lebe recht wohl. “ (645)

“ Mit eigener Hand: Nimm es nicht übel, daß ich mit fremder Hand schreibe, die meine war müde, und ich wollte Dich doch nicht ohne Nachricht lassen (...), fahre fort, an mich zu denken und mir etwas von Deinem wunderlichen Leben zu sagen, Deine Briefe werden wiederholt gelesen mit vieler Freude, was Dir auch die Feder darauf erwidern könnte, es wäre doch weit entfernt von dem unmittelbaren Eindruck,(...) denn wer vermag bei wachenden Sinnen zu glauben an den Reichtum Deiner Liebe, den man als Traum aufzunehmen wohl am besten tut. (...) Suche doch ja dem Albrecht Dürer auf die Spur zu kommen. Lebe recht wohl. “ (329)

Ao transpor a carta primitiva para a obra, Bettina von Arnim manteve a data (11 de Setembro de 1809) mas aumentou bastante a extensão da apostilha, manifestamente para relativizar o que tinha sido dito.

Ao expandir a adenda cria intencionalmente uma desproporção entre as linhas ditadas e as escritas com a própria caligrafia, levando o leitor a conjecturar e duvidar dos motivos que terão levado Goethe a não redigir a totalidade da carta, quando afinal não se mostra fatigado para escrever quase metade das linhas que foram ortografadas por outra pessoa. Esta incoerência subtil é um indício claro de que a escritora está a denunciar a sua mensagem como fictícia.

A mesma técnica é usada numa outra carta que, em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* tem a data de 2 de Janeiro de 1808, sendo a original de 24 de Fevereiro de 1808 (653). Também desta vez a missiva efectivamente escrita por Goethe é transcrita quase totalmente, à excepção de uma frase em que o escritor envia cumprimentos a Achim von Arnim e

expressa o desejo de receber correspondência deste, fazendo-lhe igualmente um aditamento. Constatase ainda que nos dois primeiros parágrafos foi mantido o tratamento formal - *Sie* (mostrando um Goethe reservado e distante) sendo alterado, inesperadamente, no terceiro (a parte fantasiada) para um mais íntimo - *Du* .

“ **Sie** haben, liebe Kleine Freundin (...) Senden **Sie** mir die jüdischen Broschüren (...).

Liebstes Kind, verzeih, daß ich mit fremder Hand schreiben mußte.(...) es ist mir viel wert, Dich zu haben, wie **Du** bist, und in meinem Herzen findest **Du** immer eine warme Aufnahme. **Du** bist ein wunderliches Kind und bei Deiner Ansiedlung in Kirchen könntest **Du** leicht zu einer wunderlichen Heiligen werden, ich gebe Dir's zu bedenken. (...)

Liebstes Kind, verzeih, daß ich mit fremder Hand schreiben mußte. Über Dein Musikalisches Evangelium und über alles, was Du mir Liebes und Schönes schreibst, hätte ich Dir so heute nichts sagen können, aber laß Dich nichtstören in Deinem Eigensinn und in Deinem Launen, es ist mir viel wert, Dich zu haben, wie Du bist, und in meinen Herz findest Du immer eine warme Aufnahme. Du bist ein wunderliches Kind, (...). ”

(148/149)

Aqui, a observação *mit fremder Hand* tem a função clara de legitimar como não verídico o que foi dito anteriormente. Há uma intenção nítida de advertir o leitor para o antagonismo existente nestas duas atitudes de Goethe: por um lado uma pessoa rígida e austera, e por outro um homem meigo e delicado.

Também ao conceder à carta um cariz familiar, a autora criou mais uma contradição, dada a dualidade existente entre veracidade fantasiada e falsa ficção. O texto original de Goethe torna-se um disfarce/dissimulação imprescindível para esta empolar o carácter íntimo da sua relação imaginária com o escritor. E, é precisamente através desta hábil contraposição (autenticidade falseada versus pretensa ficcionalidade) que Bettina von Arnim, jogando com a atitude de expectativa do leitor – que primeiro é surpreendido por um

Goethe distante e frio e que logo a seguir mostra ser o oposto – confere um cunho de veracidade ao teor das cartas¹¹⁴.

Outras vezes, para que as missivas adquiram ainda uma maior beleza literária e também para poder completar o seu conteúdo de acordo com o que lhe convém, a autora inventa a parte inicial e finaliza inserindo grande parte do texto de uma carta original. Isto verifica-se, por exemplo, na carta de 7 de Junho de 1808, alegadamente escrita por Goethe (176). Confrontando esta com a autêntica (638) reconhece-se ter havido uma grande adaptação, não apenas em relação à data e ao tratamento do emissor para com o destinatário (a carta genuína está datada de 4 de Maio de 1808 e Goethe dirige-se a Bettine com formalidade, utilizando o pronome pessoal *Sie*) mas principalmente a nível de conteúdo. Ao ficcionalizar a carta, a autora aproveita o ensejo para acrescentar expressões que manifestam um pretenso amor de Goethe pela jovem Bettine. Esta situação inverte-se em outros momentos do romance.

Para além dos aspectos já apontados, constata-se ainda que as pequenas alterações introduzidas se situam também a outro nível, como sucede na carta escrita por Goethe a Bettina em 15 de Setembro de 1809. Comparando esta (646) com a versão inclusa no romance (329/330) conclui-se que elas divergem apenas em duas frases: “ *Meine Frau grüßt aufs beste* “ e “*Lebe unsrer gedenk*” foram substituídas por “ *Der Herzog grüßt Dich aufs beste* “ e “*Lebe meiner gedenk*”. Estas diminutas, embora significativas, modificações

¹¹⁴ Karl Hans Strobl escreve em *Geschichten der Bettina von Arnim* o seguinte: „ Es ist klar, Bettina verstand, wie selten jemand, die Kunst zu lügen. (...) Aber Bettina ist eine naive Lügnerin. Sie lügt nur, um die Dinge hübscher zu machen. Und sie sagt es den Leuten in ihrem allerliebsten Frankfurter Dialekt ja auch immer selbst „ ‚Sie müsse mir nicht alles glaube, ich bin so verloge.‘ (...) Sie will ja keine Sammlung literaturhistoriker Dokumente, sonder ein Werk geben, in dem etwas von den Seelen eines ganz großen Mannes und eines ganz seltenen Weibes zu erfahren will. So naive sie scheinen möchte, so mangelt ihr doch nicht eine technische Begabung, die sie benutzt. Trotzdem sie niergends die Flüchtigkeit des ersten Gefühls, den Reiz der Eingebung verwischt, so komponiert sie doch. Sie gestaltet nicht um, aber sie ordnet.“. (Vd. Karl Hans Strobl und Karl Wilhelm Fritsch, *Geschichten der Bettine von Arnim*, Berlin: F. Fontana & Co. 1908, p. XVIII–XIX)

denotam que a autora quis abolir a familiaridade com a sua rival - Christiane Goethe - e por outro lado acentuar o sentimento amoroso do escritor para consigo.

Continuando a analisar a forma como algumas das epístolas originais são enquadradas em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, há ainda outros aspectos a sublinhar. Por vezes essas cartas são inseridas quase integralmente no romance, mas de uma forma interpolada. A carta de 28 de Novembro (656) que Bettina escreveu ao escritor, por exemplo, surge no livro não como uma única, mas fazendo parte inicial de duas cartas distintas (416 e 424)¹¹⁵.

Também se verifica a existência de uma cópia a que se pode chamar fiel de uma outra carta de Goethe (648). A par da mudança efectuada no posicionamento de uma das frases do texto, a única alteração significativa a salientar é a indicação do local onde a carta foi redigida - a estância balnear de Teplitz - (406). A propósito deste aditamento feito pela autora é de referir que Teplitz teve um papel relevante no relacionamento de Bettina von Arnim com Goethe. Tendo sido neste local que os dois autores se encontraram por diversas vezes e assumindo um significado especial na ligação entre ambos, é pois compreensível que a escritora o queira referenciar.

Representativas do procedimento que consiste em manter inalterado o teor da carta original são ainda as cartas de 15 de Maio de 1807 (106, 631) e de 4 de Novembro (410, 650). Esta última, inserida na parte final de uma missiva fictícia, que por sua vez é a resposta a uma outra de 15 de Outubro de 1810 e que a autora conservou igualmente inalterada (410, 649), inclui uma descrição do nascimento de Goethe. Nesta situação específica, a atitude da autora pode ser entendida como um desejo de preservar intacto um apontamento biográfico sobre este génio da literatura por quem nutre uma enorme admiração. Relativamente à primeira das cartas mencionadas saliente-se o facto de haver a antecipação de um mês na

¹¹⁵ Bettina von Arnim procedeu a ligeiras alterações na carta. *Teurer* passou para *teuerster* (416), o vocativo *Alter* desapareceu (BW, 58; 426), foram retiradas as aspas que indicavam palavras proferidas pela mãe do escritor, passando estas a provir de Bettine. (BW, 657/658; 425/426)

data da carta do romance (15 de Maio) em relação à da missiva original (15 de Junho), muito provavelmente para dar a ilusão de que a troca de correspondência entre o poeta e Bettina se iniciou mais cedo. Ainda no que concerne à datação verifica-se que esta não existe na carta da pág. 650, mas que Bettina ao inseri-la na obra lhe atribuiu a data de 4 de Novembro. Por outro lado, existem cartas, como a da pág. 224, cuja data é posterior (28 de Julho) à da missiva verdadeira que lhe corresponde (22 de Junho, 639); isto só acontece porque Bettina interpolou na obra missivas que ficcionalizou e, teve necessidade de alterar as datas, para lhes uma sequência temporal e as tornar credíveis.

Prosseguindo esta análise comparativa não se pode deixar de fazer uma referência às paráfrases que Bettina von Arnim faz de 6 poemas de Goethe¹¹⁶. Observe-se como a poesia se transforma em prosa poética no exemplo que se segue, e no qual se apresenta a versão Bettiniana de um desses poemas e simultaneamente a original, proporcionando assim a oportunidade de estabelecer uma comparação entre elas.

„Lieber möcht' ich Dir gleich das weiße Blatt schicken, statt daß ich's erst mit Buchstaben beschreibe, die doch immer nicht sagen, was ich will, Du fülltest es zu Deinen Zeitvertreib aus, machtest mich übergücklich und schicktest es an mich zurück, wenn ich denn den blauen Umschlag sehe und riss' ihn auf: neugierig eilig, wie die Sehnsucht immer der Seligkeit gewärtig ist, und ich lese nun , was mich aus Deinem Mund einst entzückte: *Lieb kind, mein artig Herz, mein einzig Liebchen, klein Mäuschen*, die süßen Worte, mit denen Du mich verwöhntest, so freundlich mich beschwichtigend; - ach! mehr wollt' ich nicht, alles hätt' ich wieder, sogar Dein Lispeln würde ich mitlesen, mit dem Du mir leise das Lieblichste in die Seele ergossen und mich und mich auf ewig vor mir selbst verherrlicht hast.“ (152)

¹¹⁶ Em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* encontram-se parafraseados seis poemas de Goethe (142, 150, 152, 192, 370, 613/614), 4 poemas originais de Goethe (71, 171, 317, 591) e poemas da autoria de Bettina. (105, 128).

Wenn ich nun gleich das weiße Blatt dir schickte,
Anstatt daß ich's mit Lettern erst beschreibe,
Ausfülltest du's vielleicht zum Zeitvertreibe
und sendetest's an mich, die Hochbeglückte.

Wenn ich den blauen Umschlag dann erblickte;
Neugierig schnell, wie es geziemt dem Weibe,
Riss' ich ihn auf, daß nichts verborgen bleibe;
Da les' ich, was mich mündlich sonst entzückte:

Lieb Kind! Mein artig Herz! Mein einzig Wesen!
Wie du so freundlich meine Sehnsucht stilltest
Mit süßem Wort und mich so ganz verwöhntest,

Sogar dein Lispeln glaubt' ich auch zu lesen,
Womit du liebend meine Seele fülltest
Und mich auf ewig vor mir selbst verschöntest.

Wolfgang Bunzel vê no artifício anteriormente mencionado, que consiste em parafrasear a lírica de Goethe, a intenção de a escritora fazer crer que a carta originou o poema¹¹⁷, assumindo Bettina von Arnim, deste modo, o papel de musa inspiradora de Goethe. Esta opinião é reforçada pela circunstância de ela própria o dizer explicitamente numa das cartas integradas no *Diário*, endereçada a Goethe¹¹⁸ e pelo facto de, em outros momentos da obra, este considerar Bettine uma luz que ilumina a sua vida (244) e reconhecer que tudo o que ela escreve é para ele uma fonte salutar (366). Ao ficcionalizar, desta forma, a correspondência trocada entre si e Goethe, Bettina von Arnim concretiza um sonho: ouvir do escritor aquilo que ele na realidade nunca lhe disse e que ela gostaria de ter ouvido.

Elucidativo, também, da forma, como Bettina constrói o romance partindo das cartas verdadeiras são os fragmentos destas últimas, relativos à beleza de Goethe. O primeiro, (654) onde se afirma que o escritor em bebé era tão bonito que a ama não o podia levar a

¹¹⁷ Bettina teve conhecimento prévio de pelo menos dois dos sonetos que Goethe escreveu e quase certamente de todos eles.
(Vd. Wolfgang Bunzel, „Phantasie ist die freie Kunst der Wahrheit“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 1-1987, 7-28, p. 17.)

¹¹⁸ Nesta carta de 22 de Março de 1832 (data da morte de Goethe), p. 598, Bettine, utilizando o discurso directo, transmite textualmente a seguinte expressão proferida pelo escritor: „Du bist meine Muse!“.

passar em ruas populosas, pois que todas as pessoas se acercavam dele para o contemplarem, não foi incluído na obra. Em sua substituição, a autora ficcionalizou um excerto (419) em que se relata a confiança que Goethe, apenas com sete anos, tinha nas estrelas enquanto protectoras e auxiliadoras na concretização dos seus objectivos. Por seu turno, Bettina menciona a formosura do escritor, mantendo no romance outra passagem alusiva à beleza angelical deste.

“ Schön wie ein Engel warst Du, bist Du und bleibst Du; so waren auch in Deiner frühesten Jugend aller Augen auf Dich gerichtet. “ (424, 656)

V. CONCLUSÃO

O presente estudo permite concluir que Bettina von Arnim é uma escritora que teve estreitos contactos com os dois grandes movimentos intelectuais que marcaram o período em que viveu: o romantismo e o *Vormärz*.

Desde a sua juventude que conheceu várias formas de vida política; ela viveu as transformações e unificações napoleónicas, viu acontecer as reformas de Karl Stein e Karl Hardenberg, e presenciou a nova Europa de Metternich assim como a imparável ascensão da Prússia. Ao longo de uma vida que abarca acontecimentos políticos que vão desde a Revolução Francesa em 1789, até à Revolução alemã de Março em 1848, pode afirmar-se que Bettina, para além de ser representante de um romantismo feito à sua própria medida, foi também, na sua época, uma mulher bastante emancipada: tudo o que fez ultrapassava os parâmetros culturais e sociais impostos às mulheres, desafiando assim as estruturas da sociedade patriarcal.

A escrita literária é, para Bettina von Arnim, uma experiência de vida quotidiana desde a juventude. Aquela reflecte a liberdade que a autora procurou durante toda a vida face às convenções, à censura e às restrições impostas pela tradição e pela sociedade. Desta forma ela questionava através da literatura tudo aquilo que não lhe agradava, por isso a sua vasta obra inclui cartas, livros, artigos, contos, panfletos, e outros documentos. Ao escrever, a autora “ordena” a sua vida, “fabricando” o passado, projectando o futuro e explicando os acontecimentos do presente. É através da “escrita livre”, resultante da reflexão sobre uma vivência que mantém sempre viva, que ela examina o mundo e os seus problemas.

A investigação efectuada possibilita ainda afirmar que as obras de Bettina von Arnim englobam eventos históricos vivenciados entre a utopia e a desilusão, entre protesto e

oposição e ficcionalizados por uma escrita influenciada pelas tendências românticas. As suas ideias e as suas obras apresentam características românticas, mas sem deixar de se inserir nas novas tendências.

Embora tenha nascido demasiado tarde para poder participar na primeira fase do movimento romântico alemão, esta escritora foi profundamente influenciada por ele, através dos círculos a que estiveram ligados Schleiermacher, Clemens Brentano e Achim von Arnim. Seguindo a tradição da *Aufklärung* e do primeiro romantismo Bettina fez dos conceitos de autonomia e de autoformação a base do seu modelo de vida e da sua escrita.

A fantasia tem nas obras desta escritora uma função fundamental, uma vez que funciona como medianeira entre ideia e realidade. Estas reflectem por um lado a vida completamente limitada a que a autora e as outras mulheres estavam circunscritas na primeira metade do séc. XIX e também o modo como, através da sua estratégia narrativa inovadora – ficcionalização das cartas privadas com a inclusão de novos elementos que vão de contos fantásticos a assuntos como arte, filosofia, política, religião, natureza – se põe ao lado das tentativas literárias mais inovadoras no seu tempo. “Ich bin eigentlich zum Weltumwölzer geboren“¹¹⁹, escreveu Bettina von Arnim aos 64 anos, numa carta à sua irmã Gunda von Savigny. Na verdade, depois de se conhecer um pouco da sua vida, da sua personalidade e da sua obra há que reconhecer que de facto assim foi.

A sua vida literária compreende dois momentos distintos. A primeira fase, de influência marcadamente romântica, com *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, *Gunderode*, *Clemens Brentanos Frühlingskranz* e uma segunda - cujas obras são a expressão do seu envolvimento nas questões políticas fulcrais da época - com *Dieses Buch gehört dem König*, *Das Armenbuch* e *Gespräche mit Dämonen*.

¹¹⁹ Vd. Christa von Düsterlho, „Bettine von Arnim. Liebe-Leistung-Leben“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 1-1987, 53-57, p. 53.

Em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, encontramos formuladas e concretizadas muitas das ideias centrais da estética romântica na sua articulação com a filosofia da natureza. Por outro lado, no momento em que ele surgiu, o movimento literário *Jovem Alemanha* já estava bem implantado e muitos dos seus elementos, sendo críticos frontais da política, sociedade e cultura vigentes, entenderam imediatamente esta obra como transmissora de um espírito de protesto do passado recente para a actualidade.

Ele é assim, até certo ponto não só um livro epigonal onde se podem detectar marcas clássicas e românticas, num tempo que já avançava para outras tendências artísticas, como ainda profundamente singular e inovador, fundindo em doses semelhantes imitação e criatividade.

Constatou-se que *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde* é a continuação e o aperfeiçoamento da divinização de Goethe - o *Senhor*, o *Mestre*- que se verifica nas cartas originais. Contudo, apesar de o Goethe de Bettine ser o velho Goethe, o poeta que por volta de 1807 foi considerado anacrónico por alguns dos seus contemporâneos, ele é ainda mais o homem, a pessoa humana que se oculta por detrás do escritor. Verifica-se também que “romantizando” a realidade, Bettina cria um “Deus Goethe” no qual ela – buscando a sua identidade - se projecta, transformando assim o Eu Bettina num Eu mais “perfeito” e transcendido. Por outro lado, com essa deificação de Goethe a que poderá chamar-se uma acção de recuperação, Bettina contribuiu objectivamente para que o escritor viesse a transformar-se em mito.

Mas além de monumento (escrito) em honra do poeta, esta obra é igualmente um monumento à criança-Bettine, porquanto a glorificação do seu *Deus* significa, como vimos, a mitificação da sua própria existência. Ainda relativamente a este romance - cujas características são, na sua essência, de “realismo” poético, embora já antecipe aspectos da

narrativa realista - pode afirmar-se que para além de ser uma fusão de géneros narrativos é uma obra onde a verdade se torna ficção porque a ficção também é parte da verdade.

Analisando comparativamente as cartas originais e a obra em questão, nota-se que existe uma grande discrepância entre ambas, no que se refere aos eventos políticos marcantes, pois que estes foram alterados literariamente. Por isso, este romance não pode de modo algum considerar-se um testemunho histórico-crítico dos anos 1807-1811, embora haja referências à insurreição antinapoleónica ocorrida no Tirol em 1809, e a outros eventos, nem uma sinopse dos acontecimentos históricos relevantes de 1814, como sejam a declaração de guerra da Prússia à França, a derrota de Napoleão e o Congresso de Viena.

Relativamente aos procedimentos poéticos de Bettina von Arnim, eles têm como objectivo poetizar/potenciar a factualidade. Através da fantasia é possível transcender a realidade, representar o real como possível e o possível como real. Por esta razão, há acontecimentos fictícios que são apresentados como se fossem reais. Para a autora, realidade e ficção situam-se em termos de legitimidade e de veracidade no mesmo plano, de tal maneira que aquilo que é produto da sua faculdade imaginativa e os factos verídicos se relativizam e modificam mutuamente. Os artifícios mais utilizados são a inobservância da sequência cronológica, o questionar intratextual do que é narrado, o emprego do conjuntivo como expressão de possibilidade e a coexistência (quer paralelamente quer uma dentro da outra) de Realidade e Ficção.

Sendo este, em Portugal, um estudo pioneiro sobre Bettina von Arnim, é óbvio que muito há ainda que explorar relativamente à obra que ela nos legou - romances, epístolas, contos, composições musicais, e produção a nível das artes plásticas. Alargando e de certa forma complementando o presente trabalho, poderia ser realizado um outro, centrado numa análise comparativa de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, *Clemens Brentano Frühlingsskranz*, e *Günderode*, abordando a sua estrutura e os temas aí inclusos. Seria ainda

de todo o interesse fazer uma investigação mais orientada para a faceta política da escritora, que englobasse o que normalmente se designa por *Politische Schriften* (*Königsbuch*, *Armenbuch* e *Ilius Pamphilius und die Ambrosia*). Por último, sugere-se que, por serem menos conhecidos, os *Märchen* sejam igualmente fulcro de futuros estudos.

BIBLIOGRAFIA

1. BIBLIOGRAFIA ACTIVA / OBRAS DA AUTORA

ARNIM, Bettine von (1986). *Werke und Briefe*. Hrsg. von Walter Schmitz und Sibylle von Steindorff, 4 Bde, Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag.

ARNIM, Bettine von (1835). *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, (edição utilizada: 1984, *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*. Hrsg. und eingel. von Waldemar Oehlke. [3 Tle. in 1 Band] Frankfurt am Main: Insel Taschenbuch Verlag).

_____, (1840). *Die Gänderode* (edição utilizada: 1983, *Die Gänderode*. Hrsg mit einem Essay von Christa Wolf. Leipzig: Insel Verlag).

_____, (1844). *Clemens Brentanos Frühlingsskranz aus Jugendbriefen ihm geflochten, wie er selbst schriftlich verlangte* (edição utilizada: 1985, *Clemens Brentanos Frühlingsskranz*. Hrsg. mit einem Nachwort von Hartwig Schultz, Frankfurt am Main: Insel Verlag).

1. BIBLIOGRAFIA PASSIVA / LITERATURA SECUNDÁRIA

ARNIM, Bettine von, (1987). *Ein Lesebuch*, Hrsg. von Christa Bürger und Birgit Diefenbach, Stuttgart: Reclam Universal-Bibliothek Nr. 2690 4.

AUROUX, Sylvain e WEIL, Yvonne, (1997). *Dicionário de Filosofia* [Trad. de Miguel Serras Pereira], 3ª ed., Porto: Edições Asa.

BAPTISTA, Abel Barros, (1997). “O Espelho Perguntador”, *Colóquio-Letras* Nº 143/144, Janeiro-Junho , 63-79.

BARRENTO, João, (1989). *Literatura Alemã. Textos e Contextos* (1700-1900), volume I e II, Lisboa: Editorial Presença.

BÄUMER, Konstanze, (1986). *Bettine, Psyche, Mignon - Bettine von Arnim und Goethe*, Stuttgart: Hans Dieter Heinz Akademische Verlag.

BÄUMER, Konstanze e Hartwig Schultz, (1995). *Bettine von Arnim*, Stuttgart;Weimar: Verlag J. B. Metzler, SM 255.

BAUMGART, Hildegard, (1999). *Bettine Brentano und Achim von Arnim. Lehrjahre einer Liebe*, Berlin: Berlin Verlag.

BECKER, Christine, (1999). “Bettine von Arnim und die Revolution von 1848”, in Hartwig Schultz (Hrsg), *‘Die echte Politik muß Erfinderinsein’*, Berlin: Saint-Albin-Verlag, 309-360.

BERGER, Gerda, MALLACHOW, Lore und MEYER-HEPNER, Gertrud, (1954). *Bettina: Ein Lesebuch für unsere Zeit*, Weimar: Thüringen Volksverlag.

BEST, Otto F. und SCHMITT, Hans-Jürgen, (1974-1977). *Die Deutsche Literatur in Text und Darstellung* (vol. 8 e 9), Stuttgart: Reclam.

BLACKBURN, Simon, (1997). *Dicionário de Filosofia*, [tradução do original Inglês de Desidério Murcho e outros], Lisboa: Gradiva.

BLOOMINGTON, Ana Willison, (1989). “ Bettines Kompositionen : Zu einem Notenheft der Sammlung Heineman“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 3- 1989, 183-187.

BUNZEL, Wolfgang, (1987). „Phantasie ist die freie Kunst der Wahrheit“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 1-1987, 7-28.

BÜRCEL, Peter, (1976). “Der Privatbrief: Entwurf eines heuristischen Modells”, in *Deutsche Vierteljahrschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*, 50 Jahrgang, Heft 1/2 April 1976, 281-297.

CEIA, Carlos, (1997). *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*, Lisboa: Editorial Presença.

CLAUDON, Francis, (1986). *Enciclopédia do Romantismo* (trad. do original francês), Lisboa:Verbo, col. Enciclopédia das Artes-2.

CLÉMENT, Élisabeth, DEMONQUE,Chantal, HANSEN-LOVE,Laurence, KAHN,Pierre, (1997). *Dicionário Prático de Filosofia* [Trad. de Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Riu Pacheco, Textos e Letras], Lisboa: Terramar.

COSTA, Fernanda Gil, (1944). “ Escrever a vida. O Segundo Cânon nas Cartas de Susette Gontard a Hölderlin”, *RUNA - Colóquio Interdisciplinar Friedrich Hölderlin*, Nº 22, Fevereiro 94, Coimbra: Faculdade de Letras, 131-43.

_____, (1998). “ ‘O ‘Período da Arte’ , “ in *Literatura Alemã I*, Lisboa: Universidade Aberta, 313-84.

DIDIER, Béatrice, (1976). *Le Journal Intime*, Paris : P.U.F. .

DISCHNER, Gisela, (1976). *Bettine von Arnim. Eine weibliche Sozialbiographie aus dem 19. Jahrhundert*, Berlin: Verlag Klaus Wagenbach, Wagenbachs Taschenbücherei 30.

DREWITZ, Ingeborg, (1999). “'... darum muß man nichts als leben' Bettine von Arnim”, München: Econ & List Taschenbuch Verlag.

DÜSTERLHO, Christa von, (1987). „Bettine von Arnim. Liebe-Leistung-Leben“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 1-1987, 53-57.

ECO, Umberto, (1991). *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, 5^a ed. Lisboa: Editorial Presença.

EBRECHT, Angelika / NÖRTEMANN, Regina / SCHWARZ, Herta, (1990). (Hrsg.) *Brieftheorie des 18. Jahrhunderts. Texte, Kommentare, Essays*. Stuttgart: Metzler.

FEILCHENFELDT, Konrad, (1988). “Geselligkeit:Salons und literarische Zirkel im späten 18. und frühen 19. Jahrhundert”, in *Deutsche Literatur von Frauen*, Bd.1-vom Mittelalter bis zum Ende des 18.Jahrhunderts, ed. Gisela Brinkler-Gabler, München, 1988.

FRIEDRICH, Heinz, (1954). *Wirkungen der Romantik. Ein Beitrag zum Problem der poetischen Wirklichkeit*, Frankfurt am Main: Verlag Eremiten Presse.

GAJEK, Enid,(1989). „ ‚Das gefährliche Spiel meiner Sinne‘,, , in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin:Saint Albin Verlag, vol. 3-1989, 249-261.

GOETHE, Johann Wolfgang von, (1974). *Werke* in zwölf Bände, (1974). [Herausgegeben von den Nationalen Forschung –und Gedenken Stätten der Klassischen Deutschen Literatur in Weimar], Berlin: Aufbau-Verlag., 3. Auf., Erster und Sechster Band.

HAHN, Barbara, (1997). “ ‚Der Mythos von Salon. ‚Rahels Dachstube‘ als historische Fiktion. ”, in *Salons der Romantik*, hrsg. von Hartwig Schultz, Berlin, 213-234.

HEINRITZ, Reinhard, (1987). “Zur Theorie und Poetik des Briefwechsels im Umkreis von Klassik und Romantik”, in *Literatur in Wissenschaft und Unterricht*, Jahrgang 20, 1987, 374-388.

HIRSCH, Helmut, (1998). *Bettine von Arnim*, Rheineck bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag.

HOOCK-DEMARLE, Marie Claire, (1981). “Arnim, Bettine Brentano von (1785-1859)”, in *Romantisme et Revolution. Lettres et Articles*, Paris: Collection Memoire des Femmes, Editions Syros.

_____, (1988). „Bettinas Umgang mit Außenseitern“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der*

Bettina-von-Arnim-Gesellschaft, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 2-1988, 76-89.

HÖFER, Conrad, (1922). *Jarhrbuch der Sammlung Kippenberg*. Zweiter Band, Leipzig: Insel Verlag.

IRIARTE, Rita, [org., intr., notas] (1986). *Música e Literatura no Romantismo Alemão*, Lisboa: Apáginastantas, Cosmos.

_____, [Coord.] (1996). *Ensaaios de Literatura e Cultura Alemã*, Coimbra: Minerva.

JENS, W. (ed.), (1988). *Kindlers Neue Literatur Lexikon*, 20 vol., München.

KELLING, Hans-Wilhelm, (1969). “ The Idolatry of Poetic Genius in *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*”, in *Papers Read Before the Society*, Publications of the English Goethe Society, New Series XXXIX, 16-30, edited by Elizabet M. Wilkson, B.A. Rowley and Ann C. Weaver.

KILLY, Walter (ed.), (1988). *Bertelsmann Literaturlexikon. Autoren und Werke deutscher Sprache*, 15 vols., München.

KOHLHAGEN, Nordgar, (1981). *Frauen die die Welt veränderten*, Stuttgart: Verlag Huber Frauenfeld.

KONRAD, Gustav, (1982). “Bettina von Arnim”, in Benno von Wiese (Hrsg.), *Deutsche Dichter der Romantik*, Berlin: Erich Schmidt Verlag, 377-406.

KUNDERA, Milan, (1998). *A Imortalidade*, [trad. de Miguel Serras Pereira], Lisboa: Publicações D. Quixote Lda.

LANDFESTER, Ulrike,(1999/2000) „ Das Schweigen der Sibylle. Bettine von Arnims Briefe über die Revolution von 1848,, , in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 11/12-1999/2000, 121-143.

LEGRAND, Gerard, (1991). *Dicionário de Filosofia* [Trad. de Armindo José Rodrigues e João Gama], Lisboa: Edições 70 L^{da}.

LEITNER, Ingrid, (1997). “Liebe und Erkenntnis. Kommunikationsstrukturen bei Bettine von Arnim. Ein Vergleich fiktiven Sprechen mit Gesprächen im Salon”, in *Salons der Romantik*, hrsg. von Hartwig Schultz, Berlin, 235-250.

LEITNER, Ingrid, STEINDORFF, Sibylle von, (1994/95). “Die vollkommenste Grammatik der Liebe, die jemals komponiert wurde”, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Band 6/7-1994/95, Berlin: Saint Albin Verlag, 143-157.

LEJEUNE, Philippe, (1975). *Le Pacte Autobiographique*, Paris: Éditions du Seuil, Collection Poétique.

LEMM, Uwe (ed.), (1987). *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, Band 1-1987, Band 2-1988, Band 3-1989, Band 4-1990, Band 5-1993, Band 6/7-1994/95, Band 8/9- 1996/97, Band 10-1998, Band 11/12-1999/2000. Berlin: Saint Albin Verlag.

LESSER, Sigrid, (1990). „Bettina von Arnim - Psychologisches um eine ungewöhnliche Frau“, in Uwe Lemm (ed.), *Internationales Jahrbuch der Bettine-von-Arnim-Gesellschaft*, Berlin: Saint Albin Verlag, vol. 4-1990, 99-124.

LUTZ, Bernd, [Hrsg.], (1997). *Metzler -Autoren-Lexikon: deutschsprachige Dichter und Schriftsteller von Mittelalter bis zur Gegenwart – ungekürzte Sonderausg., 2. überarb. und erw. Aufl.* Stuttgart, Weimar: Metzler.

MANDELKOW, Karl Robert, (1980). *Goethe in Deutschland: Rezeptionsgeschichte eines Klassikers*, Bd 1, München: Verlag C.H. Beck.

MATHIAS, Marcello Duarte, (1991). “O Diário íntimo ou a Procura de Identidade”, in JL, Lisboa, 23/4/1991.

_____, (1997). “*Autobiografias e Diários*”, Colóquio-Letras, N° 143/144, Janeiro-Junho 1997.

MARX-ENGELS, (1974). *Sobre Literatura e Arte* [trad. de Alberto Lima], 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa.

NICKISCH, Reinhard, (1979). “Präliminarien zu einer systematisch und historisch adäquaten Erschließung der deutschen Briefliteratur”, in *Literatur in Wissenschaft und Unterricht*, Jahrgang 13, 1979, 206-225.

NÖRTEMANN, Regina, (1990). “Brieftheoretische Konzept im 18. Jahrhundert und ihre Genese”, in R.N. u.a., *Brieftheorie des 18. Jahrhunderts*, Stuttgart: Metzler, 211-224.

NÜNNING, Ansgar [Hrsg.], (2001). *Metzler Lexikon der Literatur und Kulturtheorie*, Stuttgart: Metzler Verlag.

OCKENFUß, Solveig (1992). *Bettine von Arnims Briefromane. Literarische Erinnerungsarbeit zwischen Anspruch und Wirklichkeit*, Diss., Opladen: Westdeutscher Verlag.

PÜSCHEL, URSULA [Hrsg.], (1990). “... und mehr als einmal nachts im Thiergarten”, *Bettine von Arnim und Heinrich Bernhard Oppenheim- Briefe 1841-1849*. Bettine von Arnim-Studien, Band 1, Berlin: FSP-Fotosatz + Spezielle EDV- Programme GmbH.

RILKE, Rainer Maria, (1940). *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*, Leipzig: Insel Verlag.

ROCHA, Andréa, (1985). *A Epistolografia em Portugal*, 2ª edição, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ROCHA, Clara, (1992). *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra: Almedina.

- RUNES, Dagobert, D., (1990). *Dicionário de Filosofia*, [trad. do original Inglês de Maria Virgínia Guimarães e outros.], Lisboa: Editorial Presença.
- SCHLAFFER, Hannelore, (1977). "Frauen als Einlösung der romantischen Kunsttheorie", *Jahrbuch der deutschen Schillergesellschaft*, 21. Jahrgang, 1977, 274-296.
- SCHLEGEL, Friedrich, (1956). *Kritische Schriften*, hrsg. von Wolf Dietrich Rasch. München: Carl Hanser Verlag.
- SCHNEIDER, Gerhard, (1962). *Studien zur deutschen Romantik*. Leipzig: Koehler & Amelang.
- SCHMITZ, Walter und Sibylle von STEINDORF [Hrsg.], (1992). "Der Geist muß Freiheit genießen...!", *Studien zu Werk und Bildungsprogramm Bettine von Arnims. Beiträge des Bettines Kolloquiums vom 6 bis 9. Juli 1989 in München*. Bettina von Arnim-Studien, Band 2, Berlin: FSP GmbH – Saint Albin Verlag.
- SCHULTZ, Hartwig, HÄRTL, Heinz und Marie Claire HOOCK-DEMARLE, (1987). *Bettine von Arnim. Romantik und Sozialismus (1831-1859)*, Trier: Schriften aus dem Karl-Marx-Haus, 35.
- SCHULZ, Hartwig [Hrsg.], (1999). "Die Echte Politik muß Erfinderin sein", Berlin: Saint Albin Verlag.
- SCHWARZ, Herta, (1990). " 'Brieftheorie' in der Romantik", in H.S. u.a. (Hrsg.), *Brieftheorie des 18. Jahrhunderts*, Stuttgart: Metzler, 225-238).
- SEIDEL, Ina, (1944). *Drei Dichter der Romantik*, Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt.
- SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e, (1998). *Metodologia da Investigação, Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos*, Porto: Livraria Civilização Editora.
- STROBL, Karl Hans, FRITSCH, Karl Wilhelm (1908). *Geschichten der Bettina von Arnim*, Berlin: F. Fontana, & Co. .
- STERN, Martin, (1986). "Autobiographie und Identität", in Gaetano Benedetti und Louis Wiesmann, *Ein Inner Sein. Interdisziplinäre Vorlesungen zum Problem der Identität*, Göttingen: eds. G. Benedetti/L. Wiesmann, 257-270.
- STROBL, Karl Hans, FRITSCH, Karl Wilhelm, (1908). *Geschichten der Bettina von Arnim*, Berlin: F. Fontana, & Co. .
- THAMM, Angela, (2000). *Romantische Inzenierungen in Briefen: der Lebenstext der Bettine von Arnim geb. Brentano*, Berlin: Saint Albin Verlag (Berliner Beiträge zur Germanistik).
- WIESE, Benno von [Hrsg.], (1983). *Deutscher Dichter der Romantik. Ihr Leben und Werk*, Berlin: Erich Schmidt Verlag.

WOLF, Christa, (1987). "Nun ja! Das nächste Leben geht aber heute an. Ein Brief über die Bettine", in Christa Wolf, *Die Dimension des Autors. Essays und Aufsätze, Reden und Gespräche 1959-1985*, Darmstadt: Luchterhand, 572-610.

WYSS, Hilde, (1935). *Bettine von Arnims Stellung zwischen der Romantik und dem jungen Deutschland*, Diss., Bern: Paul Haupt - Akademische Buchhandlung vorm. Max Drechsel.

Páginas consultadas na Internet

BAUS, Lothar - Der Illuminat und Stoiker Goethe. 'Bettinas wirkliches Verhältnis zu Goethe'.

<http://www.gutenberg.aol.de/suchverl/baus/illumin.htm>.

DOANE, Erika e outros - Bettina von Arnim. <http://www.dickinson.edu/~eddyb/arnim.html>

EMERSON, Ralph Waldo – A Letter.

http://jjnet.com/emerson/a_letter.htm .

FRIEDMANN, Sarah – Bettina von Arnim (1785-1859).

<http://clem.mscd.edu/~mdl/gerresources/frauen/bvonarnim.htm> .

GOODRICH, Cynthia - Bettina Arnim: Das Leben mit der Liebe (1785-1859).

<http://www.orst.edu/instruct/ger341/cynthia.htm>. Bettina Arnim: Das Leben mit der Liebe (1785-1859)

KRIMMER, Elisabeth - BETTINA AND LOUISE: GENDER CONSTRUCTIONS IN BETTINA BRENTANO-VON ARNIM'S CLEMENS BRENTANOSFRÜHLINGSKRANZ

<http://escholarship.cdlib.org/ias/sy-quia/pdf/kr.pdf>.

MOERING, Renate - Bettine von Arnim, geb. Brentano.

<http://www.klassik.com/de/magazine/people/arnim/moering.htm>.

PRENZLBERGER ZEITUNG PDS - Ein Denkmal für die Arnims.

<http://members.aol.com/prenzlbztg/arni.html>.

PÜSCHEL, Ursula - »... wider die Philister und die bleierne Zeit«.

<http://ab-verlag.de/pueschel.htm>.

SCHLAFFEER, Hannelore - "Bettine Brentano. Wer ein schön Gesicht hat...". Originale und erdichtete Briefe ausgewählt und kommentiert. München, Hanser-Verlag 1999, 160 Seiten, ISBN 3-446-19754-0.

http://www.carpe.com/buch/t_brentano_bettine_gesicht_make.html.

STADELHOFER, Carmen – Frauen im Aufbruch.

<http://www.uni-ulm.de/uni/fak/zawiw/carmen/aufsatz.html#arnim>.

STEIG, Reinhold - Heinrich von Kleist's Berliner Kämpfe (Berlin, Stuttgart: Spemann 1901), 430-433 - II. Bettina

http://www.textkritik.de/bka/dokumente/dok_steig/steigk_430-433.htm.

<http://141.20.150.19/pm/Leh/StudProj/Caspary/Bettina.html> - Andre Caspary: "Bettinas Goethe - Hausarbeit im Seminar 'Der interkulturelle Goethe' " (SS 97, Dr. Peter Matussek).

http://aphorismen-archiv.de/autoren/autoren_a/arnim.html - Bettina von Arnim.

<http://bachelor.wabash.edu/issues/107/06/News/grimm.asp> - Grimm Discussion of Romance Novel. Josh Tatum Reporter.

<http://gutenberg.aol.de/autoren/arnimb.htm> - Bettina (Catharina Elisabetha Ludovica Magdalena) von Arnim geb. Brentano.

<http://home.nordwest.net/toddy/BArnim.htm> - Bettina von Arnim.

http://members.aol.com/hdkberlin2001/doku/bettine_artikel.htm - Universalgeist der Romantik.

<http://morgenpost.berlin1.de/archiv1997/971019/bezirke/story311194.html> - Denkmal für das Ehepaar von Arnim.

<http://schule.spiegel.de/goethe/frauen/0,2172,86003,00.html> - Frauen um Goethe.

http://writetools.com/women/stories/vonarnim_bettina.html – The weeks of famous and infamous women.

http://www.aski.org/kb2_99/kb299arnim.htm - Der Nachlass des Dichterpaars Achim und Bettina von Arnim.

http://www.bundestag.de/blickpkt/arch_bpk/frauen4.html - Der lange Weg der Frauen.

<http://www.diebruedergrimm.de/texte/seiten/dbioarnim.htm> - BETTINE VON ARNIM 1785-1859.

http://www.geocities.com/gene_moutoux/Bettina.htm - Bettina von Arnim.

<http://www.geschichte.2me.net/bio/cethegus/a/arnimb.html> - Bettina von Arnim (1785-1853 nach Christus).

<http://www.goethe.de/os/hon/aut/dearnb.htm> - Bettine von Arnim, 1785 – 1859.

http://www.gs-lehnin.pm.bb.schule.de/bettina_von_arnim/arnim.htm - Bettina von Arnim (1785-1859).

http://www.gs-lehnin.pm.bb.schule.de/bettina_von_arnim/bettina-zs.htm - Zeitstrahl.

http://www.gs-lehnin.pm.bb.schule.de/bettina_von_arnim/romantik2.htm - 'Es ist für ein Weib sehr gefährlich zu dichten...?'

<http://www.hum.uva.nl/kgille/Kulturrevolution.html> - Gesammelte Aufsätze zu Goethe und seiner Zeit, Herausgegeben von Hannelore Scholz, mit einem Geleitwort von Karl Robert Mandelkow.

<http://www.in-prenzlauer-berg.de/publikationen/bilanz/arnimplatz.html> - Grün im Wandel.

<http://www.klassik.com/de/magazine/people/arnim/> - Bettina von Arnim.

<http://www.kollektiveautorschaft.uni-koeln.de/bettin~1.htm> - Bettine von Arnim.

<http://www.kollektiveautorschaft.uni-koeln.de/goethe.html> - Die Begründung von Autorschaft in Bettine von Arnims ‚Goethes Briefwechsel mit einem Kinde‘.

<http://www.kollektiveautorschaft.uni-koeln.de/salonkultur.htm> – Salonkultur.

<http://www.krref.krefeld.schulen.net/biographien/r0112t00.htm> - Arnim, Bettina von.

<http://www.lyrikwelt.de/autoren/vonarnim.htm> – Bettine von Arnim.

<http://www.ne.shuttle.de/ne/bva/bettina.htm> - Bettina von Arnim. Lebensdaten.

<http://www.ni.schule.de/~pohl/literatur/epochen/romantik.htm> - Die Epoche der Romantik (1798-1835).

http://www.omen.de/history/fp_arnim.htm - Frauen Lexikon Personen. Bettina von Arnim. 1785-1859.

<http://www.pausenhof.de/referate/refdeu/refdeuo001.asp> - Fritzlar Offenbach: Bettina von Arnim.

http://www.planet-interkom.de/wolf.busch/arnim_b.htm - Bettina von Arnim Kurzbiographie.

<http://www.polarstar.de/heft/romantik.htm> - Auszüge aus dem Artikel ‚Zwischen Todessehnsucht und Naturmystik - Die Epoche der Romantik‘ (von Alexandra).

http://www.preussen-chronik.de/person.jsp?key=Person_Bettina%20von_Arnim - Bettina von Arnim.

<http://www.recmusic.org/lieder/a/arnim.html> – Bettina von Arnim, née Brentano (1785-1859)

<http://www.stefanbaldi.de/rheingauchronik.de/Menschen/Personen/Bettina%20von%20Arnim.php> - Bettina von Arnim, geb. Brentano.

<http://www.suedwestfeld.de/arnim.htm> - zu den Werken: Achim von Arnim zu den Werken: Bettina von Arnim. Bettina: ein Brief an Goethe vom 16. Juni 1809.

<http://www.uni-karlsruhe.de/~za874/homepage/arnimb.htm> - Bettine von Arnim geb. Brentano.

<http://www.wiepersdorf.de/mus-bio.html> - Künstlerhaus Schloss Wiepersdorf.

<http://www.zum.de/Faecher/D/Saar/gym/bett2txt.htm> - Bettina von Aufzeichnung.

<http://www.zum.de/Faecher/D/Saar/gym/bettitxt.htm> - Brentano, Bettina (genannt Bettine , eigentlich Elisabeth) von (1785 - 1859).

ANEXO

Imagem da estátua de Goethe construída por Karl Steinhäuser e que por influência de Bettina von Arnim se tornou num monumento alemão. Esta fotografia foi retirada de *Internationales Jahrbuch der Bettina-von-Arnim-Gesellschaft*, vol. 6/7-1994-1995, p. 245.

